



Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Avaliação de Necessidades dos Jovens em Acolhimento
Residencial: Construção e Validação de um Instrumento

Joana Nunes Patrício

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Social e das Organizações

Orientadora:
Professora Doutora Maria Manuela Calheiros
ISCTE-IUL

Outubro, 2009



Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Avaliação de Necessidades dos Jovens em Acolhimento
Residencial: Construção e Validação de um Instrumento

Joana Nunes Patrício

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Social e das Organizações

Orientadora:
Professora Doutora Maria Manuela Calheiros
ISCTE-IUL

Outubro, 2009

**Avaliação de Necessidades dos Jovens em Acolhimento
Residencial: Construção e Validação de um Instrumento**
Joana Nunes Patrício

**Setembro
2009**

Agradecimentos

Antes de mais quero expressar o meu sincero agradecimento à minha orientadora, Professora Doutora Manuela Calheiros, por todas as palavras de incentivo, por toda a confiança, pelo apoio e pela exigência e críticas, que me ajudaram a construir o presente trabalho e a evoluir em termos pessoais e técnicos.

Agradeço à direcção, técnicos e jovens da instituição, que participaram neste trabalho. Sem eles este não faria sentido, nem seria possível.

Agradeço aos meus pais, irmã e sobrinha por toda a paciência, afecto, ânimo e apoio. Por todo o interesse que demonstraram pelo meu trabalho e pelos momentos de distração, que tanto me confortaram e ampararam ao longo deste processo. Foram, indubitavelmente, o meu alicerce.

Agradeço ao Pedro pelo inestimável carinho, coragem e força que me transmitiu e por ter estado presente quando mais precisei.

Agradeço à Patrícia pela amizade, por ter partilhado comigo os melhores e piores momentos, pelas leituras incansáveis desde o princípio deste processo e por nunca ter deixado de confiar e acreditar nas minhas capacidades.

Agradeço ainda a todas as pessoas que trabalharam comigo, nomeadamente à Inês, à Ana, à Leonor, à Conceição e, especialmente, ao João, não só pela ajuda prática, mas também por tudo o que me ensinaram, por todas as críticas e sugestões, por todos os momentos de descontração e por me terem consolado e encorajado nos momentos mais difíceis.

Finalmente, agradeço a toda a minha família e amigos pela amizade, pelo interesse, pela preocupação e pelo apoio.

Resumo

Centrando-se no acolhimento residencial para crianças e jovens em risco, este trabalho tem como objectivo desenvolver um Questionário de Avaliação de Necessidades de Jovens em Acolhimento Residencial (QANJAR), validá-lo e testar a sua capacidade para identificar perfis de necessidades, pelo que se realizaram dois estudos complementares.

No primeiro, o QANJAR foi desenvolvido com base na literatura e em instrumentos já existentes internacionalmente, assim como em informação recolhida através de focus groups com jovens (n=21) em acolhimento residencial. Foram também integrados itens com base na Lei Tutelar Educativa e outros sugeridos pelos técnicos da instituição. O QANJAR resultou em 210 itens referentes a factores de risco e de protecção – distribuídos por cinco áreas (Situação Habitacional, Relações Sociais e Familiares, Competências e Comportamentos Sociais e Anti-sociais, Saúde Física e Psicológica, e Educação e Emprego) – e outro referente à gravidade do caso.

Para proceder à validação do instrumento, no segundo estudo, o QANJAR foi utilizado para avaliar uma amostra de jovens em acolhimento residencial (n=101). Evidenciaram-se níveis adequados de sensibilidade e de fidelidade, assim como de validade concorrente, que foi analisada através da relação entre a presença de factores de risco e o número de intervenções. Analisou-se ainda a relação entre os factores de risco e protectores, obtendo-se uma correlação positiva entre os primeiros e uma correlação negativa entre os dois tipos de factores. Finalmente, este estudo permitiu identificar dois perfis consistentes de necessidades: um constituído sobretudo por factores de risco e outro por factores de protecção, comprovando-se assim esta potencialidade do instrumento.

Palavras-chave: Avaliação de Necessidades; Factores de Risco; Factores de Protecção; Identificação de Perfis de Necessidades.

2956 Childrearing & Child Care

3373 Community & Social Services

Abstract

Focusing on the residential care to children and youth at risk, the present study was designed to develop a Questionnaire for the Assessment of Youth Needs in Residential Care (QANJAR), validate it and test his capacity to identify profiles of needs. To achieve that purpose, we developed two complementary studies.

In the first, the questionnaire was developed considering the literature, tools already used in the international level, and information collected trough focus groups with in-care youth (n=21). There were also integrated items based on the Tutelar Educative Law and others suggested by the technicians of the institution. The questionnaire resulted in 210 items referring to risk and protective factors – separated into five life areas (Living situation, Family and social relationships, Competencies and Social and Anti-social behaviour, Physical and psychological health, and Education and employment) – and another item referring to the seriousness of the case.

To validate the instrument, in the second study, it was used to assess a sample of in-care youth (n=101). This study evidenced appropriate levels of sensibility, reliability and concurrent validity, proved by the relation between the presence of risk factors and the number of interventions provided to the youth. We also analysed the relation between risk and protective factors, which showed a positive correlation between the first ones and negative between the two kinds of factors.

Finally, this study allowed the identification of two consistent profiles of needs: one composed mainly by risk factors and the other by protective factors, proving this potentiality of the instrument.

Keywords: Needs Assessment; Risk Factors; Protective Factors; Identification of Needs Profiles.

2956 Childrearing & Child Care

3373 Community & Social Services

Índice

1. INTRODUÇÃO	1
2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	3
2.1 Enquadramento Legal do Acolhimento Residencial de Criança e Jovens em Risco.....	3
2.2 Definição de Necessidades.....	6
2.3 Participação e Fontes de Avaliação de Necessidades.....	10
2.4 Abordagens Conceptuais e Metodológicas de Avaliação de Necessidades.....	11
2.5 Definição de Objectivos.....	15
3. ESTUDO I.....	17
3.1 Identificação de Áreas para a Avaliação de Necessidades.....	17
3.2 Identificação de Dimensões Relevantes para os Jovens.....	19
3.2.1 Método.....	19
3.2.1.1 Participantes.....	19
3.2.1.2 Instrumento.....	20
3.2.1.3 Procedimento.....	21
3.2.2 Resultados.....	22
3.3 Elaboração do Questionário de Avaliação de Necessidades de Jovens em Acolhimento Residencial (QANJAR).....	30
3.3.1 Processo de Construção do QANJAR.....	31
3.3.2 Descrição do QANJAR.....	33
3.4 Conclusões do Primeiro Estudo.....	37
4. ESTUDO II.....	40
4.1 Método.....	40
4.1.1 Participantes.....	40
4.1.2 Instrumento.....	41
4.1.3 Procedimento.....	42
4.2 Resultados.....	43
4.2.1 Análise das Qualidades Psicométricas do QANJAR.....	43
4.2.1.1 Análise Descritiva.....	43
4.2.1.2 Sensibilidade.....	44
4.2.1.3 Fidelidade.....	44

4.2.1.4 Validade Concorrente.....	45
4.2.1.5 Correlação Inter-áreas.....	46
4.2.2 Identificação de Perfis de Necessidades.....	47
4.3 Conclusões do Segundo Estudo.....	58
5. DISCUSSÃO GERAL.....	62
REFERÊNCIAS	65
ANEXOS.....	69

Índice de Anexos

Anexo 1. Guião do Focus Group com Jovens.....	69
Anexo 2. Tabela com Sistema de Categorias Resultante dos Focus Groups.....	72
Anexo 3. Questionário de Avaliação de Necessidades de Jovens em Acolhimento Residencial.....	75
Anexo 4. Origem e Fontes de Operacionalização dos Itens do QANJAR.....	85
Anexo 5. Coordenadas das Categorias.....	90
Anexo 6. Configuração das Variáveis Suplementares no Plano Bidimensional.....	92
Anexo 7. Distribuição dos Sujeitos no Plano Bidimensional.....	92
Anexo 8. Distribuição dos Clusters Juntamente com a Configuração das Categorias e dos Sujeitos no Plano Bidimensional.....	93
Anexo 9. Custom Tables Referentes ao Cruzamento das Variáveis Activas da ACM com os Clusters.....	94

Índice de Tabelas

Tabela 1. Semelhanças e Particularidades das Abordagens Conceptuais e Metodológicas.....	13
Tabela 2. Categorias da Percepção da Instituição (Frequência/Percentagem).....	24
Tabela 3. Categorias do Espaço Físico (Frequência/Percentagem).....	24
Tabela 4. Categorias dos Serviços da RA (Frequência/Percentagem).....	25
Tabela 5. Categorias das Regras na RA (Frequência/Percentagem).....	25
Tabela 6. Categorias do Clima de Insegurança na RA (Frequência/Percentagem).....	25
Tabela 7. Categorias dos Educadores (Frequência/Percentagem).....	26
Tabela 8. Categorias dos Pares (Frequência/Percentagem).....	26

Tabela 9. Categorias dos Técnicos (Frequência/Percentagem).....	27
Tabela 10. Categorias da Adaptação/Dificuldades na Escola (Frequência/Percentagem).....	27
Tabela 11. Categorias da Aprendizagem Escolar (Frequência/Percentagem).....	27
Tabela 12. Categorias da Autonomia (Frequência/Percentagem).....	28
Tabela 13. Categorias dos Factores das Instituições (Frequência/Percentagem).....	29
Tabela 14. Categorias dos Factores do Jovem (Frequência/Percentagem).....	29
Tabela 15. Número de Macro-categorias e Categorias por Área de Necessidade.....	30
Tabela 16. Origem dos Itens/Variáveis.....	31
Tabela 17. Comunalidades das Fontes de Informação com os Focus Groups.....	32
Tabela 18. Número e Tipo de Factores por Área.....	32
Tabela 19. Variância Possível dos Scores de Risco e Protecção.....	41
Tabela 20. Medidas Descritivas (Mínimo, Máximo, Média e Percentis) dos Factores de Risco e de Protecção por Área e no Total.....	43
Tabela 21. Valores de Assimetria e Curtose dos Factores de Risco e de Protecção por Área e no Total.....	44
Tabela 22. Consistência Interna por Área e Tipo de Factor (KR21).....	45
Tabela 23. Correlações entre Factores de Risco.....	46
Tabela 24. Correlações entre Factores de Risco e Factores de Protecção.....	46
Tabela 25. Lista das Variáveis Activas na ACM.....	48
Tabela 26. Características do Perfil 1.....	56
Tabela 27. Características do Perfil 2.....	57
Tabela 28. Características do Perfil 3.....	57
Tabela 29. Diferenças na Distribuição de Factores de Risco e Protecção por Clusters....	58

Índice de Gráficos e Figuras

Figura 1. Sistema de Avaliação de Necessidades.....	9
Gráfico 1. Representação da Inércia por Dimensão.....	49
Gráfico 2. Configuração das Categorias no Plano Bidimensional.....	51
Gráfico 3. Coeficientes de Fusão através do Critério de Ward.....	54
Gráfico 4. Coeficientes de Fusão através do Critério do Vizinheiro Mais Afastado.....	54

1. INTRODUÇÃO

Parece claro e indiscutível que os serviços sociais devem focalizar-se nas necessidades das populações, de forma a satisfazê-las, devendo diferenciar-se e especificar-se perante as diferentes carências e problemas da população que servem, no sentido de obterem uma maior eficácia nos serviços que prestam.

Isto aplica-se tanto a serviços para populações gerais, como hospitais, assim como a serviços para populações específicas, como lares para idosos ou o acolhimento residencial para crianças e jovens em risco - serviço no qual se centra este trabalho.

De facto, a literatura no âmbito do acolhimento residencial refere algumas limitações desta modalidade de resposta, que contrariam o que seria expectável, como: a) a falta de centralização do acolhimento nas necessidades específicas das crianças e jovens (Bullock, Little, e Milham, 1993, Casas, 1993, e Valle, 1998, citados por Calheiros, Garrido, Moleiro, Rodrigues e Norberto, 2005); e, b) a reduzida promoção de competências, pois os jovens, na maior parte das vezes, saem das instituições, sem os recursos, o suporte ou as competências de vida necessárias para a sua auto-suficiência (Colca e Colca, 1996), acabando, deste modo, por ser afectados por problemas como a parentalidade prematura, o abuso de substâncias, a delinquência, o desemprego, a baixa realização escolar, a mendicidade e problemas emocionais e psicológicos, como a depressão e o stress psicológico (Cook, 1991; Barth, 1990; Courtney, Piliavin, Grogan-Kaylor & Nesmith, 2001).

Estas limitações reflectem o desajustamento das intervenções às carências das populações que servem. Esta questão tem sido abordada em vários estudos que revelam que os serviços prestados não se fundamentam nas necessidades, não sendo assim eficazes na satisfação das mesmas (Aldgate e Statham, 2001). Ainda neste seguimento, existem evidências de que muitos serviços são prestados de forma inapropriada e tardiamente, uma vez que são determinados pela sua disponibilidade (oferta) e não pelas necessidades (procura), o que suporta esta falta de ligação entre os serviços e a avaliação de necessidades (Aldgate e Statham, 2001).

Embora esta questão esteja em discussão há mais de 10 anos, vários serviços continuam a seguir uma abordagem *one-size fits all*, não se diferenciando consoante as necessidades dos diferentes casos (Little, Axford e Morphet, 2004).

Fortalece-se, assim, a ideia de que é imprescindível uma mudança dos serviços entendidos como amplos e categóricos para serviços específicos, baseados nas necessidades, denominados de *needs-led* ou *community-based services* (Taylor, 2005). Por outras palavras,

no sistema de acolhimento, são precisos serviços específicos, flexíveis, multifacetados e diferenciados que se ajustem às características, necessidades e fases de desenvolvimento dos seus utilizadores (McCoy, McMillen e Spitznagel, 2008).

Note-se que estes serviços têm maior probabilidade de serem eficazes (Axford, Little, Morphet e Weyts, 2005), pois, geralmente, estão mais orientados para os resultados e baseiam-se, inevitavelmente, nas evidências (Axford e Little, 2004). Além disso, o foco nas necessidades permite que a intervenção seja mais personalizada, e encoraja o uso de técnicas, cuja utilidade esteja comprovada (Axford e Little, 2004). Salienta-se, também, que este tipo de serviços inclui a provisão de assistência e de bens materiais e não materiais, em todas as áreas da vida da criança ou jovem (Axford e Little, 2004), seguindo assim uma orientação ecológica e sistémica.

Além destes aspectos, é ainda importante frisar a necessidade prévia de informação de diferentes tipos e fontes (Taylor, 2005) de modo a alcançar-se uma imagem precisa das necessidades e desenvolverem-se serviços específicos, baseados nas mesmas.

Tudo isto nos remete para a importância da avaliação de necessidades, que deverá ser considerada anteriormente ao desenvolvimento de novos programas e serviços de intervenção, e que também poderá ser utilizada no sentido de melhorar os serviços existentes. Deste modo, a avaliação de necessidades é identificada como um aspecto essencial para a evolução dos serviços sociais para crianças e jovens em risco (Bullock, Little e Millham, 1993).

O presente trabalho enquadra-se no âmbito de um projecto de investigação e intervenção, decorrente do reconhecimento desta importância de desenvolver serviços específicos para a evolução e eficácia dos serviços sociais para crianças e jovens em risco. Nesse sentido, foi assinado um protocolo de colaboração entre o Centro de Investigação e Intervenção Social (CIS – ISCTE/IUL) e outras instituições, que determina a realização de um diagnóstico de necessidades que fundamente o desenvolvimento de um novo serviço para jovens em acolhimento residencial.

Para levar a cabo este processo de avaliação de necessidades são necessários instrumentos específicos, faltando no contexto português um instrumento para avaliar as necessidades de jovens em acolhimento residencial e que fundamente o desenvolvimento de intervenções e serviços para os mesmos. Perante esta carência colocámos como objectivos gerais deste trabalho:

- a) Desenvolver um instrumento especificamente para avaliar as necessidades actuais de jovens (a partir dos 14 anos) em acolhimento residencial e no contexto português.

- b) Validar o instrumento e testar a sua capacidade para identificar perfis de necessidades.

Em suma, com este trabalho ambiciona-se contribuir para uma possível modificação da abordagem nos serviços de acolhimento residencial portugueses, passando de serviços indiferenciados para serviços específicos, baseados nas necessidades, através do desenvolvimento e validação de um Questionário de Avaliação de Necessidades de Jovens em Acolhimento Residencial (QANJAR), que fundamente e oriente os serviços e intervenções específicas para esta população.

O desenvolvimento de um instrumento desta natureza leva a que se coloquem de imediato três questões: 1) o que são necessidades e que necessidades avaliar; 2) através de que fontes ou perspectivas; e 3) e a partir de que metodologias. Estas questões servirão de guia ao desenvolvimento do instrumento e serão analisadas durante o enquadramento teórico, após uma breve síntese da definição legal do acolhimento residencial de crianças e jovens em risco.

De seguida, serão descritos os objectivos específicos deste trabalho e os dois estudos realizados. No primeiro, procede-se à descrição do processo de desenvolvimento do QANJAR, com base na literatura, em instrumentos aplicados a este contexto e em informação recolhida com jovens em acolhimento residencial. No segundo, apresenta-se o processo de validação do instrumento e o teste da sua capacidade para identificar perfis de necessidades.

Em ambos os estudos, serão apresentados os objectivos específicos, a metodologia utilizada – que inclui uma descrição dos participantes, do instrumento e do procedimento –, os resultados e as conclusões.

Finalmente, será elaborada uma discussão geral, onde serão descritas as limitações e potencialidades deste trabalho.

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1. Enquadramento Legal do Acolhimento Residencial de Crianças e Jovens em Risco

Em Portugal, segundo a lei de protecção de crianças e jovens¹ em perigo (Diário da República, Lei 147/99, de 1 de Setembro), existe legitimidade de intervenção por parte das

¹ Na referida lei, por criança ou jovem entende-se a pessoa com menos de 18 anos ou com menos de 21 anos, desde que solicite a continuação da intervenção.

entidades interventoras² quando “os pais, o representante legal ou quem tenha a guarda de facto ponham em perigo a sua [criança ou jovem] segurança, saúde, formação, educação ou desenvolvimento, ou quando esse perigo resulte de acção ou omissão de terceiros ou da própria criança ou do jovem a que aqueles não se oponham de modo adequado a removê-lo” (Artigo 3º, p.6116). Segundo a mesma lei, uma criança ou jovem são considerados como estando em perigo quando se encontram numa das seguintes situações:

- a) Está abandonada ou vive entregue a si própria;
- b) Sofre maus-tratos físicos ou psíquicos ou é vítima de abusos sexuais;
- c) Não recebe os cuidados ou a afeição adequados à sua idade e situação pessoal;
- d) É obrigada a actividades ou trabalhos excessivos ou inadequados à sua idade, dignidade e situação pessoal ou prejudiciais à sua formação ou desenvolvimento;
- e) Está sujeita, de forma directa ou indirecta, a comportamentos que afectem gravemente a sua segurança ou o seu equilíbrio emocional;
- f) Assume comportamentos ou se entrega a actividades ou consumos que afectem gravemente a sua saúde, segurança, formação, educação ou desenvolvimento sem que os pais, o representante legal ou quem tenha a guarda de facto se lhes oponham de modo adequado a remover essa situação. (p. 6117).

Em países como a Inglaterra é ainda feita uma distinção entre as crianças/jovens em risco e em necessidade, sendo consideradas em necessidade quando a sua saúde e/ou desenvolvimento estão significativamente afectados, ou é provável que venham a estar, caso não se providenciem os serviços de intervenção necessários (HMSO, 1989). Deste modo, o conceito de necessidades situa-se como algo precedente ao risco, e esta distinção segue uma lógica de prevenção do agravamento da situação da criança/jovem.

No contexto português esta distinção é feita através da noção de risco e perigo. Aqui, o risco surge como uma fase antecedente ao perigo, que incita à promoção dos direitos das crianças e jovens e à prevenção das situações de perigo, sendo que a actuação a este nível, geralmente, é da responsabilidade das Comissões de Protecção a Crianças e Jovens (CPCJ) na sua modalidade alargada; por sua vez, as situações de perigo impulsionam a intervenção secundária e terciária, tanto das Comissões de Protecção a Crianças e Jovens (CPCJ) na sua modalidade restrita, como dos tribunais (Diário da República, Lei 147/99, de 1 de Setembro). No entanto, segundo Torres et al. (2008), esta distinção não é clara nas CPCJ, devido à falta

² São entidades interventoras as entidades com competência em matéria de infância e juventude, as comissões de protecção de crianças e jovens (CPCJ) e os tribunais.

de critérios normalizados de avaliação e de formação específica para o diagnóstico de problemáticas mais graves.

Ao nível da intervenção, existem várias medidas de protecção e promoção de direitos que se podem adoptar quando uma criança ou jovem é referenciado ao Sistema de Protecção a Crianças e Jovens em Risco. Segundo a lei de protecção de crianças e jovens em perigo (Diário da República, Lei 147/99, de 1 de Setembro), estas medidas têm a finalidade de:

- a) Afastar o perigo em que estes [crianças e jovens] se encontram;
- b) Proporcionar-lhes as condições que permitam proteger e promover a sua segurança, saúde, formação, educação, bem-estar e desenvolvimento integral;
- c) Garantir a recuperação física e psicológica das crianças e jovens vítimas de qualquer forma de exploração ou abuso. (p.6121).

Algumas aplicam-se em meio natural de vida, como é o caso do apoio junto dos pais, do apoio junto de outro familiar, da confiança a pessoa idónea e do apoio para a autonomia de vida. Outras aplicam-se em regime de colocação, como é o caso do acolhimento familiar e do acolhimento em instituição (ou residencial).

Segundo o relatório de actividades das Comissões de Protecção a Crianças e Jovens (CNPCJR, 2007), as medidas mais aplicadas em 2006 foram o apoio junto dos pais (79,4%), seguida do apoio junto de outro familiar (9,8%), e logo depois o acolhimento residencial (7,6%). As medidas menos aplicadas são a confiança a pessoa idónea (1,3%), o acolhimento familiar (1,2%) e, por último, o apoio para a autonomia de vida (0,7%). Assim, ao nível das medidas em regime de colocação, o acolhimento residencial é aquela que tem maior expressão em Portugal, sendo esta definida como a “colocação da criança ou jovem aos cuidados de uma entidade, que disponha de instalações e equipamento de acolhimento permanente e de uma equipa técnica, que lhes garantam os cuidados adequados às suas necessidades e lhes proporcionem condições que permitam a sua educação, bem-estar e desenvolvimento integral” (Lei nº147/99, Artigo 49º, Diário da República). Portanto, este serviço, assim como os serviços para crianças e jovens em risco no geral, tem o intuito de colmatar as necessidades identificadas nos seus utilizadores (Little et al., 2004), ainda que manifeste as limitações referidas na introdução, ao nível da sua falta de diferenciação (Zurita e Valle, 1996, citados por Martins, 2004), especificidade (Bullock, Little, e Milham, 1993, Casas, 1993, e Valle, 1998, citados por Calheiros et al., 2005) e eficácia (Colca e Colca, 1996).

Nesta revisão tem-se ainda em consideração a Lei Tutelar Educativa (Diário da República, Lei 166/99, de 14 de Setembro), visto que é um dos documentos orientadores deste contexto.

Neste documento regulamentam-se as medidas tutelares educativas, nomeadamente as que implicam o internamento em centros educativos. A este respeito, além da regulamentação dos centros educativos, definem-se princípios de intervenção, os direitos e deveres dos menores, prémios, medidas de contenção e o regime disciplinar.

2.2. Definição de Necessidades

O conceito de necessidades tem vindo a sofrer alterações, sendo possível identificar na literatura duas perspectivas centrais ao longo do tempo: a primeira perspectiva, mais biológica e universal, e a segunda, mais social e específica.

A primeira perspectiva é mais antiga e está, sobretudo, ligada ao estudo da motivação e da personalidade na Psicologia, salientando-se, neste âmbito, as teorias da personalidade de Murray (1938) e da motivação de Maslow (1970). Ambas definem as necessidades como um estado de desequilíbrio interno ao organismo, que levaria o indivíduo a agir em direcção a determinados fins, no sentido de colmatar estas necessidades e de entrar novamente num estado de equilíbrio e bem-estar (Beck, 2004). Este processo é entendido, nestas teorias, como a base da personalidade e da motivação, que, através de diferentes mecanismos, têm influência no desenvolvimento humano.

As necessidades identificadas por estes autores são consideradas universais e dividem-se em necessidades primárias ou fisiológicas (como a fome, a sede, o sexo, a segurança, etc.) e em necessidades secundárias ou psíquicas (como a realização, o poder, o amor e pertença, a estima, a auto-actualização, etc.) (Beck, 2004; Maslow, 1970).

Mais tarde, esta distinção clara entre as necessidades primárias e secundárias começa a ser substituída pela ideia de que todas as necessidades são indispensáveis ao funcionamento e desenvolvimento saudáveis dos indivíduos e que, portanto, todas seriam básicas e essenciais (Abreu, 1998, citado por Martins, 2004).

De qualquer forma, se por um lado há quem procure definir necessidades objectivas, intemporais e universais, por outro há quem defenda que as necessidades são relativas, considerando diversos contextos como: as aspirações pessoais, o período histórico, o contexto geográfico e o modo de funcionamento da sociedade (Axford e Little, 2004).

Além disso, há a emergência da concepção de que as necessidades até podem ser universais, mas que aquilo que é preciso para as satisfazer varia culturalmente (Axford e Little, 2004). Isto significa que, ainda que seja possível identificar necessidades universais, a

sua intensidade varia em função de variáveis individuais e contextuais (Martins, 2004), pois embora todas as pessoas possuam necessidades, nem todas conseguem satisfazê-las.

Neste seguimento, a abordagem às necessidades deixa de se focalizar primordialmente na sua base biológica e universal, passando a focalizar-se mais na sua vertente específica e social. Esta segunda perspectiva é mais recente e está bastante relacionada com o contexto dos serviços sociais para crianças e jovens em risco, sendo esta a visão adoptada neste trabalho.

Nesta perspectiva, parte-se da ideia de que existem diversos factores, como a idade, a cultura, o desenvolvimento do país, o contexto e as circunstâncias de vida, que influenciam, de forma positiva ou negativa, as necessidades e o desenvolvimento das crianças e jovens. Deste modo, as necessidades são entendidas como o resultado da acumulação de factores de risco e de protecção no desenvolvimento da criança e jovem (Little et al., 2004), importando assim definir estes factores:

a) Os factores de risco são definidos como uma característica, experiência, ou acontecimento que se associa com o aumento da probabilidade de um resultado negativo ocorrer (Kazdin, Kraemer, Kessler, Kupfer e Offord, 1997), ou seja, são factores que têm um efeito negativo no desenvolvimento e no bem-estar dos indivíduos (Little et al., 2004), sendo que, geralmente, não é apenas um factor de risco, mas a presença e a interacção de vários que suscitam problemas no desenvolvimento (Little et al., 2004). Além disso, o efeito de um conjunto de factores de risco varia em termos intra e interpessoais, ou seja, pode ter efeitos diferentes num mesmo indivíduo em momentos diferentes do tempo – variação intrapessoal – e pode ter efeitos diferentes em indivíduos diferentes – variação interpessoal (Little et al., 2004).

b) Os factores de protecção são condições ou atributos, duradouros ou passageiros, que moderam o efeito negativo dos factores de risco (Cicchetti e Rizley, 1981, citados por Calheiros, 2006), protegendo o desenvolvimento e o bem-estar dos jovens (Little et al., 2004). Geralmente, estes explicam o facto de algumas crianças serem mais resistentes a um conjunto de factores de risco que outras. A classificação de um factor como factor de risco ou de protecção depende, assim, do sentido positivo ou negativo e do seu efeito no desenvolvimento. No entanto, a maior parte dos factores exprimem-se num contínuo podendo assumir-se como factores de risco ou de protecção, consoante a sua presença ou ausência e intensidade. De qualquer forma, os factores de protecção devem ser identificados, explorados, compreendidos e introduzidos na vida dos jovens para eliminar ou reduzir o efeito negativo dos factores de risco.

O conceito de necessidades tem, também nesta perspectiva, uma relação com o desenvolvimento, na medida em que a interacção entre os factores de risco e de protecção resulta em determinadas necessidades, que, por sua vez, poderão ter um efeito negativo no desenvolvimento se não forem satisfeitas. Deste modo, podemos considerar que as necessidades especificam as condições necessárias à saúde psicológica e ao bem-estar, e que a sua satisfação está associada a um funcionamento mais eficaz do ser humano (Deci e Ryan, 2000).

Em suma, nesta perspectiva de focalização mais social, as necessidades são entendidas como a acumulação e interacção de factores de risco e de protecção, em diversos domínios e dimensões ou áreas da vida, sendo que os indivíduos com maior presença de factores de risco e menor de factores protectores, que possam eliminar ou moderar o efeito negativo dos primeiros, apresentam uma situação de necessidade superior. Esta interacção entre factores explica, assim, parte do desenvolvimento saudável.

Deste modo, numa avaliação de necessidades, é importante compreender o que poderá agir como factor de protecção e o que pode conduzir a uma maior vulnerabilidade na vida da criança ou do jovem (Department of Health, 2000b).

No entanto, dado o elevado número de factores com influência no desenvolvimento e nas necessidades dos jovens, e a diversidade de necessidades a satisfazer, mantém-se a questão sobre que necessidades ou factores avaliar. Desta forma, no contexto dos serviços de protecção para crianças e jovens em risco, surgiu a necessidade de se criarem modelos estruturados que sustentassem a avaliação de necessidades. Iremos referir especificamente o modelo de avaliação de necessidades criado em Inglaterra, por ser aquele que mais tem sido utilizado nos Países da Comunidade Europeia - o *Framework for the Assessment of Children in Need* (Department of Health, 2000a). Este Sistema de Avaliação de Necessidades é um modelo desenvolvido com base teórica, empírica e prática, com o objectivo de facultar uma linguagem comum às diferentes entidades e profissionais de protecção a crianças e jovens em risco. Segundo Ward e Rose (2002), este modelo assenta em valores e evidências acerca do que as crianças e jovens precisam para alcançarem um desenvolvimento bem sucedido e dos factores que podem afectar de forma positiva ou negativa o seu desenvolvimento.

Este modelo advoga que, para compreender as necessidades dos jovens, têm que se considerar pelo menos três domínios na avaliação de necessidades: as necessidades de desenvolvimento dos jovens, a capacidade dos pais ou dos cuidadores para lhes dar uma resposta apropriada, e os factores ambientais e familiares. Como se pode observar na imagem seguinte, dentro destes domínios podem considerar-se diversas dimensões ou áreas da vida,

nas quais os factores de risco e de protecção interagem, resultando em diferentes necessidades. Acresce que a interacção entre estes três domínios deve ser analisada, para se adquirir uma imagem completa das necessidades das crianças e jovens e identificar a melhor resposta para as mesmas (Department of Health, 2000a).

Figura 1. Sistema de Avaliação de Necessidades (Department of Health, 2000a)



Como se pode verificar, este modelo considera variáveis psicológicas e sociais do jovem, no âmbito das suas necessidades de desenvolvimento, como o desenvolvimento emocional e a identidade, e variáveis mais contextuais, no âmbito dos factores e capacidades familiares (e.g. assegurar segurança) e dos factores ambientais (e.g. recursos da comunidade). Este modelo enquadra-se numa perspectiva desenvolvimentista, ecológica e sistémica, na medida em que encara o desenvolvimento humano como resultado de uma interacção constante e de uma influência recíproca entre o indivíduo e os múltiplos sistemas em que este se insere, tal como estabelece a teoria ecológica de Bronfenbrenner (1979).

Uma vez que todas estas variáveis têm influência no desenvolvimento e bem-estar do jovem, torna-se fundamental, na avaliação de necessidades dos jovens em acolhimento residencial, avaliar os factores de risco e de protecção em áreas da vida que se integrem nos três domínios do Sistema de Avaliação de Necessidades (Department of Health, 2000a).

Considera-se ainda que os diferentes sistemas em que o indivíduo se insere têm um impacto variável consoante a sua proximidade ao mesmo (Swenson e Swenson, 2002, citados por Swenson e Chaffin, 2006), de modo que, no âmbito do acolhimento residencial, a residência de acolhimento, tal como tudo o que a integra e envolve (e.g. técnicos), é um dos

sistemas mais imediatos do jovem. Assim, no desenvolvimento de um instrumento para avaliar as necessidades desta população, o acolhimento residencial deve ser encarado como uma área do domínio dos factores ambientais e sociais, de forma a assegurar a especificidade do instrumento.

2.3. Participação e Fontes de Avaliação de Necessidades

No contexto da avaliação de necessidades de jovens em acolhimento residencial, verifica-se que é essencial a participação dos técnicos, uma vez que a percepção destes acerca das necessidades dos jovens influencia a forma como trabalham com os mesmos. Contudo, tem-se vindo a perceber que é igualmente essencial a participação dos jovens, uma vez que a percepção que têm das suas necessidades e da sua situação, suscita determinados comportamentos e a tomada de determinadas decisões (Little et al., 2004) que poderão impedir que vários factores de risco afectem a sua vida (Little e Mount, 1999).

Além disso, a UN Convention on the Rights of the Child (1991) declarou, juntamente com o direito à protecção e à provisão de serviços, o direito das crianças e jovens à participação; sendo esta definida como um processo através do qual os indivíduos têm influência nos processos de decisão que os afectam (Heller, Price e Sher, 1980, citados por Ornelas, 1997).

Não obstante o reconhecimento da importância da participação das crianças e jovens no âmbito dos serviços sociais para crianças e jovens em risco, este direito e a sua aplicação é relativamente recente e pouco utilizado.

Apenas nos últimos anos se tem defendido que é necessário: a) fortalecer a participação das crianças e jovens nos sistemas de protecção aos mesmos, tornando-a sistemática, sustentada e integrada (Hart, 2007); b) considerar as crianças e jovens como agentes promotores da mudança e como cidadãos activos que falam por si mesmos; e c) consultar as crianças e jovens para compreender a forma como gostariam de ser envolvidos e apoiados (Sekulovic, 2007).

São ainda identificados alguns benefícios, que realçam a importância da participação das crianças e jovens na avaliação de necessidades e no desenho de programas e serviços.

Em primeiro lugar, a participação das crianças e jovens no desenvolvimento, na implementação, na avaliação e na melhoria dos serviços e das políticas de intervenção social, assegura que estes são mais legítimos e apropriados para satisfazer as suas necessidades. A participação aumenta ainda o compromisso, o acesso e a utilização dos serviços por parte das

crianças e jovens, o que leva a uma maximização dos recursos (Sekulovic, 2007; Kirby, Lanyon, Cronin, e Sinclair, 2003).

Em segundo lugar, a sua participação fomenta a cidadania e a inclusão social, ao incentivar o envolvimento na vida pública e comunitária desde cedo e ao promover a comunicação de crianças e jovens de diferentes estratos socioeconómicos, de diferentes culturas, etnias, etc. Isto indica-lhes que são considerados e que podem contribuir, aumentando assim as suas percepções e sentimentos de inclusão social (Kirby et al., 2003).

Em terceiro e último lugar, esta participação leva ao desenvolvimento e à educação pessoal e social, uma vez que contribui para o desenvolvimento de jovens mais confiantes e resilientes, ao aumentar diferentes competências nos mesmos (por exemplo, de comunicação, de trabalho em grupo, etc.) e ao melhorar a sua auto-estima (Kirby et al., 2003; Sekulovic, 2007). Além disso, há, ainda, um potencial aumento do sentimento de poder e das competências de *coping* nos jovens envolvidos no processo de participação (Niekerk, 2007).

Conclui-se assim que, além dos técnicos, também os jovens devem participar na avaliação de necessidades, não só porque têm esse direito, mas também porque a sua participação é um princípio chave para aumentar as boas práticas nas instituições.

2.4. Abordagens Conceptuais e Metodológicas de Avaliação de Necessidades

No sentido de melhorar a eficácia dos serviços para as crianças e jovens, a avaliação de necessidades requer a utilização de uma abordagem sistemática, que use um sistema ou mapa conceptual de recolha e análise da informação acerca da criança e da sua família e que discrimine eficazmente entre diferentes tipos e níveis de necessidades (Department of Health, 2000a).

Assim, embora a avaliação de necessidades possa ser realizada através de diversos métodos de investigação, como as entrevistas, os questionários, e a observação, entre outros, têm sido desenvolvidas várias abordagens conceptuais e metodológicas, especificamente no âmbito dos serviços de protecção para crianças e jovens em risco, que permitem não só avaliar necessidades, como planear, implementar e avaliar serviços a partir dessa avaliação prévia das necessidades.

Na literatura identificam-se, pelo menos, quatro abordagens deste tipo: a) LAC - *Looking After Children* (Department of Health, 1995); b) CLA - *Common Language Approach* (Dartington Social Research Unit, 1999); c) FACNF - *Framework for the Assessment of*

Children in Need and their Families (Department of Health, 2000a); d) ICS - *Integrated Children's System* (Department of Health, 2002).

Estas centram-se nas necessidades das crianças e jovens, tendo como principal finalidade promover um desenvolvimento saudável e um bem-estar geral nos mesmos. Nesse sentido, todas estas abordagens realçam a importância de avaliar as necessidades, em termos de factores de risco e de protecção, para que se possa proceder ao planeamento do serviço, à implementação e à avaliação do mesmo, garantindo assim a sua eficácia.

Além disso, salienta-se que estas abordagens partem de uma perspectiva ecológica e têm uma visão holística da criança, ao considerarem a interacção e influência de várias áreas da sua vida e os diversos sistemas em que se insere. Note-se ainda que todas defendem a conveniência da ligação e colaboração entre serviços e entidades, e a importância de supervisionar e avaliar os serviços.

Estas abordagens apresentam ainda outras semelhanças e particularidades, sintetizadas na tabela 1. Como se pode verificar, ao nível dos princípios, nem todas as abordagens consideram que a avaliação de necessidades, planeamento, intervenção e avaliação dos serviços, deva ser um processo contínuo e interactivo. Além disso, apenas duas avaliam os limiares de risco, que indicam a gravidade/seriedade da situação do jovem, e permitem agregar os dados individuais para fazer análises de “clusters” de necessidades.

Note-se, ainda, que a CLA, ressalta: a) a importância da competência do avaliador, já que não implica a participação do jovem no preenchimento dos seus instrumentos; b) a importância de existirem registos únicos dos jovens, que contemplem a informação dos diversos serviços; c) e, ainda, a importância da criação de serviços para grupos com necessidades semelhantes, uma vez que permite agregar os dados individuais.

Ao nível das dimensões ou áreas da vida avaliadas, constata-se que apenas a FACNF e a ICS têm em conta todas as áreas do Sistema de Avaliação de Necessidades (Department of Health, 2000a), apresentado previamente. A LAC considera apenas o domínio das necessidades de desenvolvimento, e a CLA, embora só avalie profundamente cinco áreas - Saúde, Educação e Emprego, Relações Familiares e Sociais, Comportamento Social e Anti-social e Situação Habitacional - pelo modo como as define e avalia, abrange as dimensões do domínio da capacidade dos pais/cuidadores para responder às necessidades e quase todas as dimensões do domínio dos factores ambientais e familiares, à excepção dos recursos da comunidade.

Tabela 1. Semelhanças e Particularidades das Abordagens de Avaliação de Necessidades

Princípios		LAC	FACNF	ICS	CLA
Processo de avaliação, planeamento, intervenção e avaliação contínuo			X	X	X
Processo de avaliação, planeamento, intervenção e avaliação interactiva ou dinâmico			X	X	
Limiars de risco		X			X
Implica a participação da criança ou jovem no seu preenchimento		X	X	X	
Permite agregar os dados individuais		X			X
Criação de serviços para grupos com necessidades semelhantes					X
Competência do avaliador					X
Registos únicos das crianças e jovens					X
Domínio	Áreas Avaliadas				
Necessidades de desenvolvimento	Saúde	X	X	X	X
	Educação	X	X	X	X
	Identidade	X	X	X	
	Apresentação social	X	X	X	
	Competências de auto-cuidado	X	X	X	
	Relações familiares e sociais	X	X	X	X
	Desenvolvimento Emocional e Comportamental /Comportamento Social e Anti-social	X	X	X	X
Capacidade dos pais/cuidadores para responder às necessidades	Cuidados Básicos		X	X	x
	Assegurar Segurança		X	X	x
	Afectuosidade		X	X	x
	Estimulação		X	X	x
	Orientação e Barreiras		X	X	x
	Estabilidade		X	X	x
Factores ambientais e familiares	Funcionamento e História Familiares		X	X	x
	Família Alargada		X	X	x
	Situação Habitacional		X	X	X
	Emprego		X	X	X
	Incomes		X	X	x
	Integração Social da Família		X	X	x
	Recursos da Comunidade		X	X	

Estas metodologias são constituídas por um conjunto de instrumentos e ferramentas que auxiliam a avaliação de necessidades e o posterior planeamento, intervenção e avaliação de serviços.

Das várias ferramentas identificadas centrámo-nos em duas que se enquadram mais no tipo de instrumento que pretendemos desenvolver, uma vez que representam metodologias de avaliação quantitativas e que avaliam as necessidades considerando factores de risco e de protecção. Uma delas é o Formulário de Dados Agregados (FDA), pertencente à metodologia CLA, e outra é o Core Assessment Record (CAR), da metodologia FACNF.

O FDA, desenvolvido pela Dartington Social Research Unit, tem revelado utilidade e validade prática, por ser fácil de usar, rápido e económico, e, sobretudo, porque, ao permitir

identificar grupos de jovens com necessidades semelhantes, facilita o desenvolvimento sistemático de serviços para grupos de crianças ou jovens (Little e Mount, 2003). Esta ferramenta permite recolher informação acerca dos factores de risco e de protecção em cinco áreas da vida das crianças e jovens (situação habitacional, relações familiares e sociais, comportamento social e anti-social, saúde física e psicológica e educação e emprego) e ainda confere uma imagem conjunta dos limiares de risco, dos serviços e dos seus resultados (Little, Axford, e Morpeth, 2002). É preenchida pela equipa técnico-educativa dos jovens, composta por um educador, um assistente social e um psicólogo, de forma a tornar o seu preenchimento mais objectivo e fiável. O FDA é constituído por 312 variáveis, quase todas com escala de resposta dicotómica, e divide-se em cinco secções: Referência e Informação Pessoal, Factores de Risco e de Protecção (para Avaliação das Necessidades), Limiares de Risco, Serviços, e Resultados e Consequências.

O CAR, por sua vez, foi construído para operacionalizar o Sistema de Avaliação de Necessidades, anteriormente descrito, avaliando, deste modo, todas as suas áreas através de 298 itens. A escala de resposta é geralmente dicotómica e é preenchido pelos técnicos, em conjunto com a criança/jovem e com os seus familiares. Note-se que para cada área do domínio das necessidades de desenvolvimento são avaliadas as capacidades dos pais/cuidadores, nas suas diversas dimensões.

Estes instrumentos recolhem ainda dados sócio demográficos da criança/jovem e da sua família, dados acerca do processo e fazem um sumário das necessidades e das potencialidades, tanto da criança/jovem, como dos seus familiares e do contexto.

Realça-se ainda que ambos os instrumentos (FDA e CAR) são aplicados para avaliar as necessidades das crianças/jovens quando são referenciadas aos serviços comunitários e de intervenção do sistema de protecção a crianças e jovens em risco, sendo assim utilizados no sentido de fundamentar as decisões relativas aos serviços e intervenções a desenvolver.

Finalmente, deve-se salientar que a escolha dos métodos de avaliação de necessidades a utilizar depende do investigador e dos objectivos da investigação, embora seja desejável o recurso à triangulação metodológica - que consiste numa combinação de métodos quantitativos e qualitativos e na avaliação de diferentes fontes (Reviere, Berkowitz, Carter e Ferguson, 1996) - dado que esta fortalece as conclusões que se podem fazer dos dados e permite aliar as vantagens dos dois tipos de métodos: maior extensão dos dados, maior profundidade, compreensão, generalização e proximidade ao contexto (Reviere et al., 1996).

2.5. Definição de Objectivos

Como foi referido na introdução, neste trabalho definimos como objectivos gerais: desenvolver um instrumento especificamente para avaliar as necessidades actuais de jovens (a partir dos 14 anos) em acolhimento residencial e no contexto português; validá-lo e testar a sua capacidade para identificar perfis de necessidades.

No sentido de cumprir este propósito foram desenvolvidos dois estudos com objectivos específicos.

No primeiro estudo, de carácter qualitativo, foi desenvolvido o Questionário de Avaliação de Necessidades de Jovens em Acolhimento Residencial (QANJAR). Este questionário tem como objectivo avaliar as necessidades actuais dos jovens neste contexto, em termos de factores de risco e de protecção, seguindo aquilo que é indicado na literatura. Assim, foi construído com base em diferentes fontes conceptuais e operacionais de informação, nomeadamente, através da teoria e de outros instrumentos já existentes nesta área, possibilitando uma avaliação mais completa e abrangente do jovem; na lei tutelar educativa e nas práticas existentes no contexto português, permitindo a adequação do instrumento ao seu contexto cultural específico; e, finalmente, em informação recolhida com um grupo de jovens em acolhimento residencial, promovendo assim a sua participação e o ajustamento deste instrumento aos seus interesses e necessidades.

Foram então definidos como objectivos específicos deste estudo:

1. Identificar as áreas para a avaliação de necessidades com base em metodologias já existentes a nível internacional, sobre avaliação de necessidades no contexto de intervenção social.
2. Através de grupos de discussão, identificar dimensões e variáveis relevantes para os jovens na avaliação das suas necessidades.
3. Construir o QANJAR, considerando as dimensões e variáveis identificadas pelos jovens, assim como a lei tutelar educativa e os instrumentos utilizados internacionalmente no âmbito da avaliação de necessidades.

No segundo estudo, de carácter quantitativo, as necessidades de uma outra amostra de jovens em acolhimento residencial foram avaliadas, na perspectiva dos técnicos, através do QANJAR, tendo-se constituído como objectivos específicos:

1. Testar as qualidades psicométricas do instrumento, ao nível da sensibilidade, da fidelidade e da validade concorrente, assim como analisar a correlação entre as áreas que o compõem.

2. Verificar a adequabilidade do instrumento para a identificação de perfis de necessidades de jovens em acolhimento residencial.

3. ESTUDO I

No presente estudo pretendia-se desenvolver o Questionário de Avaliação de Necessidades de Jovens em Acolhimento Residencial (QANJAR), sendo este estudo essencial se considerarmos a indispensabilidade de um instrumento que avalie as necessidades específicas desta população de uma forma consistente.

Como já foi referido, estabeleceram-se como objectivos específicos deste estudo:

1. Identificar as áreas para a avaliação de necessidades com base em metodologias já existentes a nível internacional, sobre avaliação de necessidades no contexto de intervenção social.
2. Através de grupos de discussão, identificar dimensões e variáveis relevantes para os jovens na avaliação das suas necessidades.
3. Construir o QANJAR, considerando as dimensões e variáveis identificadas pelos jovens, assim como a lei tutelar educativa e os instrumentos utilizados internacionalmente no âmbito da avaliação de necessidades.

Nesse sentido, este estudo foi dividido em três partes, relativas ao processo de desenvolvimento do Instrumento.

3.1. Identificação de Áreas para a Avaliação de Necessidades

Nesta secção proceder-se-á à descrição das áreas que deverão ser consideradas para a avaliação de necessidades. Estas áreas foram integradas num guião, que orienta os grupos de discussão (*focus groups*) na segunda parte deste estudo.

Estas áreas foram identificadas com base na análise das metodologias de avaliação de necessidades descritas no enquadramento teórico (LAC, FACNF, ICS e CLA), utilizadas internacionalmente no contexto da intervenção social, e na análise de outros instrumentos, utilizados para avaliar os efeitos de diferentes residências de acolhimento nos jovens (Lemon, Hines e Merdinger, 2005; Green e Ellis, 2007).

Na selecção das áreas de avaliação de necessidades a incluir neste estudo tivemos como critérios principais o facto de serem comuns às diferentes metodologias de avaliação de necessidades e permitirem abranger a maior parte das dimensões do Sistema de Avaliação de Necessidades (Department of Health, 2000a), descrito no enquadramento teórico, podendo assim ser entendidas como áreas consensuais e integradoras.

Assim, foram identificadas cinco áreas, nomeadamente: 1) Situação habitacional, 2) Relações sociais e familiares, 3) Competências e comportamentos sociais e anti-sociais, 4) Saúde física e psicológica, e 5) Educação e emprego.

A Situação Habitacional é uma área que remete para as condições funcionais, relacionais, estruturais e físicas não só da habitação, mas também em relação ao local de residência e bairro. Remete ainda para as condições económicas, para a estabilidade e para o clima vividos nestes contextos.

As Relações Sociais e Familiares são referidas em todas as metodologias, sendo assim outra área relevante. Esta refere-se à qualidade da relação do jovem com os seus familiares e não familiares. Retrata também o historial e funcionamento familiar, por exemplo, ao nível do mau trato e da violência doméstica, e as relações com cuidadores/adultos ao nível afectivo e educativo, remetendo ainda para a estabilidade da relação, orientação e limites na educação.

A área das Competências e Comportamentos Sociais e Anti-sociais é também sugerida por todas as metodologias. Foi ainda construída através dos instrumentos utilizados para avaliar os efeitos de diferentes residências de acolhimento nos jovens (Lemon et al., 2005; Green e Ellis, 2007), que indicam variáveis como, por exemplo, a capacidade de estabelecer objectivos, ou de tomar decisões, conduzindo assim para dimensões como as competências e a autonomia dos jovens. Esta área remete para os comportamentos do jovem e dos seus familiares, para a relação com os pares e técnicos/profissionais, para as competências do jovem, desde as mais práticas (e.g. limpeza do quarto), às mais cognitivas (e.g. estabelecimento de objectivos) e para aspectos institucionais, como a questão da participação do jovem nas decisões institucionais.

A área da Saúde Física e Psicológica, igualmente mencionada em todas as metodologias, remete para os problemas e estado de saúde física e psicológica, tanto do jovem como dos seus familiares, para os comportamentos de risco e para problemas emocionais. Refere-se ainda aos serviços de saúde, às competências do jovem e dos adultos para lidar com os problemas, à capacidade de adaptação do jovem e à sua identidade.

Finalmente destaca-se a área da Educação e Emprego, que é referida em todas as metodologias, excepto na LAC, que não integra o emprego. Esta não só remete para a situação dos jovens e familiares ao nível da educação e emprego, como retrata a situação do jovem em termos da sua relação com colegas e professores/empregadores, as questões da satisfação, da motivação, e dos conflitos e problemas disciplinares nestes contextos. Remete ainda para as necessidades educativas, para a estabilidade e para os interesses e competências do jovem.

Estas áreas geralmente são avaliadas em referência a contextos sociais comunitários e à família, pelo que, no âmbito deste estudo, foram utilizadas no guião para os focus groups com os jovens, no sentido de adaptarmos o instrumento a desenvolver ao contexto do acolhimento residencial e a esta população específica.

3.2. Identificação de Dimensões Relevantes para os Jovens

Nesta parte do presente estudo, as necessidades foram avaliadas na perspectiva dos jovens, através de uma metodologia qualitativa, o focus group, de forma a identificar dimensões e variáveis relevantes para os jovens neste contexto.

3.2.1. Método

3.2.1.1. Participantes

Neste estudo foram realizados quatro focus groups que abrangeram um total de 21 participantes, todos em situação de acolhimento residencial. Para que os focus groups fossem o mais heterogéneo possível, garantindo assim uma maior representatividade dos dados (Krippendorf, 1990), os participantes foram seleccionados de acordo com os seguintes critérios:

- a) Idade – no mínimo 15 anos.
- b) Sexo – participantes do sexo feminino e masculino.
- c) Comportamento – participantes com e sem registo de problemas de comportamento.
- d) Tempo de acolhimento – no mínimo de três anos.
- e) Variância no tipo de residência de acolhimento.

No final, obtivemos uma amostra, cuja idade variava entre os 15 e os 18 anos, sendo a idade média de 16 anos (DP=1,07) e 52% de participantes do sexo feminino. Também nas restantes variáveis a amostra é heterogénea, uma vez que houve variabilidade no tempo de acolhimento, nos registos de comportamento e no tipo de residência de acolhimento.

3.2.1.2. Instrumento

O guião utilizado para o focus group³ integra as cinco áreas descritas anteriormente, identificadas nas metodologias sobre avaliação de necessidades no contexto de intervenção social, já existentes a nível internacional.

Foram então englobados, no guião, tópicos de discussão relativos a cinco áreas de necessidades, nomeadamente a situação habitacional (e.g. “Falem-nos um pouco das vossas condições de habitação”), as relações familiares e sociais (e.g. “Como é a vossa relação com os técnicos da residência de acolhimento?”), a saúde física e psicológica (e.g. “O que acham que é importante para assegurar a vossa saúde física?”), os comportamentos e competências (e.g. “Falem-nos sobre a vossa autonomia... Definam as vossas características nesta área...”), e a educação e emprego (e.g. “Gostaríamos de saber o que vocês sentem em relação à escola”)⁴. Realça-se que neste âmbito, estas áreas referem-se não só à família como ao contexto do acolhimento residencial, uma vez que é neste que os jovens se situam.

Ainda considerando a especificidade desta situação, em três destas áreas, existiam alguns tópicos a focar obrigatoriamente caso os participantes não os referissem, devido à sua pertinência neste contexto do acolhimento residencial. No âmbito da situação habitacional os tópicos eram: lotação, privacidade, espaço físico, estabilidade, funcionamento (regras e serviços), e bairro (recursos comunitários). No âmbito das relações familiares e sociais os tópicos eram: o grupo de pares, os técnicos e a família ou outras relações fora da instituição. Finalmente, no âmbito das competências e comportamentos o tópico a focar era a autonomia.

Há ainda que referir que se adequou a linguagem utilizada na formulação das questões à idade dos participantes. Além disso, os focus groups foram iniciados com questões abertas e neutras, mas conduzidos de forma a identificar aspectos positivos e negativos, para permitir a avaliação das áreas abordadas em termos de factores de risco e de protecção.

³ O método utilizado foi o focus group, pois funciona particularmente bem se queremos aceder a percepções, sentimentos, atitudes e/ou opiniões. Os focus groups são entrevistas em grupo que devem ter entre 4 e 12 participantes, sendo assim suficientemente pequenos para dar oportunidade de todos participarem, mas suficientemente grandes para haver diversidade de opiniões e de percepções. As questões e tópicos de discussão são pré-determinados e colocados numa sequência lógica num guião de entrevista, que deve ser seguido pelo entrevistador de forma flexível (Krueger, 1994).

⁴ Ver guião no anexo 1.

3.2.1.3. Procedimento

Como referido na introdução, o presente estudo insere-se num projecto mais amplo de investigação desenvolvido entre as instituições e o Centro de Investigação e Intervenção Social (CIS - ISCTE/IUL), estando a autorização para a sua elaboração patente num protocolo assinado entre instituições.

Assim, o primeiro passo da presente investigação consistiu na elaboração do guião de entrevista do focus group, que foi posteriormente discutido com um grupo de técnicos das instituições de acolhimento. De seguida, foram definidos os critérios de selecção dos participantes, sendo com base nestes critérios que os técnicos da instituição seleccionaram os jovens. Posteriormente, estes foram contactados no sentido de participarem no estudo.

Os focus groups foram realizados nas instalações das instituições, tendo-se garantido sempre as condições logísticas apropriadas. A sua duração variou entre uma e duas horas e o número de participantes entre quatro e seis jovens. Os focus groups foram realizados por três elementos externos à instituição, sendo que dois tinham o papel de moderadores, envolvendo-se na dinâmica, colocando questões, e fomentando a participação de todos os participantes, enquanto o outro assumia o papel de observador externo, registando o que considerasse relevante.

Houve ainda o cuidado de manter a mesma introdução e a mesma ordem de colocação das questões nas várias sessões, para prevenir eventuais enviesamentos. Adicionalmente, garantimos aos jovens que os dados fornecidos seriam confidenciais. Além disso, embora a selecção dos participantes tenha sido realizada pela própria instituição, a análise e apresentação dos dados foram efectuadas de forma a não revelar a autoria de cada ideia ou comentário pessoal. Foi ainda pedido o consentimento dos jovens para gravar os focus groups, que foram, posteriormente, transcritos e analisados.

3.2.2. Resultados

No sentido de responder ao segundo objectivo deste estudo, os dados resultantes dos focus groups foram analisados na aplicação informática Atlas.ti, através de uma análise de conteúdo.

O primeiro passo da análise de conteúdo passou pela selecção de unidades de análise de dois tipos: a) de registo semântico, ou seja, unidades definidas pelo seu significado, uma vez que se pretendia identificar necessidades e não a forma como são expressas; b) de enumeração, para que se pudesse fazer a análise de ocorrências. Esta selecção de unidades foi feita, num dos focus, por três investigadores em conjunto. Nos restantes, a análise foi realizada de forma independente, tendo resultado num total de 834 unidades de análise.

O segundo passo passou pela definição de um sistema de categorias misto, i.e., com categorias definidas à priori e à posteriori (Vala, 2003), sendo as categorias exaustivas e mutuamente exclusivas, portanto, capazes de representar todas as unidades de análise e de diferenciá-las simultaneamente (Krippendorf, 1990). Definimos então um sistema com sete áreas de necessidades, 25 macro-categorias, 56 categorias e 24 subcategorias (ver tabela com sistema de categorias no anexo 2), sendo que as sete áreas de necessidades foram determinadas à priori pelas áreas comuns às diferentes metodologias de avaliação de necessidades, referidas no guião, enquanto que, das macro-categorias e categorias que as compõem, apenas nove macro-categorias e seis categorias estavam definidas à priori, tendo resultado as restantes, 16 e 50, respectivamente da análise dos dados.

Este sistema de categorias passou por duas fases de verificação da fidelidade. Na primeira, verificou-se a fidelidade do sistema de categorias, sendo que dois codificadores atribuíram, sequencialmente, os níveis inferiores deste sistema aos níveis imediatamente superiores (e.g. atribuição de cada subcategoria a uma categoria), tendo-se obtido aqui um índice de concordância de 97,1% e um Kappa de Cohen de 0,968 ($p=0,000$). Na segunda fase, dois codificadores atribuíram um quarto das unidades de análise de cada focus group (241 unidades) ao nível inferior do sistema de categorias desenvolvido, sendo o índice de concordância aqui de 81,7% e o Kappa de Cohen de 0,814 ($p=0,000$). Evidenciam-se então índices de fidelidade elevados em ambas as fases de verificação.

O terceiro e último passo consistiu em três tipos de análise deste sistema de categorias: a análise de ocorrências, que indica a frequência com que ocorre uma categoria, espelhando assim o interesse dos sujeitos pelos vários objectos ou conteúdos; a análise avaliativa, que caracteriza a valência que é dada a um determinado objecto; e a análise estrutural, que

caracteriza a estrutura de associação entre objectos (Vala, 2003). No entanto, aqui, será apenas apresentado o sistema de categorias e a sua análise de ocorrências e estrutural, uma vez que este estudo se destina a identificar dimensões e variáveis relevantes para os jovens, na avaliação das suas necessidades, que possam ser integradas no QANJAR.

Verificou-se então que, das sete áreas de necessidades identificadas, as mais referidas foram a Situação Habitacional (Residência de Acolhimento – RA) (405; 48,6%) e as Relações Sociais e Familiares (216; 25,9%). Seguem-se a Educação (88; 10,6%), as Competências e Comportamentos (58; 6,9%), os Factores para a Saúde Psicológica (28; 3,4%), o Emprego (22; 2,6%), e, finalmente, os Factores para a Saúde Física (17; 2%).

Vejamos então cada área, por ordem de importância, em termos dos seus conteúdos e das suas frequências.

Área I: Situação Habitacional (Residência de Acolhimento - RA)

A Situação Habitacional (RA) engloba a visão dos jovens acerca das características da residência de acolhimento, tanto em termos físicos como funcionais, bem como os seus sentimentos e a sua posição face à mesma. Além disso, uma vez que a residência de acolhimento faz parte do contexto institucional, esta área também considera as percepções dos jovens em relação a este contexto em termos estruturais, funcionais, culturais, profissionais, etc.

Esta área é, então, composta por sete macro-categorias, entre as quais se destacam a percepção da instituição (167; 41,2%), o espaço físico (91; 22,5%), e os serviços da RA (50; 12,3%). A um nível inferior, surgem as regras na RA (35; 8,6%), o clima de segurança na RA (27; 6,7%), o historial de acolhimento (mudança de RA) (20; 5%), e a vontade de sair da RA (15; 3,7%).

Percepção da Instituição. Nesta macro-categoria, como se observa na tabela 2, a categoria que mais se destaca é a percepção dos educadores, técnicos e superiores, principalmente em termos da conduta dos educadores, da rotatividade dos técnicos e educadores, da motivação dos educadores, da satisfação/admiração pela equipa técnico educativa, da delegação de responsabilidades, e da capacidade dos educadores de controlar os educandos.

Depois, destaca-se a categoria da imagem da instituição, o impacto das mudanças estruturais, a crença na mudança da instituição, o apoio que sentem da mesma, e a participação que têm nas tomadas de decisão.

Tabela 2. Categorias da Percepção da Instituição (Frequência/Percentagem)

Percepção da Instituição			
Categoria	Subcategoria	n	%
Percepção dos Educadores, Técnicos e Superiores (n=97; 58,1%)	Conduta dos educadores	15	15,5
	Rotatividade	14	14,4
	Motivação dos educadores	13	13,4
	Satisfação/Admiração pela Equipa Técnico Educativa	12	12,4
	Delegação de responsabilidades pelos educadores	11	11,3
	Capacidade dos educadores de controlar os educandos	10	10,3
	Idade/mentalidade dos educadores	7	7,2
	Relação entre educadores	5	5,2
	Distanciamento dos Superiores	5	5,2
	Consistência dos educadores	5	5,2
Imagem da instituição		19	11,4
Impacto das mudanças estruturais da instituição		14	8,4
Crença na mudança da instituição		10	5,9
Apoio da instituição		9	5,4
Participação dos jovens na instituição		7	4,2
Igualdade das RAs da instituição		7	4,2
Burocracia na instituição		4	2,4

Espaço Físico na RA. Em relação ao espaço físico (Tabela 3), as categorias mais referidas foram: a decoração e mobiliário, a lotação e a satisfação com a localização. De seguida destacam-se as categorias que remetem para as condições no espaço físico e para a privacidade.

Tabela 3. Categorias do Espaço Físico (Frequência/Percentagem)

Espaço Físico			
Categoria	Subcategoria	n	%
Decoração e Mobiliário da RA		25	27,5
Lotação na RA (n=21; 23,1%)	Sublotação	9	42,9
	Satisfação com a Lotação	8	38,1
	Sobrelotação	4	19
Satisfação com a Localização da RA		17	18,7
Condições Básicas do Espaço Físico		15	16,5
Privacidade na RA		10	10,9
Satisfação com o espaço físico da RA		3	3,3

Serviços da RA. Quanto aos serviços da RA, a categoria alimentação é aquela que mais se diferencia, como se verifica na tabela em baixo (Tabela 4). Esta é constituída por três subcategorias, destacando-se a quantidade, seguida da possibilidade de escolha, e da variedade. Também é referida a importância de serviços de âmbito mais financeiro como as contas de poupança e as mesadas.

Tabela 4. Categorias dos Serviços da RA (Frequência/Percentagem)

Serviços da RA			
Categoria	Subcategoria	n	%
Alimentação na RA (n=32)	Quantidade de alimentação	22	68,8
	Variedade na alimentação	5	15,6
	Escolha de alimentação	5	15,6
Poupança		7	14
Mesada		7	14
Serviços de saúde da RA		4	8

Regras na RA. No que diz respeito às regras na RA (Tabela 5), a categoria mais referida foi a satisfação com as regras, tendo sido referidas regras relativas ao acesso a bens tecnológicos, à gestão do tempo na RA, e às obrigações referentes a aspectos financeiros, como apresentar facturas e o pagar estragos na residência de acolhimento. Foram ainda mencionadas variáveis como a existência, cumprimento e flexibilidade das regras, embora não lhes seja atribuída tanta importância.

Tabela 5. Categorias das Regras na RA (Frequência/Percentagem)

Regras na RA			
Categoria	Subcategoria	n	%
Satisfação com regras (n=22; 62,8%)	Acesso livre a bens tecnológicos na RA	10	45,5
	Gestão de tempo na RA	7	31,8
	Obrigações relativas a aspectos financeiros	5	22,7
Existência de regras		5	14,3
Cumprimento das regras		5	14,3
Flexibilidade nas regras		3	8,6

Clima de Segurança na RA. Ao nível do clima de segurança na RA, a categoria mais mencionada pelos jovens é o roubo, seguida da percepção de segurança, e do controlo dos roubos na RA, como se observa na tabela seguinte (Tabela 6).

Tabela 6. Categorias do Clima de Segurança na RA (Frequência/Percentagem)

Clima de Segurança na RA	n	%
Roubos na RA	15	55,6
Segurança na RA	7	25,9
Controlo dos roubos na RA	5	18,5

Historial de Acolhimento e Vontade de Sair da RA. As macro-categorias historial de acolhimento – que remete para a frequência de mudanças de RA (20; 5%) – e vontade de sair da RA (15; 3,7%), salientam-se como variáveis importantes para avaliar, embora não sejam compostas por nenhuma categoria.

Área II: Relações Sociais e Familiares

A área das Relações Familiares e Sociais refere-se à relação dos jovens com uma série de intervenientes, dentro e fora das instituições, sendo então composta por diversas macro-categorias, divididas consoante o interveniente na relação. Destas macro-categorias, as mais referidas são os Educadores (104; 48,2%) e o Grupo de Pares (81; 37,5%), seguidas dos Técnicos⁵ (18; 8,3%) e da Família (13; 6%).

Educadores. Na macro-categoria educadores (Tabela 7), a categoria mais referida é a relação com os educadores, seguida do apoio/ajuda. Outros aspectos cuja importância é salientada são a empatia, a confiança entre jovens e educadores e o afecto.

Tabela 7. Categorias dos Educadores (Frequência/Percentagem)

Educadores	N	%
Relação com educadores	22	21,2
Apoio/Ajuda dos educadores	17	16,3
Empatia entre educadores e jovens	13	12,5
Confiança nos educadores	11	10,6
Afecto pelos educadores	10	9,6
Respeito entre educadores e jovens	7	6,7
Abertura/Comunicação dos educadores	7	6,7
Equilíbrio entre reforços positivos e negativos dos educadores	6	5,8
Exigência dos educadores	6	5,8
Conflito com os educadores	5	4,8

Grupo de Pares. Na macro-categoria grupo de pares, como se observa na tabela 8, a categoria mais referida foi a confiança, que já na relação com os educadores se tinha salientado.

O apoio/ajuda também se destaca bastante, sobressaindo ainda a relação entre os pares e a amizade, ou seja, o facto de os jovens se considerarem amigos, além de colegas.

Tabela 8. Categorias do Grupo de Pares (Frequência/Percentagem)

Grupo de Pares	n	%
Confiança entre pares	25	31
Apoio/Ajuda entre pares	24	29,6
Relação com o grupo de pares	15	18,5
Amizade com o grupo de pares	10	12,3
Conflito entre pares	7	8,6

⁵ Note-se que os jovens e profissionais, neste contexto, tendem a referir-se aos técnicos como os psicólogos e assistentes sociais, distinguindo-os dos educadores.

Técnicos. Em relação aos Técnicos (Tabela 9), são identificadas duas categorias, sendo a mais referida a relação e apoio, embora voltem a verificar-se referências à confiança.

Tabela 9. Categorias dos Técnicos (Frequência/Percentagem)

Técnicos	n	%
Relação e apoio	10	55,6
Confiança/Proximidade dos técnicos	8	44,4

Família. Na relação com a família, não se identificam categorias, mas os aspectos referidos remetem para o apoio, para a qualidade da relação, para o respeito, para a confiança, e para a vivência com a família.

Área III: Educação

Passemos agora à área da Educação que engloba a percepção dos jovens em relação aos diferentes aspectos positivos e negativos, individuais e relacionais, que se dão no contexto escolar, como a relação com professores e colegas, a motivação e a integração na escola, entre outros.

Nesta área identificaram-se três macro-categorias: a adaptação/dificuldades na escola (50; 56,8%), a aprendizagem escolar (19; 21,6%) e a mudança de escola (frequência) (19; 21,6%).

Adaptação/Dificuldades na Escola. Quanto à adaptação/dificuldades na escola, como se pode verificar na tabela seguinte (Tabela 10), realçam-se os conflitos e a integração social, enquanto variáveis de avaliação prioritária.

Tabela 10. Categorias da Adaptação/Dificuldades na Escola (Frequência/Percentagem)

Adaptação/Dificuldades na escola	n	%
Conflitos na Escola	24	48
Integração Social na Escola	16	32
Problemas Disciplinares na Escola	5	10
Insucesso/Absentismo escolares	5	10

Aprendizagem Escolar. Na aprendizagem escolar (Tabela 11) destaca-se a satisfação, que reflecte o gosto pela escola ou pelo curso, e a auto-determinação para a aprendizagem, que passa pela motivação para o estudo e por encarar a escola como um projecto de vida.

Tabela 11. Categorias da Aprendizagem Escolar (Frequência/Percentagem)

Aprendizagem escolar	n	%
Satisfação com a escola ou curso	10	52,6
Auto-determinação para a aprendizagem escolar	9	47,4

Mudança de Escola. Finalmente, sobressai a macro-categoria mudança de escola, que não tem categorias e que se refere à frequência com que os jovens mudam de escola.

Área IV: Competências e Comportamentos

A área Competências e Comportamentos inclui a visão dos jovens acerca dos seus comportamentos e das suas competências, ou da falta destas. Também compreende a forma como os jovens encaram/definem determinadas competências e o seu desenvolvimento.

Aqui identificam-se três macro-categorias: a autonomia (49; 84,5%), os problemas de comportamento (5; 8,6%) e a procura/aceitação de suporte (4; 6,9%).

Autonomia. No caso da autonomia, a categoria aprendizagem de auto-suficiência destaca-se das restantes e é composta por cinco subcategorias, como se observa na tabela 12. Destas, as mais referidas são as competências da lida doméstica, como cozinhar e passar a ferro, e a gestão de aspectos financeiros, como a gestão de dinheiro e o pagamento de contas.

Só depois surgem as categorias que remetem para a autonomia como resultado da aquisição de responsabilidade e como um processo gradual de desenvolvimento.

Tabela 12. Categorias da Autonomia (Frequência/Percentagem)

Autonomia			
Categoria	Subcategoria	n	%
Aprendizagem de Auto-suficiência (n=37; 75,5%)	Competências de Lida Doméstica	16	43,2
	Competências de Gestão/Aspectos financeiros	7	19
	Competências de Deslocações no exterior	6	16,2
	Competências para Tratar de documentos	5	13,5
	Competências de integração e gestão do tempo	3	8,1
Aquisição de responsabilidade		7	14,3
Processo gradual de desenvolvimento		5	10,2

Problemas de Comportamento e Procura/Aceitação de Suporte. As macro-categorias Problemas de Comportamento e Procura/Aceitação de Suporte não são compostas por categorias, e não lhes é atribuída tanta importância.

Área V: Factores para a Saúde Psicológica

Esta área inclui a perspectiva dos jovens acerca dos factores que contribuem para a saúde psicológica, tendo-se identificado duas macro-categorias: uma referente aos factores das instituições (15; 53,6%) e outra referente aos factores do jovem (13; 46,4%) com influência na saúde psicológica.

Factores das Instituições. Na macro-categoria dos factores das instituições (Tabela 13), destacam-se as referências à satisfação com o acolhimento, seguidas das referências aos educadores, nomeadamente à sua motivação e apoio, enquanto variáveis com capacidade de influenciar a saúde psicológica.

Tabela 13. Categorias dos Factores das Instituições (Frequência/Percentagem)

Factores das Instituições	n	%
Satisfação com acolhimento	9	60
Educadores	6	40

Factores do Jovem. Relativamente à macro-categoria dos factores do jovem, a categoria que se destaca é a das estratégias de adaptação, que retratam a forma como os jovens pensam e lidam com as dificuldades com que se vão deparando. Só depois são referidos o acompanhamento e bem-estar físico e psicológico e a história pessoal e escolar, como factores com potencial influência na saúde psicológica, como se pode verificar na tabela em baixo (Tabela 14).

Tabela 14. Categorias dos Factores do Jovem (Frequência/Percentagem)

Factores do Jovem	n	%
Estratégias de adaptação psicológica	7	53,8
Acompanhamento e Bem-estar Físico e Psicológico	3	23,1
História Pessoal e Escolar	3	23,1

Área VI: Emprego

Passemos agora à área do Emprego, que engloba a percepção dos jovens face ao trabalho e ao contexto profissional, em termos individuais e relacionais, positivos e negativos.

Esta área é composta por quatro macro-categorias.

Entre as macro-categorias, destaca-se o desenvolvimento pessoal no trabalho (11; 50%), que engloba aspectos como a integração social, o conhecimento de novas pessoas e de novas realidades e a aquisição de responsabilidade. Depois, segue-se a macro-categoria que remete para o emprego enquanto uma experiência positiva; os aspectos funcionais do trabalho (3; 13,6%), como ter ocupação, a remuneração, e a própria tarefa; e as dificuldades no trabalho (3; 13,6%), como os horários e o facto de ser cansativo.

Área VII: Factores para a Saúde Física

Por fim, temos a área dos Factores para a Saúde Física, que inclui a perspectiva dos jovens acerca dos factores que contribuem para a mesma. Esta é composta por duas macro-categorias, as práticas saudáveis (12; 70,6%) e os serviços de saúde (5; 29,4%).

As práticas saudáveis são compostas por referências à alimentação, ao bem-estar, ao exercício físico e a dormir; enquanto na macro-categoria dos serviços de saúde, foram referidos o acompanhamento médico, a medicação e as vacinas como variáveis com influência na saúde física.

Em suma, nesta parte do presente estudo pretendíamos identificar dimensões e variáveis relevantes para os jovens na avaliação das suas necessidades. Através de uma análise de conteúdo estrutural e de ocorrências do material recolhido através de focus groups, identificámos 68 categorias e macro-categorias (correspondentes a diferentes dimensões e variáveis), sendo de salientar a elevada ocorrência de referências ao nível da situação habitacional na residência de acolhimento e das relações sociais com técnicos e pares (ver Tabela 15). Isto vem realçar a importância dos sub-sistemas mais próximos da ecologia dos jovens, enquanto sistemas com um maior potencial de impacto na sua vida, sendo áreas que devem ser privilegiadas para a especificidade do instrumento a desenvolver.

Tabela 15. Número de Macro-categorias e Categorias por Área de Necessidade

Área de Necessidade	Nº de Macro-categorias/ Categorias
Situação Habitacional (RA)	27
Relações Sociais e Familiares	18
Educação	7
Comportamentos e Competências	5
Factores Saúde Psicológica	5
Emprego	4
Factores Saúde Física	2

3.3. Elaboração do Questionário de Avaliação de Necessidades de Jovens em Acolhimento Residencial (QANJAR)

Nesta secção apresenta-se o processo de construção do instrumento e a descrição do Questionário de Avaliação de Necessidades de Jovens em Acolhimento Residencial (QANJAR)⁶.

⁶ Ver QANJAR no anexo 3.

3.3.1. Processo de Construção do QANJAR

O QANJAR tem como finalidade avaliar as necessidades dos jovens em cinco áreas da sua vida, nomeadamente a Situação Habitacional, as Relações Sociais e Familiares, as Competências e Comportamentos Sociais e Anti-Sociais, a Saúde Física e Psicológica e a Educação e Emprego. Estas áreas foram seleccionadas, uma vez que, tanto ao nível dos focus groups como das diferentes metodologias de avaliação de necessidades em contexto de intervenção social, se têm revelado consensuais e capazes de integrar diferentes dimensões do Sistema de Avaliação de Necessidades.

Como foi referido anteriormente, no desenvolvimento do QANJAR foram utilizadas diferentes fontes de informação. Entre estas destacam-se os jovens em acolhimento residencial e instrumentos como o Formulário de Dados Agregados (FDA), da metodologia CLA, e o Core Assessment Record (CAR)⁷, da metodologia FACNF. Consideraram-se ainda a Lei Tutelar Educativa, descrita no enquadramento teórico, instrumentos utilizados em estudos de avaliação de residências de acolhimento (Lemon et al., 2005; Green e Ellis, 2007), literatura na área (Department of Health, 2000a; Bullock, Little, e Milham, 1993, Casas, 1993, e Valle, 1998, citados por Calheiros et al., 2005) e os técnicos da instituição como fonte de extracção de itens ou de operacionalização de parte das categorias referidas pelos jovens.

Sintetizando a proveniência das variáveis consoante as diferentes fontes de informação que serviram de base ao desenvolvimento do QANJAR (Tabela 16), verifica-se que a maior parte das variáveis tem origem nos focus groups com os jovens, sendo que das 68 macro-categorias e categorias identificadas resultaram 110 itens. Em segundo lugar destaca-se o FDA de onde se integraram 82 itens. Com menos peso surgem os restantes instrumentos (e.g., CAR), a lei tutelar educativa e os técnicos que contribuiram com 18 itens.

Tabela 16. Origem dos Itens/Variáveis

Fonte	Nº de Itens por Área					Total
	Situação Habitacional	Relações Sociais e Familiares	Competências e Comportamentos	Saúde Física e Psicológica	Educação e Emprego	
Focus Groups	15	16	34	31	14	110
FDA	21	15	8	15	23	82
CAR	0	0	0	2	0	2
Outros instrumentos	2	2	5	1	1	11
Lei Tutelar educativa e técnicos	0	0	4	0	1	5

⁷ FDA e CAR descritos no enquadramento teórico, na página 14.

No entanto, deve-se salientar que algumas das variáveis provenientes dos focus groups são comuns às restantes fontes de informação. Tal como se pode verificar na tabela apresentada de seguida (Tabela 17), dos 110 itens derivados dos focus groups 76 são comuns a outras fontes de informação, sendo que 59 das variáveis sugeridas pelos jovens são comuns ao FDA, 11 ao CAR e 6 encontram-se referidas na lei tutelar educativa, nos outros instrumentos e pelos técnicos.

Tabela 17. Comunalidades das Fontes de Informação com os Focus Groups

Fonte	Nº de Itens por Área					Total
	Situação Habitacional	Relações Sociais e Familiares	Competências e Comportamentos	Saúde Física e Psicológica	Educação e Emprego	
FDA	0	7	18	20	14	59
CAR	2	0	4	5	0	11
Outros instrumentos	0	0	2	0	0	2
Lei Tutelar educativa e técnicos	0	0	4	0	0	4

Conclui-se ainda que dos 110 itens sugeridos pelos jovens, 34 provêm exclusivamente dos focus groups e situam-se essencialmente na área da situação habitacional e das relações sociais e familiares, que são as mais destacadas pelos jovens. Isto realça a importância de recolher informação com os jovens, uma vez que tal permitiu identificar variáveis que atribuem maior especificidade ao instrumento e que o adequam aos interesses da população que avalia.

Uma vez que se pretende avaliar as necessidades nas cinco áreas mencionadas, considerando a presença de factores de risco, de protecção e neutros em cada uma delas, a classificação dos factores (itens) considerados no instrumento, assim como as áreas em que estes se integraram, foi realizada por um grupo de investigadores na área com base na revisão de literatura teórica.

Como se pode ver na tabela em baixo (Tabela 18), no total, são avaliados 109 factores de risco, 68 protectores e 33 neutros ou descritivos.

Tabela 18. Número e Tipo de Factores por Área

Área	Factores		
	Risco	Protecção	Neutros
Situação Habitacional	23	9	6
Relações Sociais e Familiares	15	12	6
Comportamentos e Competências	20	26	5
Saúde Física e Psicológica	37	12	0
Educação e Emprego	14	9	16
Total	109	68	33

Com vista a esclarecerem-se aspectos da validade facial, praticabilidade do instrumento, pertinência dos itens e a adequação do instrumento ao contexto português o QANJAR foi discutido com um grupo heterogéneo de técnicos cujas funções eram exercidas a diferentes níveis de actuação (trabalho directo com os jovens ou coordenação e direcção) e de formação (psicólogos, assistentes sociais e educadores).

Uma vez que o questionário deve ser preenchido por técnicos, foi ainda realizado um pré-teste do instrumento com elementos de quatro equipas, o que permitiu avaliar o nível de compreensão do instrumento e a sua adaptabilidade ao contexto do acolhimento residencial, possibilitando assim o seu melhoramento.

Finalmente, deve-se realçar que a organização do instrumento, em termos da sua estrutura, escala de resposta aos itens e forma de aplicação (preenchimento pela equipa técnico educativa do jovem) se baseia no FDA, uma vez que este instrumento é a maior fonte de operacionalização das variáveis referidas pelos jovens e de extracção da maioria das variáveis que não foram referidas no material oriundo dos focus groups. Importa ainda referir que o preenchimento do instrumento foi realizado pela equipa técnico educativa do jovem (composta por um psicólogo, um educador e um assistente social) não só para minimizar eventuais fontes de erro referentes à subjectividade na avaliação, mas sobretudo porque os jovens são avaliados em diferentes áreas da sua vida, que correspondem a âmbitos de intervenção específicos de técnicos com diferentes funções. Estes poderão, assim, dar um contributo único e especializado no preenchimento do QANJAR.

3.3.2. Descrição do QANJAR

O questionário desenvolvido tem como finalidade avaliar as necessidades dos jovens, através da indicação da presença de factores de risco e de protecção em diferentes áreas da vida dos mesmos; sendo que os jovens com menos factores protectores e mais factores de risco são considerados numa situação de necessidade superior.

O QANJAR é composto por duas partes: uma referente à caracterização sócio demográfica do jovem, e outra referente à avaliação de necessidades.

Relativamente à caracterização sócio demográfica, além dos dados demográficos comuns (idade, etnia e sexo), é recolhida informação acerca do tempo de acolhimento dos jovens, do motivo de admissão na instituição, de quem fez a sinalização do jovem, de qual o seu estatuto legal na altura em que o caso foi referenciado, e, finalmente, abordam-se alguns aspectos relativos à família (legalidade da habitação no país, a primeira língua, etc.).

A parte relativa à avaliação de necessidades é composta por 211 itens, sendo um item (extraído do FDA) remete para os limiares de risco, que indicam a gravidade ou seriedade do problema do jovem (“O problema é, ou é provável que se torne significativo, se a situação persistir?”), enquanto os restantes 210 se referem a factores de risco, protectores e neutros, encontrando-se distribuídos pelas cinco áreas, anteriormente referidas - Situação Habitacional, Relações Sociais e Familiares, Competências e Comportamentos Sociais e Anti-Sociais, Saúde Física e Psicológica e Educação e Emprego.

A primeira área - Situação Habitacional - composta por 38 itens permite uma avaliação da habitação da família e da residência de acolhimento, em termos dos residentes, das condições físicas e económicas, da localização, da estabilidade, do clima e do funcionamento, entre outros aspectos. 15 itens foram apontados pelos jovens nos focus groups e remetem para os aspectos relativos à residência de acolhimento, tanto ao nível físico (e.g. “Residência de Acolhimento Sobrelotada”), como do clima (e.g. “Existe um clima de insegurança/desconfiança entre os educandos na residência de acolhimento), como do funcionamento (e.g. “Os horários da residência de acolhimento são muito rígidos”); 21 foram extraídos do FDA e situam-se essencialmente ao nível da situação habitacional da família (e.g. Família isolada socialmente); um foi sugerido pela literatura na área (Bullock, Little, e Milham, 1993, Casas, 1993, e Valle, 1998, citados por Calheiros et al., 2005) que indica a não normalização das residências de acolhimento como uma das lacunas das instituições (“Funcionamento da residência de acolhimento aproxima-se de um ambiente familiar”); e o último remete para a capacidade da instituição para responder às necessidades do jovem nesta área (“Em termos gerais, a instituição responde satisfatoriamente às necessidades habitacionais do jovem”) e foi elaborado considerando o domínio da capacidade dos pais/cuidadores para responder às necessidades do jovem, conjecturado no Sistema de Avaliação de Necessidades.

A área Relações Sociais e Familiares considera a relação do jovem com familiares e outros significativos na vida do jovem, o funcionamento e história familiares, a relação com a equipa técnico educativa e a sua estabilidade, e a capacidade da família e do jovem para lidarem com problemas, entre outros aspectos. Esta área é constituída por 33 itens, sendo que destes, 16 foram sugeridos pelos jovens nos focus groups referindo-se, por exemplo, à relação com os técnicos (e.g. “O jovem tem uma relação de proximidade com pelo menos um dos educadores”) e com os familiares (e.g. “Relação do jovem com irmãos”), ou à estabilidade da equipa técnico educativa (e.g. “Existe rotatividade das equipas técnico educativas que são responsáveis pelo jovem”). Foram ainda integrados 15 itens com base no FDA, que se

referem essencialmente ao historial de maus-tratos do jovem e à dinâmica familiar (e.g. “Jovem foi alvo de maus-tratos”). Finalmente, foram elaborados dois itens, novamente, considerando o domínio da capacidade dos pais/cuidadores para responder às necessidades do jovem nesta área (e.g. “Em termos gerais, a instituição promove relações positivas do jovem com a sua família”).

Na área das Competências e Comportamentos Sociais e Anti-Sociais, avalia-se a relação do jovem com pares e profissionais e a existência de problemas de comportamento do jovem e dos seus familiares. Consideram-se ainda diversas competências pessoais, desde cognitivas a práticas/funcionais, e aspectos da residência de acolhimento, como a participação. Esta área agrega 51 itens. Destes, 34 foram indicados pelos jovens e referem-se, entre outros aspectos, aos problemas de comportamento (e.g. “Problemas de comportamento na escola”), à relação com técnicos (e.g. “Sente que os educadores confiam nele”) e a competências (e.g. “A gestão do dinheiro de que dispõe é [boa/média/fraca]”). Além destes, oito itens foram extraídos do FDA, reportando-se sobretudo às competências e comportamentos da família do jovem (e.g. “[adulto/familiar] Condenado por crime”); dois foram sugeridos por técnicos da instituição, remetendo para serviços prestados aos jovens (e.g. “Dispõe de dinheiro além da mesada”); quatro basearam-se nos instrumentos utilizados por Lemon et al. (2005) e Green e Ellis (2007) para avaliar o efeito de diferentes residências de acolhimento nos jovens, referindo-se às competências dos mesmos (e.g. “É capaz de tomar as suas decisões”); dois basearam-se na lei tutelar educativa e relacionam-se com os direitos e deveres (e.g. “Efectua pedidos, queixas e/ou reclamações”); e, finalmente, um item baseia-se no Sistema de Avaliação de Necessidades remetendo para a capacidade da instituição para responder às necessidades do jovem nesta área (“Em termos gerais, a instituição favorece o desenvolvimento de comportamentos sociais adequados”).

Quanto à área da Saúde Física e Psicológica, esta incorpora 49 itens e avalia, tanto para o jovem como para os adultos, a existência de doenças físicas ou mentais, de comportamentos de risco e de saúde e de problemas psicológicos e emocionais. Considera ainda o bem-estar geral, a identidade e algumas competências do jovem, entre outros factores. Aqui, 31 itens foram apontados pelos jovens nos focus groups remetendo, por exemplo, para o estado de saúde e bem-estar dos jovens (e.g. “Stress/incapacidade de ajustamento”) e para algumas competências (e.g. “Procura adaptar-se ou está adaptado à sua situação de acolhimento”); foram integrados 15 itens do FDA, que avaliam a saúde da família dos jovens (e.g. “[adulto/familiar] Doença mental crónica”); foram extraídos dois itens do Core Assessment Record (CAR) que remetem para a identidade e competências (e.g. “Consegue gerir as suas

emoções”); e, mais uma vez, elaborou-se um último referente à capacidade da instituição para responder às necessidades do jovem nesta área (“Em termos gerais, a instituição responde satisfatoriamente às necessidades de saúde física e psicológica do jovem”).

Finalmente, a área da Educação e Emprego descreve a situação escolar e profissional do jovem e dos adultos, as necessidades de educação especiais, o absentismo, os conflitos e problemas de integração, as relações com os professores e colegas, o envolvimento da família na educação, a motivação e capacidades do jovem, etc. Esta área é composta por 39 itens, sendo que destes 14 foram sugeridos pelos jovens e remetem para os problemas disciplinares (e.g. “Permanentemente excluído/a da escola”), para o absentismo (e.g. “Falta á escola com regularidade”) e para a integração social (e.g. “Isolado na escola ou trabalho”) entre outros aspectos; 23 foram extraídos do FDA e reportam-se essencialmente a factores descritivos da situação do jovem e da sua família (e.g. “ (“Desemprego” [figura parental/cuidador]); um foi sugerido pelos técnicos da instituição e alude às actividade do jovem (“Participa em actividades extracurriculares”); e um refere-se à capacidade da instituição para responder às necessidades do jovem nesta área, baseando-se, novamente, no Sistema de Avaliação de Necessidades (“Em termos gerais, a instituição responde satisfatoriamente às necessidades de educação e emprego do jovem”)⁸.

Salienta-se ainda que ao nível da escala de resposta, estes factores são, geralmente, avaliados em termos da sua presença ou ausência (escala dicotómica: sim/não), embora alguns sejam avaliados em termos da sua ordem ou intensidade (e.g. Relação com mãe: boa, média ou regular, fraca ou má, ausência de contacto, e falecida).

Ao nível dos resultados deste instrumento, podem obter-se diversos *scores*, somando o número de factores de risco e de protecção, ou calculando a sua percentagem, em cada área e no geral. Assim sendo, para cada área avaliada existem dois scores, relativos ao número de factores de risco e de protecção presentes na mesma. O score máximo de factores de risco é 23 na área da Situação Habitacional, 15 na área das Relações Sociais e Familiares, 20 na área das Competências e Comportamentos, 37 na área da Saúde Física e Psicológica e 14 na área da Educação e Emprego. Quanto aos factores protectores o score máximo é de 9 na área da Situação Habitacional, 12 nas Relações Sociais e Familiares, 26 nos Comportamentos e Competências, 12 na Saúde Física e Psicológica e 9 na Educação e Emprego. Finalmente, em relação aos scores totais, resultantes da soma dos factores de risco e protecção em cada área, o

⁸ Ver origem detalhada dos itens no anexo 4.

valor máximo dos factores de risco é de 109 e o valor máximo dos factores de protecção é de 68.

Estes valores indicam os casos e áreas com maior urgência de intervenção, permitindo, assim, comparar a gravidade de diferentes casos. Além disso, os factores de risco e de protecção podem ser analisados independentemente, no sentido de especificar e concretizar as intervenções com os jovens, podendo esta análise ser feita a nível individual, mas também grupal, através da agregação dos dados e da identificação de perfis de necessidades, determinados pela presença e ausência de factores de risco e protecção.

3.4. Conclusões do Primeiro Estudo

Como definido anteriormente, foi objectivo central deste estudo construir um instrumento de avaliação de necessidades para jovens em acolhimento residencial que contivesse as áreas chave de avaliação de necessidades no âmbito da intervenção, que reflectisse as abordagens metodológicas, já retratadas na literatura, e, sobretudo, que incluísse a perspectiva dos jovens de forma a adequar o instrumento a este contexto e ao seu alvo de avaliação.

Assim, numa primeira fase, identificámos cinco áreas relevantes para avaliar as necessidades - Situação Habitacional, Relações Sociais e Familiares, Competências e Comportamentos Sociais e Anti-Sociais, Saúde Física e Psicológica e Educação e Emprego. Estas áreas serviram de base à elaboração do guião dos focus groups, o que permitiu que fossem adaptadas ao contexto do acolhimento residencial.

De seguida, através dos focus groups com os jovens, identificámos 68 macro-categorias e categorias que se estruturaram por sete áreas de necessidades, no sentido de facilitar e clarificar a análise das mesmas. No entanto, as áreas relativas à saúde física e psicológica, assim como as áreas relativas à educação e emprego pertencem, respectivamente, ao mesmo âmbito, podendo, assim, estas sete áreas agrupar-se nas cinco áreas identificadas na primeira parte deste estudo, que, desta forma, se evidenciam adequadas e suficientes para analisar a perspectiva dos jovens. Além disso salienta-se o facto dos conteúdos específicos definidos pelos jovens integrarem dimensões do Sistema de Avaliação de Necessidades (Department of Health, 2000a) (e.g. a dimensão relativa aos recursos da comunidade integra-se na área da situação habitacional).

No que diz respeito aos critérios de qualidade da análise efectuada nesta parte do estudo, verificámos uma elevada fidelidade em termos do acordo inter-codificadores, e procurámos garantir a validade dos dados através da diversidade dos sujeitos da amostra, de forma a

assegurar que todas as perspectivas eram tidas em conta e que os dados recolhidos traduziriam a realidade da população em estudo.

Posteriormente, procedeu-se à construção do instrumento, de forma a englobar os três domínios do Sistema de Avaliação de Necessidades (Department of Health, 2000a) – as necessidades de desenvolvimento do jovem, os factores ambientais e familiares e as capacidades dos pais ou cuidadores para responder de forma apropriada às necessidades dos jovens –, estando organizado nas cinco áreas gerais acima mencionadas, que aqui se aplicam tanto ao contexto familiar, como ao contexto do acolhimento residencial.

Sintetizando, o QANJAR permite avaliar a frequência de factores de risco e de protecção na vida do jovem, tanto no geral como por áreas de vida, indicando o seu estado de necessidade e, portanto, a gravidade da sua situação. Estes factores podem ainda ser analisados individualmente ou podem ser agregados, de modo a identificar perfis de necessidades, para os quais poderão ser desenvolvidas intervenções específicas.

Embora este instrumento tenha sido desenvolvido com base em diferentes fontes conceptuais e operacionais, a maior parte das variáveis que avalia provêm dos focus groups com jovens. Parte destas variáveis são partilhadas por outras fontes de informação, enquanto outras não são referidas em nenhuma das fontes analisadas, o que enaltece a importância de consultar os jovens para tornar o instrumento mais completo e adequado às necessidades e interesses do seu alvo de avaliação. Ainda a este respeito salienta-se que as áreas para as quais os focus groups com os jovens mais contribuíram foram a Situação Habitacional e as Relações Sociais e Familiares, sendo assim aquelas em que o QANJAR manifesta uma maior especificidade, quando equiparado aos outros instrumentos. Depois dos jovens, a fonte de onde originaram mais itens foi o FDA, que além de partilhar muitos dos itens sugeridos pelos jovens contribuiu com 82 itens exclusivos, geralmente respeitantes à avaliação da família nas diversas áreas. O CAR permitiu operacionalizar muitas das variáveis provenientes dos focus groups, embora não tenha contribuído com muitas variáveis exclusivas. Finalmente, a Lei Tutelar Educativa, os instrumentos utilizados em estudos de avaliação de residências de acolhimento (Lemon et al., 2005; Green e Ellis, 2007), a literatura na área (Bullock, Little, e Milham, 1993, Casas, 1993, e Valle, 1998, citados por Calheiros et al., 2005) e os técnicos da instituição, embora tenham poucas variáveis em comum com as referidas pelos jovens, forneceram 18 itens exclusivos.

Realça-se assim que as diferentes fontes de informação utilizadas para a construção do QANJAR, por um lado, partilham algumas variáveis, e, por outro, acrescentam variáveis e

dimensões, sendo que tanto umas como outras foram consideradas para atribuir especificidade e singularidade a este instrumento.

Salienta-se ainda a singularidade do QANJAR uma vez que não se encontram instrumentos específicos para avaliar as necessidades desta população no contexto português, e, mesmo no âmbito internacional, embora alguns instrumentos se possam aplicar a jovens em acolhimento residencial (e.g. CAR) não foram desenvolvidos especificamente para esta população, não avaliando assim aspectos relativos às residências de acolhimento nem à relação com os técnicos.

Conclui-se assim que este estudo possibilitou a construção de um instrumento para avaliar as necessidades de jovens em acolhimento residencial, que, devido à sua especificidade, se indica adequado para fundamentar intervenções e serviços neste contexto (tanto a nível individual como a nível grupal), respondendo assim à função para a qual foi desenvolvido.

4. ESTUDO II

No segundo estudo, as necessidades de uma amostra de jovens em acolhimento residencial foram avaliadas, na perspectiva dos técnicos, através do QANJAR, tendo-se estabelecido como objectivos específicos:

1. Testar as qualidades psicométricas do instrumento, ao nível da sensibilidade, da fidelidade e da validade concorrente, assim como analisar a correlação entre as áreas que o compõem.
2. Verificar a adequabilidade do instrumento para a identificação de perfis de necessidades de jovens em acolhimento residencial.

4.1. Método

4.1.1. Participantes

Neste estudo importa distinguir os participantes, que são os técnicos que preencheram os questionários, do alvo de avaliação, que são os jovens avaliados pelos técnicos.

Em relação aos participantes (n=47), verifica-se que a maioria é do sexo feminino (70,2%) e que as idades variam entre 28 e 53 anos, sendo a média de 37 anos (DP=7,938).

Estes têm formação maioritariamente na área da psicologia (25,5%) e da educação (25,5%), seguida da área do serviço social (21,3%). No entanto, em relação aos cargos ocupados verifica-se que mais de metade são educadores (55,3%), seguindo-se os assistentes sociais (23,4%) e os psicólogos (19,1%).

Quanto à escolaridade, 74,5% dos participantes possuem uma licenciatura e 14,9% têm o secundário, encontrando-se também dois casos com o mestrado e um com o bacharelato.

Finalmente, é de referir que o tempo de trabalho dos participantes na instituição varia entre 0,30 e 30 anos, sendo a média de 9,51 anos (DP=6,899); e que o número de elementos por equipa, no preenchimento do questionário, variou entre um e cinco, sendo a média de 2,82 elementos por equipa (DP=0,776).

Uma vez que foi definido como critério de inclusão no estudo os jovens terem idade superior a 14 anos, a amostra dos jovens alvo de avaliação (n=101) foi constituída por todos os jovens com idades superiores aos 14 anos que residiam nas residências de acolhimento incluídas no estudo. A idade variou entre os 14 e os 23 anos, sendo a média das idades de 16 (DP=1,8). 43,7% dos jovens são do sexo feminino, a maioria (69,9%) tem ascendência

portuguesa, destacando-se ainda os que têm ascendência cabo-verdiana (9,7%) e angolana (5,8%).

Quanto à duração do acolhimento, verifica-se que esta varia entre 0,92 e 17,81 anos, sendo a média de 8,6 anos (DP=3,56). Saliente-se que 25% dos jovens estão em acolhimento há menos de 7,37 anos e 25% estão em acolhimento há mais de 10,99 anos.

4.1.2. Instrumento

Questionário de avaliação de necessidades de jovens em acolhimento residencial (QANJAR)

Como instrumento de avaliação foi utilizado o QANJAR, constituído por duas partes distintas - caracterização sócio demográfica e avaliação de necessidades - como descrito anteriormente⁹. É composto por 211 itens, que possibilitam avaliar as necessidades actuais desta população, ao nível individual e grupal, considerando a presença/ausência de factores de risco e de protecção em cinco áreas da vida (situação habitacional, relações sociais e familiares, comportamentos e competências, saúde física e psicológica, e educação e emprego). Adicionalmente, permite avaliar para cada uma destas áreas os scores de risco e de protecção, que resultam do somatório da presença dos respectivos factores. Podem ainda calcular-se os scores de risco e protecção totais que resultam da soma destes factores em todas as áreas.

Assim sendo, ao nível dos scores os resultados podem variar, como se observa na tabela em baixo (Tabela 19), devendo salientar-se que valores mais elevados ao nível do risco e menores ao nível da protecção indicam situações de maior necessidade.

Tabela 19. Variância Possível dos Scores de Risco e Protecção

Área	Variância dos Scores	
	Risco	Protecção
Situação Habitacional	0-23	0-9
Relações Sociais e Familiares	0-15	0-12
Comportamentos e Competências	0-20	0-26
Saúde Física e Psicológica	0-37	0-12
Educação e Emprego	0-14	0-9
Total	0-109	0-68

Além das duas partes que compõem o QANJAR foi introduzida uma terceira parte, no sentido de permitir a validação do instrumento. Esta terceira parte é composta por um item que possibilita avaliar a consistência/acordo da equipa técnico educativa durante o

⁹ Ver QANJAR no anexo 3.

preenchimento do QANJAR – “Com que frequência a equipa que preencheu o formulário esteve em desacordo em relação às respostas?” – cuja escala de resposta variava entre nunca (0 vezes) e frequentemente (mais de 20 vezes). Além disso, contém 32 itens¹⁰ que dizem respeito aos serviços prestados ao jovem (12) e à sua família (20), introduzidos para testar a validade concorrente do instrumento. Parte dos itens foram extraídos do FDA (e.g. “Saúde Mental”, “Educação – Ensino Especial”) e outros foram sugeridos pelos técnicos da instituição, reflectindo os serviços/actividades mais comuns no contexto português (e.g. “Unidade terapêutica e de socialização”). Note-se que se seleccionaram os serviços de intervenção que remetem para as diferentes áreas avaliadas no QANJAR. A escala de resposta é dicotómica (sim/não) ou nominal (serviço não oferecido, oferecido e rejeitado, oferecido e aceite, já a ser utilizado, já a ser utilizado mas a sua natureza ou intensidade foi alterada).

Ainda em relação aos serviços são calculados dois scores: um para os serviços prestados à família, e outro para os serviços prestados aos jovens. Ambos resultam do somatório do número de serviços prestados, variando assim entre 0 e 20, e 0 e 12, respectivamente.

4.1.3. Procedimento

Uma vez que o questionário é preenchido por técnicos foram realizadas reuniões na instituição no sentido de sensibilizar todos os técnicos a participar no estudo e para que lhes fosse explicado como se procedia ao preenchimento do QANJAR.

Após verificação do número de jovens com idades superiores a 14 anos por residência, foram distribuídos os questionários aos técnicos responsáveis. Os questionários foram posteriormente preenchidos pelas equipas técnico-educativas dos jovens, nas instalações da instituição, sendo da responsabilidade da equipa marcar uma reunião para proceder ao preenchimento dos mesmos. De forma a garantir-se a confidencialidade e anonimato dos dados foram dadas instruções no sentido de não se referir a identidade dos jovens e técnicos. Todos os questionários foram introduzidos num envelope selado, que foi posteriormente recolhido, tendo-se obtido um retorno de 100% dos questionários.

Finalmente os dados foram inseridos numa base de dados e analisados através do SPSS (V15).

¹⁰ Ver QANJAR no anexo 3, a partir da página 82.

4.2. Resultados

4.2.1. Análise das Qualidades Psicométricas do QANJAR

Um dos objectivos deste estudo consistia em contribuir para a validação inicial do QANJAR, analisando as suas qualidades psicométricas em termos da sensibilidade, fidelidade e validade concorrente; e também analisar a correlação entre as áreas do mesmo, passando-se assim a apresentar os resultados referentes a estas análises.

4.2.1.1. Análise Descritiva

A análise dos scores obtidos no QANJAR (Tabela 20), em termos de risco e protecção, mostra que em média estes jovens apresentam mais factores de protecção e menos factores de risco em todas as áreas e no total.

Tabela 20. Medidas descritivas (Mínimo, Máximo, Média e Percentís) dos Factores de Risco (FR) e de Protecção (FP) por Área e no Total

Área	Situação Habitacional		Relações Sociais e Familiares		Competências e Comportamentos		Saúde Física e Psicológica		Educação e Emprego		Risco Total	Protecção Total	
	FR	FP	FR	FP	FR	FP	FR	FP	FR	FP			
Mínimo	0	1	0	4	0	6	0	3	0	0	2	19	
Máximo	14	9	8	12	17	26	17	12	9	8	56	65	
Média	6,05	7,15	3,99	9,25	4,40	19,86	6,62	7,65	1,93	4,55	23,00	48,47	
Percentís	10	1,3	5	2	6	0	14	1	4	0	1	8	31,9
	20	3	6	2	8	1	16	2	6	0	2	12	39
	30	4	6	3	8	1	18	4	6	0	3	16,9	42,9
	40	5,2	7	3	9	2	20	5	7	1	4	19	47,2
	50	7	8	4	9	3	21	6	8	1	5	21,5	50,5
	60	7	8	4,8	10,8	4	22	7	8	2	5	24,8	54
	70	8	8	5	11	5,1	23	8,1	9	2	6	29	57
80	9	9	6	11	7	24	11	10	4	7	34	59	
90	10	9	6,7	12	13	25	13	11	5	8	37	61	

Na análise destes dados salienta-se ainda que os factores de protecção atingem o seu valor máximo em todas as áreas, excepto na área da Educação e Emprego e no score Total, contrariamente aos factores de risco cujo valor máximo possível nunca é atingido. Realça-se ainda o facto do valor máximo do score factores de risco total ser de 56 nesta amostra, quando o score máximo possível é de 109. Além disso, verifica-se que nas áreas da Situação Habitacional e da Saúde Física e Psicológica, a média de factores de protecção é mais próxima da média de factores de risco, o que distingue estas áreas ao nível da necessidade de

intervenção, uma vez que a sobreposição dos factores de protecção face aos de risco é reduzida. Finalmente, na tabela 20, são ainda descritas as notas percentílicas (decís) obtidas por esta amostra nas diferentes áreas avaliadas e no total, no sentido de contribuir para o estabelecimento dos valores normativos desta população.

4.2.1.2. Sensibilidade

Ao nível da sensibilidade, testou-se a normalidade na distribuição dos scores resultantes do somatório da presença de factores de risco e protecção nas diferentes áreas da vida avaliadas e no total.

O teste à normalidade realizou-se através do Kolmogorov-Smirnov (K-S), revelando que apenas o resultado factores de risco total, resultante da soma de todos os factores de risco avaliados, segue uma distribuição normal ($p > 0,05$). Analisaram-se ainda a assimetria e a curtose, cujos resultados se resumem na tabela seguinte (Tabela 21).

Tabela 21. Valores de Assimetria e Curtose dos Factores de Risco (FR) e de Protecção (FP) por Área e no Total

Área	Situação Habitacional		Relações Sociais e Familiares		Competências e Comportamentos		Saúde Física e Psicológica		Educação e Emprego		Risco Total	Protecção Total
	FR	FP	FR	FP	FR	FP	FR	FP	FR	FP		
Simetria	-0,127	-1,224	0,027	-0,781	1,250	-1,044	0,459	-0,149	1,327	-0,241	0,451	-0,739
Curtose	-0,660	1,740	-0,547	0,014	0,826	0,878	-0,578	-0,699	1,159	-0,999	-0,147	-0,183

Verifica-se que a distribuição dos dados se apresenta próxima da simétrica e mesocúrtica (normal) nas diferentes áreas e no total, excepto nos factores de protecção das áreas Situação Habitacional e Competências e Comportamentos, onde existe uma assimetria negativa, e nos factores de risco das áreas Competências e Comportamentos e Educação e Emprego, onde a assimetria é positiva. Existem ainda dois casos em que a curtose é leptocúrtica, nomeadamente na distribuição dos factores de protecção da Situação Habitacional e dos factores de risco da Educação e Emprego.

4.2.1.3. Fidelidade

Importa referir que, embora este instrumento não pretenda avaliar construtos ou dimensões teóricas, a fidelidade foi avaliada no sentido de compreender a consistência interna dos factores de risco e de protecção dentro de cada área de vida avaliada. Esta análise, além

de contribuir para a validação do instrumento, indica-nos em que áreas existe maior ou menor consistência nos factores avaliados.

Neste sentido, verificou-se, através do coeficiente de Kudar Richardson (fórmula 21), que a consistência entre os factores de risco e de protecção é elevada ou média em todas as áreas, excepto ao nível dos factores de risco nas relações sociais e familiares, como se pode ver na tabela seguinte (Tabela 22).

Tabela 22. Consistência Interna por Área e Tipo de Factor (KR21)

Área/Dimensão	Factores de Risco	Factores Protectores
Situação Habitacional (SH)	0,937 ¹	0,627
Relações Sociais e Familiares (RSF)	0,165	0,598
Competências e Comportamentos (CC)	0,869	0,823
Saúde Física e Psicológica (SFP)	0,728	0,537
Educação e Emprego (EE)	0,707	0,659

¹ Calculado com o alpha de cronbach, porque um dos itens não é dicotómico.

A consistência interna apresenta-se ainda relativamente baixa ao nível dos factores protectores na saúde física e psicológica, na situação habitacional e nas relações sociais e familiares. Estes valores indicam que estas áreas são compostas por factores menos relacionados entre si.

Neste ponto foi ainda analisado o item referente ao desacordo da equipa durante o preenchimento do instrumento, cuja escala de resposta varia entre nunca (0 vezes) e frequentemente (mais de 20 vezes). A análise efectuada evidencia uma elevada concordância entre os avaliadores, uma vez que o desacordo geralmente ocorre de forma rara ou ocasional. Analisando todos os pontos da escala, verifica-se que em 11,7% dos casos nunca houve desacordo, em 52,4% o desacordo foi raro (1 a 5 vezes), em 31,1% foi ocasional (6 a 10 vezes), em 1 caso foi esporádico (11 a 15 vezes) e nunca foi regular (16 a 20 vezes) nem frequente (mais de 20 vezes).

4.2.1.4. Validade Concorrente

A validade concorrente foi aferida através da relação entre a intensidade de factores de risco presentes na vida do jovem (score factores de risco total) e o número de serviços prestados ao jovem e à sua família, uma vez que se espera que os jovens com mais factores de risco sejam alvo de mais intervenções. Estas últimas variáveis referem-se aos scores obtidos na terceira parte do instrumento, resultantes do somatório do número de serviços prestados ao jovem e à sua família.

A este respeito, verificámos que a variável referente ao total de factores de risco apresenta uma correlação positiva e moderada com o total de serviços prestados ao jovem ($R=0,433$, $p=0,000$) e uma correlação positiva mas baixa com o total de serviços prestados à família ($R=0,297$, $p=0,003$). Portanto, de acordo com o previsto, observámos que os jovens com mais factores de risco estão sujeitos a mais intervenções ou serviços que os jovens com menos factores de risco. Observámos ainda que também as famílias dos jovens com mais factores de risco estão sujeitas a mais serviços, embora com uma menor intensidade que os jovens.

4.2.1.5. Correlações Inter-áreas

Ao nível das correlações inter-áreas analisou-se a relação dos scores de risco e de protecção em todas as áreas avaliadas.

Quanto à relação dos factores de risco entre si, verificou-se, através do índice de correlação de Pearson, que os factores de risco estão correlacionados de forma positiva e significativa entre as diferentes áreas da vida (Tabela 23), o que indica que os jovens com mais factores de risco numa das áreas também têm, tendencialmente, mais factores de risco noutras.

Tabela 23. Correlação entre Factores de Risco

	SH	RSF	CC	SFP	EE
Situação Habitacional (SH)	-----				
Relações Sociais e Familiares (RSF)	,258(**)	-----			
Comportamentos e Competências (CC)	,326(**)	,456(**)	-----		
Saúde Física e Psicológica (SFP)	,398(**)	,410(**)	,416(**)	-----	
Educação e Emprego (EE)	,208(*)	,357(**)	,689(**)	,468(**)	-----

* $p < .05$ ** $p < .01$

Quanto à relação entre os factores de risco e os factores de protecção, verificámos que, apesar de esta ser sempre negativa, existem quatro casos em que não é significativa, conforme se pode observar na tabela que se segue (Tabela 24).

Tabela 24. Correlação entre Factores de Risco e Factores Protectores

Factores Protectores	Factores de Risco				
	SH	RSF	CC	SFP	EE
Situação Habitacional (SH)	-,040	-,204(*)	-,311(**)	-,174	-,280(**)
Relações Sociais e Familiares (RSF)	-,099	-,266(**)	-,478(**)	-,460(**)	-,459(**)
Comportamentos e Competências (CC)	-,232(*)	-,399(**)	-,599(**)	-,563(**)	-,586(**)
Saúde Física e Psicológica (SFP)	-,057	-,247(*)	-,428(**)	-,555(**)	-,477(**)
Educação e Emprego (EE)	-,203(*)	-,390(**)	-,582(**)	-,549(**)	-,516(**)

* $p < .05$ ** $p < .01$

4.2.2. Identificação de Perfis de Necessidades

Para responder ao segundo objectivo deste estudo (identificar perfis de necessidades) foi realizada uma Análise de Correspondências Múltiplas (ACM). Esta permite averiguar as diversas associações que se estabelecem entre variáveis qualitativas num contexto de interdependência (Carvalho, 2008), como é o presente caso.

Considerando a quantidade de variáveis presentes no instrumento, o primeiro passo desta análise foi a selecção das variáveis de input para a ACM.

Esta selecção foi feita com base em diferentes critérios teóricos e estatísticos, nomeadamente: a) a correlação entre as variáveis, que permitiu o agrupamento de algumas para não se perder informação, e a exclusão de variáveis redundantes; b) a distribuição de frequências, que permitiu a selecção de itens mais discriminantes e relevantes; c) a frequência dos *missings*, que levou à exclusão de algumas variáveis, que poderiam enviesar a ACM por excesso de não respostas, e à exclusão de nove sujeitos, cujos questionários estavam pouco completos; e, d) a relevância teórica do item para a área, tendo sido os itens discutidos em equipa e com um investigador com experiência na área, no sentido de manter os itens fundamentais.

Note-se que se procurou garantir que as variáveis seleccionadas sustentassem um equilíbrio em relação ao número de itens considerados em cada área e ao número de factores de risco e protecção.

Através deste processo foram seleccionadas 50 variáveis, que entraram como variáveis activas (de input) numa primeira ACM. Esta permitiu redefinir o sistema de variáveis, ao possibilitar a identificação de variáveis sem capacidade diferenciadora, que foram excluídas das análises seguintes.

Deste modo, permaneceram seleccionadas as seguintes 30 variáveis (ver Tabela 25), que apresentavam capacidade discriminatória em pelo menos uma dimensão.

Tabela 25. Lista das Variáveis Activas na ACM

Situação Habitacional	<ol style="list-style-type: none"> 1. Habitação sobrelotada e/ou precisa de melhoramentos 2. Mudança frequente de bairro/residência de acolhimento 3. Jovem vive em ambiente perigoso 4. Residência de acolhimento com carência de bens percebidos como básicos
Relações Sociais e Familiares	<ol style="list-style-type: none"> 5. Relação do jovem com pais 6. Relação do jovem com outros não familiares (vizinhos, amas, educadores, professores, colegas de internato) 7. Discórdia e/ou violência doméstica 8. Jovem lida adequadamente com os problemas familiares 9. O jovem demonstra sentir-se compreendido/apoiado pelos seus educadores
Competências e Comportamentos Sociais e Anti-sociais	<ol style="list-style-type: none"> 10. Relações do jovem com Pares na RA 11. Relações do jovem com Profissionais na RA 12. Problemas de comportamento e/ou comportamento agressivo na RA 13. Problemas de comportamento e/ou comportamento agressivo na escola 14. Rede social fraca ou má 15. Falta ao respeito e/ou resiste e desobedece aos funcionários ou a outros 16. Professores/Técnicos descrevem o jovem como afável 17. Tem confiança na resolução de problemas 18. Sente que os educadores confiam nele 19. Consegue estabelecer objectivos 20. Acredita que a instituição pode melhorar
Saúde Física e Psicológica	<ol style="list-style-type: none"> 21. Stress/incapacidade de ajustamento e/ou infeliz 22. Perturbação específica emocional ou de comportamento 23. Sente-se incapaz de controlar o que o rodeia 24. Adultos sabem como lidar com os problemas físicos e mentais do jovem 25. Consegue gerir as suas emoções 26. Demonstra ser responsável pela sua saúde
Educação e Emprego	<ol style="list-style-type: none"> 27. Falta à escola com regularidade 28. Descrito/a como trabalhador/a 29. Apreciado/a por outros alunos/colegas 30. Apreciado por professor/empregador e/ou boa relação com professor

No segundo passo seleccionaram-se as dimensões que foram retidas para análise, com base na inércia¹¹ e nas medidas de discriminação¹².

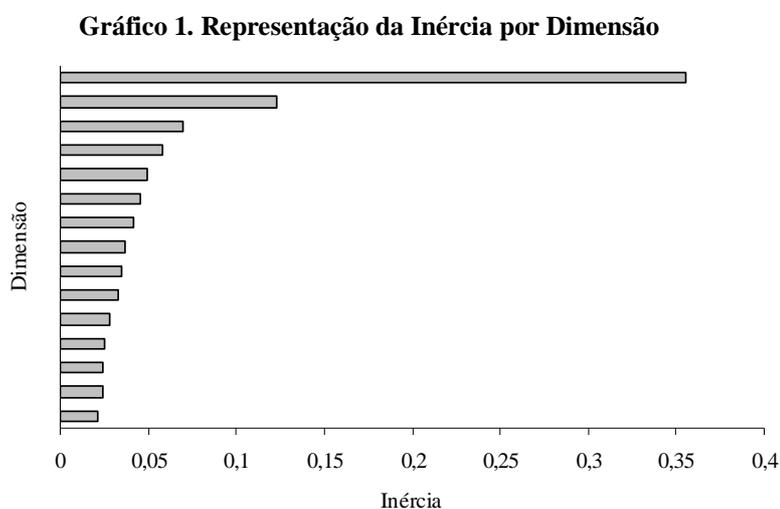
Nesta análise, foram retidas as duas primeiras dimensões, pois os valores da sua inércia destacaram-se dos restantes, como se pode verificar no gráfico seguinte (Gráfico 1)¹³. Além disso, estas explicam em conjunto 47,8% da variância (35,5% a primeira e 12,3% a segunda) e têm uma elevada consistência interna (α de Cronbach de 0.937 e 0.754, respectivamente). Acresce que as variáveis que mais discriminam na terceira dimensão são igualmente

¹¹ Indica a variância explicada por dimensão.

¹² Quantificam a variância de cada variável por dimensão.

¹³ São ilustradas as inércias das primeiras 15 dimensões para facilitar a leitura do gráfico.

discriminatórias na primeira ou na segunda dimensão, não se justificando assim reter a terceira.



No terceiro passo repetiu-se a ACM solicitando-se apenas duas dimensões e procedeu-se à sua interpretação.

A interpretação fundamenta-se nas medidas de discriminação e nas coordenadas (quantificações) das categorias das variáveis, por dimensões¹⁴. Em relação às primeiras, é tomado o valor de inércia da dimensão, como base para a identificação das variáveis mais estruturantes na determinação das dimensões. Por sua vez, as segundas, permitem averiguar as associações e oposições entre categorias e também verificar as que mais discriminam em cada variável, facilitando assim a interpretação das dimensões.

Nesta análise verificámos que a primeira dimensão foi estruturada sobretudo pelas seguintes variáveis: Problemas de comportamento e/ou comportamento agressivo na RA, Problemas de comportamento e/ou comportamento agressivo na escola, Rede social fraca ou má, Falta ao respeito e/ou resiste e desobedece aos funcionários ou a outros, Professores/Técnicos descrevem o jovem como afável, Sente que os educadores confiam nele, Consegue estabelecer objectivos, Acredita que a instituição pode melhorar, Stress/incapacidade de ajustamento ou infeliz, Perturbação específica emocional ou de comportamento, Sente-se incapaz de controlar o que o rodeia, Consegue gerir as suas emoções, Falta à escola com regularidade, Descrito/a como trabalhador/a, Apreciado/a por

¹⁴ Ver coordenadas das categorias no anexo 5.

outros alunos/colegas, e Apreciado por professor/empregador e/ou boa relação com o professor.

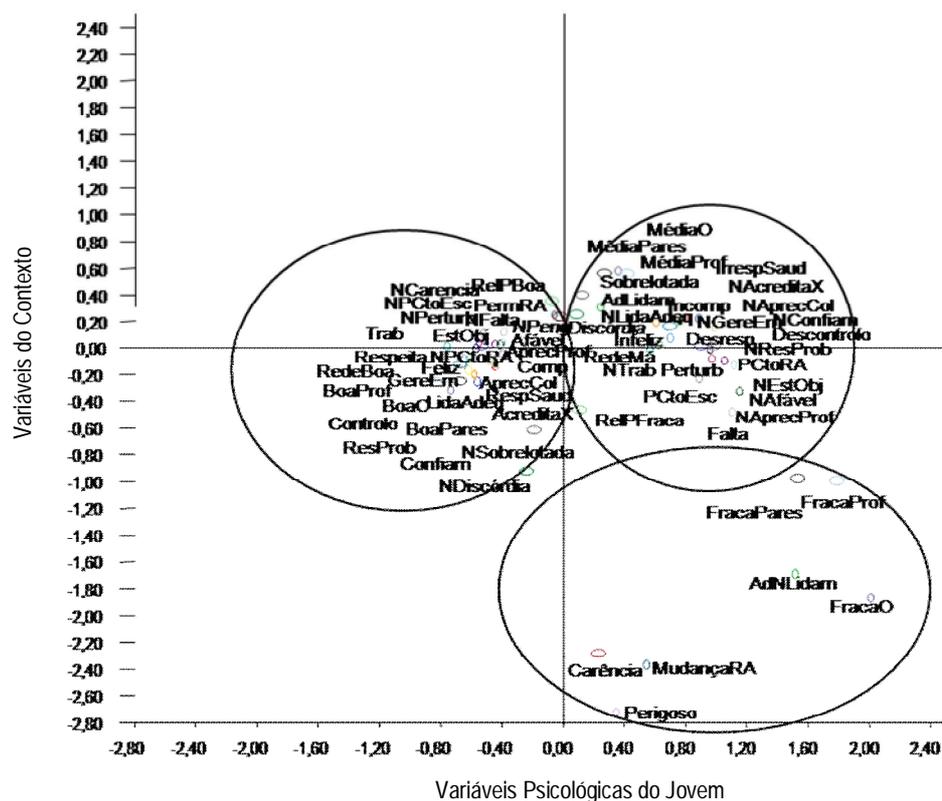
Esta dimensão reporta-se sobretudo a variáveis psicológicas do jovem, nomeadamente às suas competências, comportamentos, emoções e cognições, sendo assim classificada como Variáveis Psicológicas do Jovem.

A segunda dimensão foi determinada principalmente pelas seguintes variáveis: Habitação sobrelotada e/ou precisa de melhoramentos, Mudança frequente de bairro/residência de acolhimento, Jovem vive em ambiente perigoso, Residência de acolhimento com carência de bens percebidos como básicos, Relação do jovem com pais, Relação do jovem com outros não familiares (vizinhos, amas, educadores, professores, colegas de internato), Discórdia e/ou violência doméstica, Relações do jovem com Pares na RA, Relações do jovem com Profissionais na RA, e Adultos sabem como lidar com os problemas físicos e mentais do jovem.

Concluimos que esta segunda dimensão se refere a variáveis do contexto em que o jovem está inserido, nomeadamente a variáveis do contexto familiar e institucional e às relações do jovem com outros intervenientes, pelo que foi denominada de Variáveis do Contexto. Note-se que as relações, excepto com os pais, foram também determinantes na primeira dimensão; no entanto, optou-se por mantê-las nesta, pois contribuem mais para a sua coerência temática.

Após a análise da composição das dimensões, procedeu-se à representação das categorias das variáveis no plano bidimensional (Gráfico 2), definido pelas dimensões acima descritas. A análise deste plano permite a identificação de grupos homogéneos, devendo privilegiar-se as variáveis e categorias com maior discriminação, para que a definição dos grupos seja mais clara.

Gráfico 2. Configuração das Categorias no Plano Bidimensional



Como se pode observar no gráfico em cima (Gráfico 2), foram identificados três grupos, ou perfis, com as seguintes características.

Perfil 1

Este perfil é representado pelos jovens descritos pelos técnicos como os que faltam à escola, que não são apreciados nem pelos colegas nem pelos professores, que apresentam problemas de comportamento neste contexto escolar e também no contexto da residência de acolhimento. Estes jovens não são descritos como trabalhadores nem como afáveis, são avaliados como tendo perturbações específicas emocionais e/ou comportamentais, como incapazes de gerir as suas emoções, de estabelecer objectivos, ou resolver problemas e são percebidos como sendo infelizes e/ou pessoas stressadas ou com incapacidade de ajustamento. Além disso, estes jovens são avaliados como não sabendo lidar adequadamente com os problemas familiares, apresentando uma rede social fraca ou má, como não sentindo controlo no que os rodeia, nem compreensão ou apoio da parte dos educadores, e ainda como não sentido que os educadores confiam em si. São jovens percebidos como pouco responsáveis em relação à sua saúde, que faltam ao respeito e/ou resistem e desobedecem às ordens dos funcionários da instituição e que não acreditam que a instituição possa melhorar. Em termos das variáveis determinantes da segunda dimensão, são avaliados como tendo com

uma relação fraca com os pais, mas média com pares, profissionais e outros. As habitações familiares destes jovens são descritas como sobrelotadas e/ou a precisar de melhoramentos (em termos de estruturas ou equipamentos), percepcionando-se também discórdia e/ou violência no contexto familiar. Ainda assim, segundo os técnicos, os adultos (familiares ou cuidadores) lidam adequadamente com os problemas físicos e mentais destes jovens, quando estes os possuem.

Em suma, neste grupo estão os jovens que apresentam mais factores de risco e menos factores de protecção nas diferentes áreas da vida aqui avaliadas.

Perfil 2

Este segundo perfil é composto pelos jovens descritos como os que não faltam à escola, que são apreciados pelos colegas e pelos professores, que não têm problemas de comportamento na escola nem na residência de acolhimento e são descritos como trabalhadores e como afáveis. São jovens avaliados como não tendo perturbações específicas emocionais e/ou comportamentais, que conseguem gerir as suas emoções, estabelecer objectivos, e resolver problemas. Os técnicos descrevem-nos como sendo jovens felizes e/ou ajustados, que sabem lidar adequadamente com os problemas familiares, que sentem controlo no que os rodeia, que sentem compreensão e apoio da parte dos educadores, e ainda que sentem que estes confiam em si. São percepcionados como jovens que apresentam uma boa rede social, são responsáveis pela sua saúde, não faltam ao respeito nem resistem ou desobedecem às ordens dos funcionários da instituição, e que acreditam que a instituição pode melhorar. Quanto às relações, estas são descritas como sendo boas tanto com os pais como com os pares, os profissionais e outros intervenientes. A sua situação habitacional é estruturada pela permanência na residência de acolhimento, ou seja, são jovens com alguma estabilidade em termos do seu historial de acolhimento. Além disso, são jovens que vivem em residências de acolhimento sem carência de bens entendidos como básicos e num ambiente que não é considerado perigoso. Finalmente, em termos do contexto familiar, as habitações não se encontram sobrelotadas nem precisam de melhoramentos nas estruturas ou nos equipamentos, e não se percebe discórdia nem violência doméstica.

Conclui-se que este perfil se opõe ao primeiro, sendo então composto pelos jovens que apresentam mais factores de protecção e menos factores de risco nas áreas avaliadas.

Perfil 3

O terceiro perfil demonstra ser menos significativo, na medida em que é determinado por menos categorias, pertencentes apenas a uma das dimensões. É constituído pelos jovens descritos como tendo uma relação fraca com pares, profissionais e outros, que vivem num ambiente percebido como perigoso, que mudam com frequência de residência de acolhimento e que vivem em residências de acolhimento com carência de bens percebidos como básicos. São ainda avaliados como sendo jovens que convivem com adultos (sejam eles os familiares ou os cuidadores) que não sabem lidar com os seus problemas físicos ou mentais. Note-se ainda que este perfil é mais próximo do primeiro que do segundo, apresentando, tal como o primeiro, uma situação de maior gravidade.

Para melhor caracterizar os perfis, podem articular-se propriedades dos sujeitos em estudo com os perfis identificados. Neste caso, as propriedades seleccionadas para análise foram o sexo, a idade e o tempo de acolhimento, tendo-se categorizado previamente as duas últimas variáveis em escalões¹⁵. Estas são as chamadas variáveis suplementares ou passivas, e foram representadas graficamente no plano bidimensional¹⁶, no sentido de averiguar a sua proximidade aos perfis identificados.

Com base na análise destes gráficos, verificámos que o primeiro perfil é essencialmente composto por jovens do sexo masculino, que estão em acolhimento há menos de seis anos ou até 12 anos e que têm entre 14 e 16 anos, enquanto o segundo perfil é principalmente composto por jovens do sexo feminino, com idades a partir dos 17 anos e que estão em acolhimento há mais de 12. Nenhuma destas categorias se associou ao terceiro perfil.

Para aferir a densidade dos perfis identificados, foi ainda analisada a distribuição dos sujeitos em estudo no plano bidimensional¹⁷.

A este respeito, verificou-se que a grande densidade de sujeitos se situa no primeiro e segundo perfis, o que mais uma vez indicia a baixa relevância do terceiro perfil. Esta pode justificar-se pelo número de sujeitos em análise (n=92), que poderá não ser suficiente para a determinação de um terceiro perfil consistente, mas também pelo facto de as variáveis serem dicotómicas, na sua maioria, o que incute a configuração de apenas dois perfis.

¹⁵ Escalões da Idade: “entre 14 e 16 anos”, “17 ou 18 anos” e “mais de 19 anos”; Escalões do Tempo de Acolhimento: “até 6 anos”, “entre 6 e 12 anos”, e “mais de 12 anos”.

¹⁶ Ver configuração das variáveis suplementares no plano bidimensional no anexo 6.

¹⁷ Ver distribuição dos sujeitos no plano bidimensional no anexo 7.

Para finalizar esta análise, a ACM foi ainda articulada com a Análise de Clusters, no sentido de validar a solução encontrada na primeira análise e de passar da configuração topológica, obtida através da ACM, à definição efectiva de tipologias classificatórias.

Assim, foi inicialmente realizada uma Análise de Clusters hierárquica, utilizando como variáveis de input os scores dos sujeitos nas duas dimensões seleccionadas na ACM, e como critérios de agregação, o critério de *Ward* e o critério do Vizinho Mais Afastado, cujas distâncias entre os coeficientes de fusão¹⁸ se ilustram nos gráficos seguintes (Gráfico 2 e 3).

Gráfico 3. Coeficientes de Fusão através do Critério de Ward

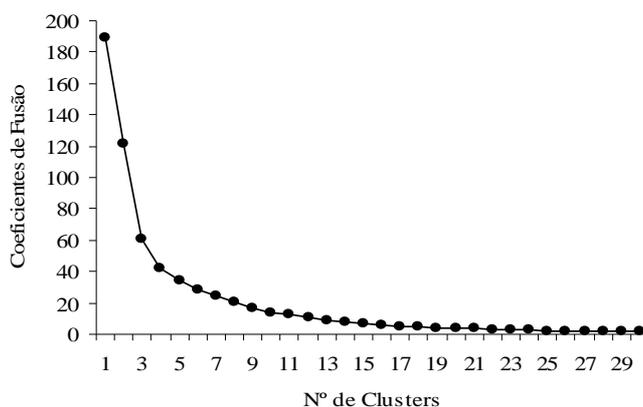
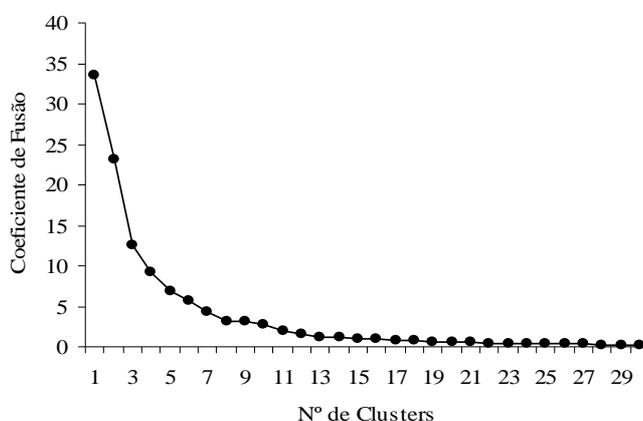


Gráfico 4. Coeficientes de Fusão através do Critério do Vizinho Mais Afastado



Verificou-se, com ambos os critérios de agregação, que a distância entre os coeficientes de fusão se torna menor a partir da terceira agregação, validando-se assim os três perfis identificados na ACM.

¹⁸ São ilustrados os coeficientes de fusão relativos às últimas 30 agregações para facilitar a leitura do gráfico.

Após esta legitimação, procedemos à optimização da solução com três clusters, através de uma Análise de Clusters não hierárquica. Esta permitiu classificar os sujeitos nos clusters, novamente com base nos scores dos sujeitos nas duas dimensões da ACM.

Nesta análise observou-se que o primeiro perfil é composto por 40 sujeitos, o segundo por 45 e o terceiro por sete, o que reforça, mais uma vez, a fragilidade do último. Para validar graficamente a consistência desta classificação procedeu-se ainda à projecção dos clusters, enquanto variável suplementar, no plano de configuração das categorias e dos objectos¹⁹, o que comprovou os perfis identificados, correspondendo o primeiro cluster ao primeiro perfil, o segundo ao segundo e o terceiro ao terceiro.

Para aprofundar o conhecimento destes perfis de necessidades, fez-se um cruzamento das variáveis originais da ACM com os grupos definidos pelos clusters²⁰.

Este cruzamento, além de permitir uma descrição mais pormenorizada das tipologias de necessidades identificadas, possibilita também uma descrição menos polarizada dos grupos, comparativamente à associação entre categorias, dada pela ACM, uma vez que nos indica as percentagens dos factores de risco e de protecção em cada grupo, e não apenas a sua presença ou ausência. Este tipo de descrição, por sua vez, permite ainda identificar em que variáveis e áreas da vida existe maior urgência ao nível da intervenção.

Perfil 1 (n=40) – Predominância de Factores de Risco

Apesar de este perfil ser definido, através da ACM, pelas categorias negativas das variáveis (em oposição ao segundo perfil), a presença dos factores de risco e ausência de factores de protecção nem sempre afectam a maioria dos jovens, como se pode observar na tabela em baixo (Tabela 26).

¹⁹ Ver distribuição dos clusters, juntamente com a configuração das categorias e dos objectos, no plano bidimensional, no anexo 8.

²⁰ Ver *Custom Tables*, com cruzamento dos clusters com as variáveis activas, no anexo 9.

Tabela 26. Características do Perfil 1

Factores de Risco e Protecção	%
Adultos lidam adequadamente com os problemas físicos e mentais do jovem	97,2
Discórdia e/ou violência no contexto familiar	89,7
Relação média com profissionais	88,6
Relação média com outros	84,6
Habitações familiares sobrelotadas e/ou precisam de melhoramentos	83,3
Não são descritos como trabalhadores	80
Infelizes e/ou pessoas stressadas/incapazes de ajustamento	77,5
Relação média com pares	76,5
Não acreditam que a instituição possa melhorar	72,7
Não conseguem gerir emoções	72,5
Não sabem lidar adequadamente com os problemas familiares	72,5
Rede social fraca ou má	70,3
Desrespeitam e/ou resistem e desobedecem às ordens dos funcionários	67,5
Não são apreciados pelos colegas	60,5
Têm perturbações específicas emocionais e/ou comportamentais	60
Não sentem compreensão nem apoio da parte dos educadores	60
Têm pouca responsabilidade sobre a sua saúde	60
Não sentem que os educadores confiam em si	57,5
Problemas de comportamento na residência de acolhimento	57,5
Não sentem controlo no que os rodeia	55,3
Problemas de comportamento na escola	50
Não têm confiança na resolução de problemas	48,6
Não conseguem estabelecer objectivos	45
Não são percebidos como afáveis	37,5
Faltam à escola	36,4
Não são apreciados pelos professores	32,4
Relação fraca com os pais	30

Aqui, as variáveis relativas ao absentismo escolar, à relação com professores e com pais, à percepção de que não são jovens afáveis, e que não conseguem estabelecer objectivos nem resolver problemas, não chegam a atingir metade dos jovens deste grupo, embora continuem a ser relevantes e a determinar as suas características.

Perfil 2 (n=45) – Predominância de Factores Protectores

Este perfil, caracterizado pela forte presença de factores protectores e ausência de factores de risco, como se pode verificar na tabela 27, é determinado pelas categorias positivas das variáveis na maioria dos casos. No entanto, as variáveis relativas à boa relação com os pais e à inexistência de sobrelotação ou de necessidades de melhorias na habitação familiar, atingem pouco mais de metade dos jovens deste grupo, e a variável relativa à inexistência de discórdia e violência familiar ocorre em apenas 27,9% dos casos.

Tabela 27. Características do Perfil 2

Factores de Risco e Protecção	%
Sentem controlo no que os rodeia	100
Apreciados pelos colegas	100
Apreciados pelos professores	95,6
Conseguem estabelecer objectivos	95,6
Jovem não vive num ambiente perigoso	95,6
Têm confiança na resolução de problemas	95,5
Acreditam que a instituição pode melhorar	95
Não faltam à escola	94,9
São percepcionados como afáveis	93,3
Não têm perturbações específicas emocionais e/ou comportamentais	93,3
Não têm problemas de comportamento na residência de acolhimento	91,1
Responsáveis pela sua saúde	91,1
Sentem que os educadores confiam em si	90,9
Permanência (estabilidade) na residência de acolhimento	88,9
Residência de acolhimento sem carência de bens básicos	88,9
Sentem compreensão e apoio da parte dos educadores	88,6
Não têm problemas de comportamento na escola	87,8
Conseguem gerir emoções	86,7
Felizes e/ou capazes de ajustamento	84,4
Relação boa com profissionais	84,4
Rede social boa	82,2
Sabem lidar adequadamente com os problemas familiares	77,8
Respeitam e obedecem às ordens dos funcionários da instituição	77,8
Relação boa com outros	77,8
Relação boa com pares	71,1
São descritos como trabalhadores	70,5
Relação boa com pais	55,6
Habitações familiares não estão sobrelotadas nem precisam de melhoramentos	53,7
Não existe discórdia nem violência doméstica	27,9

Perfil 3 (n=7) – Predominância de Factores de Risco ao Nível Contextual e Relacional

Este terceiro perfil, apesar de ser determinado pelas categorias negativas de variáveis determinantes para a definição da segunda dimensão, nem sempre as possui na sua maioria, como se observa na tabela em baixo (Tabela 28). Salienta-se que menos de metade destes jovens vive num ambiente perigoso ou numa residência de acolhimento com carência de bens básicos.

Tabela 28. Características do Perfil 3

Factores de Risco e Protecção	%
Adultos não sabem lidar com os problemas físicos ou mentais dos jovens	100
Relação fraca com outros	85,7
Relação fraca com pares	71,4
Relação fraca com profissionais	71,4
Mudança frequente (instabilidade) de residência de acolhimento	57,1
Residência de acolhimento com carência de bens básicos	42,9
Jovens vivem num ambiente perigoso	28,6

Em relação aos clusters, averiguámos ainda, através do teste t, se existem diferenças significativas ao nível da distribuição de factores de risco e protecção, considerando todos os factores avaliados neste instrumento e não apenas as 30 variáveis utilizadas na definição dos perfis (Tabela 29). Note-se que o terceiro cluster não foi comparado com os restantes devido às suas dimensões.

Tabela 29. Diferenças na Distribuição de Factores de Risco e Protecção por Clusters

	M Cluster 1	M Cluster 2	t	Sig.
Situação Habitacional _FR	6,85	5,20	2,494	,015
Situação Habitacional _FP	6,68	7,89	-3,304	,001
Relações Sociais e Familiares _FR	4,78	3,11	4,709	,000
Relações Sociais e Familiares _FP	8,38	10,58	-6,398	,000
Competências e Comportamentos _FR	5,55	1,93	5,306	,000
Competências e Comportamentos _FP	17,80	22,93	-7,270	,000
Saúde Física e Psicológica _FR	8,88	3,98	6,496	,000
Saúde Física e Psicológica _FP	6,38	9,20	-7,309	,000
Educação e Emprego _FR	2,48	,78	4,701	,000
Educação e Emprego _FP	3,15	6,27	-8,976	,000
Risco Total	28,53	15,00	8,043	,000
Protecção Total	42,38	56,87	-9,701	,000

A este respeito, concluímos que o primeiro cluster tem significativamente mais factores de risco e menos de protecção que o segundo cluster, em todas as áreas da vida e no total, como se pode observar na tabela 29. Esta análise permitiu assim reforçar a classificação do primeiro cluster enquanto predominância de factores de risco e do segundo como predominância de factores protectores.

Em suma, a ACM permitiu-nos identificar dois grupos homogéneos e robustos de sujeitos, com necessidades distintas, e um terceiro grupo, menos consistente e relevante, tendo esta análise sido validada através de uma análise de clusters hierárquica e não hierárquica. A análise de clusters permitiu ainda a optimização dos perfis encontrados, através da sua quantificação, e um conhecimento aprofundado dos mesmos.

4.3. Conclusões do Segundo Estudo

O primeiro objectivo deste estudo consistia na demonstração da qualidade do instrumento construído no primeiro estudo, através da análise de algumas das suas características psicométricas.

Relativamente à sensibilidade verificou-se uma distribuição normal ou próxima do normal dos factores de risco e protecção em quase todas as áreas e no total. No entanto, revelou-se

uma assimetria positiva nos factores de protecção das áreas Situação Habitacional e Competências e Comportamentos, havendo então nesta amostra uma maior ocorrência destes factores; e observou-se uma assimetria negativa nos factores de risco das áreas Competências e Comportamentos e Educação e Emprego, possuindo os jovens avaliados menos factores a este nível. Finalmente, na distribuição dos factores de protecção da Situação Habitacional e dos factores de risco da Educação e Emprego a curtose é leptocúrtica, i.e., os dados concentram-se ao nível dos valores centrais (Média).

A fidelidade foi verificada em termos da consistência interna dos factores de risco e de protecção nas várias áreas de vida avaliadas, tendo os valores variado entre aceitáveis e bons, excepto nos factores de risco das relações sociais e familiares, onde a consistência entre os factores é baixa.

A validade concorrente comprovou-se pela verificação de uma correlação positiva e moderada entre o número total de factores de risco presentes na vida do jovem e o número de intervenções a que o jovem é sujeito e de uma correlação positiva e baixa entre a mesma variável e o número de serviços prestados à família. Isto indica que quando os jovens são abrangidos por mais factores de risco são sujeitos a mais intervenções/serviços e também são prestados mais serviços às suas famílias. Esta relação comprova a capacidade do instrumento para avaliar a gravidade da situação do jovem, considerando as suas necessidades em termos de presença/ausência de factores de risco e protecção.

Ao nível da correlação inter-áreas, verificou-se uma relação positiva entre os factores de risco e negativa entre os factores de risco e de protecção, portanto, os jovens com mais factores de risco numa área da vida têm maior probabilidade de terem mais factores de risco e menos factores de protecção nas restantes áreas. Estes resultados vão de encontro ao que é indicado na literatura (e.g. Little et al., 2004), no sentido em que não é apenas um factor de risco, mas a interacção entre diversos factores de risco que afecta o desenvolvimento das crianças e jovens, através de processos dinâmicos e de cadeias de efeitos directos e indirectos. Portanto, normalmente, estes factores relacionam-se entre si de forma positiva, embora os seus efeitos variem em termos intra e interpessoais. Por outro lado, uma vez que os factores de protecção, geralmente, reduzem ou eliminam o efeito negativo dos factores de risco (Little et al., 2004), esperava-se uma relação negativa entre estes factores, o que também se verificou na presente amostra.

Como limitação, ao nível da validação do instrumento, aponta-se a importância de verificar a sua validade preditiva (i.e., a sua capacidade para prognosticar problemas de desenvolvimento ao nível das áreas que avalia), uma vez que seria importante que este

instrumento servisse de base ao desenvolvimento de serviços para jovens em acolhimento residencial, tanto na forma de intervenção, como de prevenção de diferentes problemas.

Este estudo, além de contribuir para a validação inicial do QANJAR, permitiu ainda comprovar uma das suas potencialidades, nomeadamente a possibilidade de agregação dos dados para identificar perfis de necessidades, determinados por diferentes disposições de factores de risco e protectores.

Neste sentido, foi realizada uma ACM, que permitiu identificar grupos homogéneos, resultantes da configuração de diferentes categorias e variáveis num plano bidimensional.

Esta análise sugeriu inicialmente duas dimensões, uma referente às variáveis psicológicas do jovem (Variáveis Psicológicas do Jovem) e outra às variáveis contextuais (Variáveis do Contexto). A partir do cruzamento destas dimensões identificaram-se três perfis, sendo o primeiro composto pelos jovens com mais factores de risco e menos factores de protecção, portanto com mais necessidades, e o segundo por jovens com mais factores de protecção e menos factores de risco, logo, com menos necessidades. O terceiro perfil era apenas composto por factores de risco da segunda dimensão, portanto, ao nível relacional e contextual. Note-se que os perfis identificados, além de consistência estatística, apresentam consistência teórica, uma vez que, tal como seria de esperar, a presença de factores de risco e ausência de factores de protecção, ou vice-versa, se associam, criando perfis com diferentes níveis de necessidades.

Foi ainda realizada uma articulação da ACM com a Análise de Clusters, no sentido de validar a solução encontrada na primeira e de aprofundar o conhecimento dos perfis identificados. Além disso, a Análise de Clusters foi aqui realizada, por permitir a passagem de uma configuração topológica (dada pela ACM) a uma definição de tipologias classificatórias. Esta análise pode ser feita sem a ACM prévia, mas, apesar de agrupar, não explicita a configuração sistémica dos grupos (Carvalho, 2008), pelo que é aconselhado o uso de ambas as análises de forma articulada.

Note-se que se compararam ainda os dois primeiros perfis/clusters considerando todos os factores de risco e protecção avaliados por este instrumento, tendo-se verificado que o primeiro cluster tem significativamente mais factores de risco e menos de protecção que o segundo cluster, em todas as áreas da vida e também no total, representando, assim, os casos com uma maior gravidade.

Deve-se ainda salientar que a identificação de apenas dois perfis robustos é sobretudo justificada pelo tipo de escala de resposta deste instrumento (dicotómica), que só permite discriminar duas categorias, referentes à presença ou ausência dos factores de risco e

protecção. Na ACM, verificámos que o terceiro perfil, apesar de menos válido, é determinado sobretudo por categorias de variáveis com três opções de resposta, o que suporta, de alguma forma, esta justificação para a identificação de apenas dois perfis sólidos.

Conclui-se assim que este instrumento permite, efectivamente, a definição de tipologias de necessidades, diferenciando grupos de jovens mais próximos de uma situação de risco, daqueles com uma situação mais favorável ao seu desenvolvimento. Permite ainda a identificação de áreas da vida e variáveis com maior urgência de intervenção, podendo então ser utilizado com este propósito.

5. DISCUSSÃO GERAL

A importância e urgência de passar de serviços gerais para serviços específicos, baseados nas necessidades dos seus utilizadores têm sido salientadas em diversos contextos, incluindo o acolhimento residencial para crianças/jovens em risco. Porém, o desenvolvimento deste tipo de serviços implica uma avaliação prévia de necessidades, que possa servir de base ao desenvolvimento e melhoria dos mesmos.

No contexto português, verifica-se uma carência de instrumentos específicos para avaliar as necessidades de jovens em acolhimento residencial, lacuna a que o presente trabalho pretende responder. Assim, assumimos como objectivos gerais desenvolver um instrumento especificamente para avaliar as necessidades actuais de jovens (a partir dos 14 anos) em acolhimento residencial, no contexto português, validá-lo e testar a sua capacidade para identificar perfis de necessidades.

No sentido de cumprir com estes objectivos foram desenvolvidos dois estudos complementares. No primeiro foi desenvolvido o Questionário de Avaliação de Necessidades de Jovens em Acolhimento Residencial (QANJAR), que se destaca pela sua singularidade e por considerar uma diversidade de fontes de informação, entre as quais se salientam os jovens em acolhimento residencial, que permitiram tornar este instrumento mais completo e adequado às necessidades e interesses do seu alvo de avaliação. No segundo estudo contribuiu-se para a validação do QANJAR.

Desta forma, este trabalho permitiu desenvolver um instrumento para avaliar as necessidades actuais de jovens em acolhimento residencial no contexto português, de forma sistemática e consistente, e demonstrou a sua utilidade, sensibilidade, fidelidade e validade. Ademais, o QANJAR revelou-se uma medida adequada para diferenciar jovens com diferentes níveis de necessidades em função dos factores de risco e de protecção, em termos gerais e por dimensões ou áreas da vida.

Apesar do mérito e da pertinência prática que atribuímos a este trabalho, não podemos deixar de considerar algumas das suas limitações e de fazer algumas recomendações para investigação futura com este instrumento.

Em termos gerais e em relação ao instrumento desenvolvido, em primeiro lugar, deve-se salientar que, apesar de este integrar aspectos que os jovens consideram importantes na avaliação das suas necessidades, não nos permite avaliar a perspectiva dos jovens, uma vez que é preenchido pelos técnicos. Assim, os jovens devem continuar a participar na avaliação das suas necessidades através de métodos como, por exemplo, o focus group, não só porque a

participação é um direito dos jovens, mas também porque proporciona diversos benefícios (e.g. melhoria dos serviços desenvolvidos, promoção da cidadania e inclusão social, desenvolvimento de competências pessoais e sociais). Além disso, vários estudos referem que as crianças/jovens, geralmente, encaram de forma positiva a oportunidade de participar e de discutir os diversos assuntos que a si dizem respeito (Cashmore, 2006). Importa ainda referir que esta participação deve ocorrer após a avaliação de necessidades, ao nível do estabelecimento de objectivos específicos para o desenho de programas, desenvolvimento e avaliação desses programas e respectivos serviços, pois tem-se demonstrado essencial para alcançar a mudança comunitária de forma mais eficaz e para a melhoria dos serviços (Ornelas, 1997; Kirby et al., 2003).

Uma outra recomendação será desenvolver uma versão do QANJAR de auto-preenchimento para jovens. O desenvolvimento desta versão permitiria aceder às suas perspectivas e, adicionalmente, comparar as auto-avaliações com as avaliações realizadas pelos técnicos, o que possibilita aferir a congruência entre ambas as perspectivas.

Em segundo lugar, salienta-se o facto da resposta aos itens ser dicotómica o que pode colocar alguns constrangimentos ao nível da análise e interpretação dos dados e, adicionalmente, na formação de perfis.

Desta forma recomenda-se a possibilidade de tornar, sempre que possível, as escalas de resposta aos itens contínuas/intervalares, com escalas tipo Likert de cerca de cinco pontos. Esta alteração permitiria fazer mais análises, possivelmente identificar mais perfis, e verificar outros tipos de validade (e.g. estrutura factorial), já que os dados podem ser tratados como quantitativos, permitindo, não só discriminar melhor os sujeitos em função do grau de intensidade das variáveis, como aceder a uma relação de ordem e ao significado das distâncias. Além disso, é possível recodificar itens contínuos em itens nominais, mas não o inverso, não se perdendo assim a potencialidade dos itens nominais em termos da análise dos dados (e.g. Análises de Correspondências Múltiplas).

Seria ainda aconselhável a redução do número de itens do instrumento, de modo a atenuar possíveis efeitos de fadiga no seu preenchimento, sendo que seriam retirados os itens mais redundantes, menos discriminantes e que, segundo as evidências empíricas, têm menos influência no desenvolvimento do jovem. Tanto a realização de uma Análise de Correspondências Múltiplas (ACM) como a realização de uma Análise de Componentes Principais (ACP), seriam relevantes para este fim, uma vez que contribuiriam não só para a identificação e estabelecimento de dimensões como para a redução dos itens que não contribuíssem para as mesmas.

Adicionalmente, de forma a facilitar a comparação entre os resultados relativos às diversas áreas de vida dos jovens, seria útil assegurar que estas fossem constituídas pela mesma quantidade de factores de risco e de protecção.

Considerando estas sugestões, passíveis de serem implementadas no futuro, o presente trabalho permitiu desenvolver um instrumento útil para iniciativas de melhoria dos serviços existentes ou para a criação de novos serviços, no sentido de fundamentar estes processos, de alcançar uma maior eficácia e, em última análise, contribuir para o desenvolvimento de respostas específicas para os jovens em contexto de acolhimento residencial.

Assim, no que respeita aos efeitos a curto e médio prazo, este trabalho ambiciona contribuir para a consciencialização da importância de avaliar as necessidades de jovens em acolhimento residencial através de instrumentos específicos, válidos e consistentes, que fundamentem o desenvolvimento e melhoria dos serviços para esta população.

Relativamente aos efeitos a longo prazo, a utilização corrente deste tipo de abordagem conceptual e metodológica poderá contribuir para a resolução de algumas das limitações dos serviços sociais, especificamente do acolhimento residencial, ao nível da sua falta de especificidade e de diferenciação, resultando em *outcomes* mais eficazes a nível individual, grupal, organizacional e até nacional.

Referências

- Aldgate, J., & Statham, J. (2001). *The Children Act Now: Messages from Research*. London: The Stationery Office.
- Axford, N., & Little, M. (2004). *Meeting needs or protecting rights: which way for children services?* Totnes: Dartington Social Research Unit.
- Axford, N., Little, M., Morpeth, L., & Weyts, A. (2005). Evaluating Children's Services: recent conceptual and methodological developments. *British Journal of Social Work*, 35, 73-88.
- Barth, R. (1990). On their own: The experiences of youth after foster care. *Child and Adolescent Social Work*, 7, 419-440.
- Beck, R. (2004). *Motivation: theories and principles*. Upper Saddle River: Pearson.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: experiments by nature and design*. Cambridge : Havard University Press.
- Bullock, R., Little, M., & Millham, S. (1993). *Residential Care for Children: A Review of Research*. London: HMSO
- Calheiros, M., Garrido, M., Moleiro, C., Rodrigues, L., & Norberto, R. (2005). *Programa de Residência e Apoio à Integração de Adolescentes*. Manuscrito não publicado, Centro de Investigação e Intervenção Social, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa - Instituto Universitário de Lisboa.
- Calheiros, M. (2006). *A construção social do mau trato e negligência: do senso-comum ao conhecimento científico*. Fundação Calouste Gulbenkian: Imprensa de Coimbra.
- Carvalho, H. (2008). *Análise Multivariada de Dados Qualitativos: Utilização da Análise de Correspondências Múltiplas com o SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo, Lda.
- Cashmore, J. (2006). Ethical issues concerning consent in obtaining children's reports on their experience of violence. *Child Abuse & Neglect*, 30, 969-977.
- Colca, L., & Colca, C. (1996). Transitional Independent Living Foster Homes: A Step Towards Independence. *Children Today*, 24, 7-11.
- Comissão Nacional de Protecção de Crianças e Jovens em Risco (2007). *Relatório anual de avaliação da actividade das CPCJ em 2006*. Lisboa: Instituto da Segurança Social, IP.
- Cook, R. (1991). *A national evaluation of Title IV-E foster care independent living programs for youth: Phase 2, Final Report*. Rockville, MD: Westat, Inc.
- Courtney, M., Piliavin, I., Grogan-Kaylor, A., & Nesmith, A. (2001). Foster youth transitions to adulthood: A longitudinal view of youth leaving care. *Child Welfare*, 80, 685-717.

- Deci, E., & Ryan, R. (2000). The “What” and “Why” of Goal Pursuits: Human Needs and the Self-Determination of Behavior. *Psychological Inquiry*, 11, 227–268.
- Department of Health (2000a). *Framework for the Assessment of Children in Need and their Families*. London: The Stationery Office Ltd.
- Department of Health (2000b). *Assessing Children in Need and their Families: Practice Guidance*. London: The Stationery Office Ltd.
- Department of Health (2002). *Integrated Children’s System Working with Children in Need and Their Families*. Consultation Document. London.
- Diário da República – I Série A. Lei de Protecção de Crianças e Jovens em Perigo - Lei 147/99, de 1 de Setembro.
- Diário da República – I Série A. Lei Tutelar Educativa - Lei 166/99, de 14 de Setembro.
- Green, R., & Ellis, P. (2007). Linking structure, process, and outcome to improve group home services for foster youth in California. *Evaluation and Program Planning*, 30, 307–317.
- Hart, S. (2007). Child Participation and Child Protection. *The International Society for Prevention of Child Abuse and Neglect Special Report*, 1.
- HMSO (1989). *Children Act*. London: The Stationery Office. [Versão Electrónica] Retirado em 14 de Setembro de 2009 de http://www.opsi.gov.uk/Acts/acts1989/Ukpga_19890041_en_1.htm.
- Kazdin, A., Kraemer, H., Kessler, R., Kupfer, D., & Offord, D. (1997). Contributions of risk-factor research to developmental psychopathology. *Clinical Psychology Review*, 17, 375-406.
- Krippendorff, K. (1990). *Metodología de Análises de Contenido: Teoria y Práctica*. Paidós Comunicación.
- Kirby, P., Lanyon, C., Cronin, K., & Sinclair, R. (2003). *Building a Culture of Participation: Involving children and young people in policy, service planning, delivery and evaluation*. Nottingham: Department for Education and Skills Publications.
- Krueger, R. (1994). *Focus Groups: A Practical Guide for Applied Research*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Lemon, K., Hines, A., & Merdinger, J. (2005). From foster care to young adulthood: The role of independent living programs in supporting successful transitions. *Children and Youth Services Review*, 27, 251– 270.
- Little, M., & Mount, K. (1999). *Prevention and Early Intervention with Children in Need*. Ashgate Pub Ltd.

- Little, M., & Mount, K. (2003). *Paperwork: The clinical assessment of children in need*. Totnes: Warren House Press.
- Little, M., Axford, N., & Morpeth, L. (2002). *Aggregating data: better management information and planning in children's services*. Totnes: Warren House Press.
- Little, M., Axford, N., & Morpeth, L. (2004). Risk and Protection in the Context of Services for Children in Need. *Child and Family Social Work*, 9, 105-118.
- Martins, P. (2004). *Protecção de Crianças e Jovens em Itinerários de Risco: Representações Sociais, modos e espaços*. Tese de Doutoramento em Estudos da Criança, Universidade do Minho.
- Maslow, A. (1970). *Motivation and personality*. New York: Harper & Row, Publishers.
- McCoy, H., McMillen, J., & Spitznagel, E. (2008). Older youth leaving the foster care system: Who, what, when, where, and why?. *Children and Youth Services Review*, 30, 735-745.
- Niekerk, J. (2007). Child Participation – The Challenges for Child Protection Workers. *The International Society for Prevention of Child Abuse and Neglect Special Report*, 10-11.
- Ornelas, J. (1997). Psicologia comunitária: Origens, fundamentos e áreas de intervenção. *Análise Psicológica*, 3, 375-388.
- Reviere, R., Berkowitz, S., Carter, C., & Ferguson, C. (1996). Introduction: Setting the Stage. In R. Reviere, S. Berkowitz, C. Carter & C. Ferguson (Eds.), *Needs Assessment: A Creative and Practical Guide for Social Scientists*. Washington DC: Taylor & Francis.
- Sekulovic, R. (2007). Involving Children in Advocacy - What Does It Mean?. *The International Society for Prevention of Child Abuse and Neglect Special Report*, 2-3.
- Swenson, C., & Chaffin, M. (2006). Beyond psychotherapy: Treating abused children by changing their social ecology. *Aggression and Violent Behavior*, 11, 120-137.
- Taylor, K. (2005). Understanding Communities Today: Using Matching Needs and Services to Assess Community Needs and Design Community-Based Services. *Child Welfare League of America*, 84, 251-264.
- Torres, A., Pegado, E., Sarmiento, M., Hilário, A., Freitas, A., Sousa, I., Cruz, R., & Penha, R. (2008). *Estudo de Diagnóstico e Avaliação das Comissões de Protecção de Crianças e Jovens*. CIES-ISCTE – Centro de Investigação e Estudos de Sociologia. Retirado em 2 de Setembro de 2009 de <http://www.cnpcjr.pt/downloads/CIES-ISCTE-Avaliação%20CPCJ-Relatório%20Final.pdf>
- UN Convention on the Rights of the Child (1991). Retirado em 14 de Setembro de 2009 de [http://www.unhchr.ch/tbs/doc.nsf/898586b1dc7b4043c1256a450044f331/4c6c8d9ee8b9c104c12569ce0054e917/\\$FILE/G0045810.pdf](http://www.unhchr.ch/tbs/doc.nsf/898586b1dc7b4043c1256a450044f331/4c6c8d9ee8b9c104c12569ce0054e917/$FILE/G0045810.pdf)

Vala, J.(2003). Análise de conteúdo. In A. Silva & J. Pinto (Eds.), *Metodologia das Ciências Sociais*. Edições Afrontamento.

Ward, H., & e Rose, W. (2002). *Approaches to needs assessments in Children's Services*. London: Jessica Kingsley Publishers.

Anexos

Anexo 1

Guião do Focus Group com os Jovens

Introdução e agradecimentos

Agradecer a presença dos participantes.

Apresentação da equipa de investigação: o seu papel e objectivos.

Apresentação dos (as) participantes.

Objectivos do Focus Group

No âmbito do desenvolvimento de um novo projecto sobre a autonomização dos jovens da Casa Pia de Lisboa, este encontro serve para que possamos ouvir as experiências, dificuldades, necessidades, propostas e/ou sugestões dos (as) jovens em fase de autonomização. Assim, apesar de informal, este focus group é uma reunião de trabalho que tem como objectivo envolver os (as) jovens no planeamento do seu processo de autonomização.

Regras de funcionamento

Nesta conversa não existem respostas certas ou erradas, mas, possivelmente, pontos de vista diferentes. São importantes as ideias de todos vocês, por isso sintam-se à vontade para partilhar as vossas ideias e opiniões, mesmo que estas difiram das expressas pelos outros participantes. Estamos interessados em ouvir comentários positivos e negativos e pretendemos assegurar que todos os participantes têm oportunidade de falar se assim o entenderem.

Não se sintam na obrigação de nos responder, pretende-se que estejam à vontade para conversar uns(umas) com os outros(as) sobre as questões em discussão. Pedimos-vos ainda que tenham cuidado para não se sobreporem uns(mas) aos(às) outros(as).

Iremos gravar esta conversa para que não corramos o risco de perder algum dos vossos comentários e para que depois possamos trabalhar esta informação. Os vossos nomes não serão incluídos em nenhum relatório, pelo que os comentários feitos aqui serão anónimos.

Esta conversa vai ser composta por duas partes, uma em que vamos ouvir a vossa opinião sobre cinco áreas: (a) situação habitacional, (b) relações sociais, (c) comportamentos e competências, (d) saúde física e psicológica e (e) educação e emprego. Na segunda parte vamos pedir-vos para desenharem uma residência ideal para a vossa autonomia e vida independente.

PARTE I

A) Situação habitacional

1. Vamos então começar a falar sobre a primeira área... falem-nos um pouco das vossas condições de habitação...
 - a. Lotação (o número de pessoas que vive na residência de acolhimento);
 - b. Privacidade (sentem que têm um espaço pessoal que é respeitado);
 - c. Espaço físico (quartos, decoração, ...);
 - d. Estabilidade (mudam frequentemente de residência de acolhimento ou de escola);
 - e. Funcionamento (regras e serviços)
 - f. Bairro (recurso comunitários, centro de saúde, etc...).

B) Relações sociais e familiares

Outro aspecto muito importante na vossa vida diz respeito às vossas relações sociais e familiares. Inicialmente, vamos falar sobre as vossas relações dentro da instituição...

1. Relações dentro da Instituição

1.1 Relações com os técnicos

1.1.1 Como é a vossa relação com os técnicos da residência de acolhimento?

- a. Suporte emocional/aspectos de processo
 - i. Comunicação;
 - ii. Confiança;
 - iii. Respeito;
 - iv. Reconhecimento e valorização;

- v. Aceitação.
- b. Suporte informativo
 - i. Conselhos; sugestões; informações...
- c. Suporte instrumental
 - i. Dinheiro; transporte; ajuda na casa...

1.2 Relações com pares

- 1.2.1 Como é a vossa relação uns com os outros?
 - a) Suporte emocional/aspectos de processo
 - i) Comunicação;
 - ii) Confiança;
 - iii) Respeito;
 - iv) Reconhecimento e valorização;
 - v) Aceitação.
 - b) Suporte informativo
 - i) Conselhos; sugestões; informações...
 - c) Suporte instrumental
 - i) Dinheiro; transporte; ajuda na casa...

Agora vamos falar sobre as vossas relações fora da instituição...

2. Relações com pessoas fora da Instituição

2.1 Relações com outras pessoas

2.1.1 Falem-nos das vossas relações com pessoas fora da residência de acolhimento... (amigos, família, namorados ... ou qualquer outra pessoa importante)

C) Saúde física e psicológica

Um outro aspecto importante é a vossa saúde física e psicológica. Gostaríamos de saber...

1. O que acham que é importante para assegurar a vossa saúde física?
2. E em relação à vossa saúde/bem-estar psicológico?
3. O que poderia ser feito para se sentirem melhor em cada um destes aspectos?
 - a. Saúde física
 - b. Saúde psicológica

D) Comportamentos e competências

Autonomia

Presentemente, estão numa idade em que é importante desenvolverem a capacidade de viver de forma autónoma, independente, de serem capazes de cuidar de vós próprios...

1. Falem-nos sobre a vossa autonomia... Definam as vossas características nesta área...

E) Educação e emprego

Educação

A vida escolar é um aspecto que ocupa parte do vosso tempo.

1. Gostaríamos de saber o que vocês sentem em relação à escola... (convívio, amizades, relação com os adultos, aprendizagem, integração, adaptação, motivação...)

Emprego (caso estejam presentes jovens que já tenham um emprego)

Uma área de que ainda não falámos é o emprego.

4. Quantos de vocês trabalham ou já trabalharam?
5. Falem-nos um pouco do que sentem em relação ao trabalho... (dificuldades, receios...)

PARTE II

Residência ideal

Agora que já falamos de todas estas áreas, vamos-vos dar a oportunidade de desenhar uma residência ideal para o desenvolvimento da autonomia e vida independente de um grupo de jovens da vossa idade.

Descrevam como seria para vocês essa residência.

- a. Nº de residentes;
- b. Condições de habitação
 - i. Lotação (o número de pessoas que vive na residência);

- ii. Privacidade (um espaço pessoal que é respeitado);
 - iii. Espaço físico (áreas comuns, quartos, decoração, personalização do seu espaço ...);
 - iv. Estabilidade (mudam frequentemente de residência ou de escola);
 - v. Regras (regulamento interno da casa – por exemplo em relação a visitas; manutenção do interior da casa...);
 - vi. Gestão e funcionamento da casa (higiene, alimentação, utilização da televisão, computador, internet; etc...).
- c. Localização e relações com o exterior (em que bairro, perto do quê/de que serviços, oportunidades de integração na comunidade);
 - d. Relação entre os residentes (Como deveria ser o relacionamento entre os residentes?)
 - e. Relação com os técnicos (Que características deveria ter o técnico que estivesse em maior contacto com vocês?)
 - f. Relação com pessoas de fora (Como deveria ser a vossa relação com as pessoas fora da residência?)

Imaginem que esta residência fazia parte de um projecto para promover a vossa autonomia e independência. Que nome dariam ao projecto?

Questões de finalização

1. Agora que já terminámos a entrevista, querem acrescentar alguma questão que considerem importante?

OBRIGADO!

Anexo 2

Tabela com Sistema de Categorias Resultante do Focus Group

Área de Necessidade	Macro - Categoria	Categoria	Subcategoria
Situação Habitacional (Residência de Acolhimento - RA) 405; 48,6%)	Espaço Físico (RA) (91; 22,5%)	Decoração e Mobiliário da RA (25;27,5%)	
		Lotação na RA (21;23,1%)	Sublotação (9; 42,9%) Satisfação com a Lotação (8; 38,1%) Sobrelotação (4; 19%)
		Satisfação com a Localização da RA (17; 18,7%)	
		Condições Básicas do Espaço Físico (15; 16,5%)	
		Privacidade na RA (10; 10,9%)	
		Satisfação com o espaço físico da RA (3; 3,3%)	
	Regras na RA (35; 8,6%)	Satisfação com regras (22; 62,8%)	Acesso livre a bens tecnológicos na RA (10; 45,5%) Gestão de tempo na RA (7; 31,8%) Obrigatoriedades relativas a aspectos financeiros (5; 22,7%)
		Existência de regras (5; 14,3%)	
		Cumprimento das regras (5; 14,3%)	
		Flexibilidade nas regras (3; 8,6%)	
	Serviços da RA (50; 12,3%)	Alimentação na RA (32; 64%)	Quantidade (22; 68,8%) Variedade (5; 15,6%) Escolha (5; 15,6%)
		Mesada (7; 14%)	
		Poupança (7; 14%)	
	Clima de segurança na RA (27; 6,7%)	Serviços de saúde da RA (4; 8%)	
		Roubos na RA (15; 55,6%) Segurança na RA (7; 25,9%) Controlo dos roubos na RA (5; 18,5%)	
	Historial de Acolhimento (Mudança de RA) (20; 5%)		
	Vontade de Sair da RA (15; 3,7%)		
	Percepção da Instituição (167; 41,2%)	Imagem de instituição (19; 11,4%)	
		Impacto das mudanças estruturais da instituição (14; 8,4%)	
		Crença na mudança da instituição (10; 5,9%)	
		Apoio da instituição (9; 5,4%)	
		Participação dos jovens na instituição (7; 4,2%)	
		Igualdade das RAs da instituição (7; 4,2%)	
Burocracia na instituição (4; 2,4%)			
Percepção dos Educadores, Técnicos e Superiores (97; 58,1%)		Conduta dos educadores (15; 15,5%) Rotatividade (14; 14,4%) Motivação dos educadores (13; 13,4%) Satisfação/Admiração pela Equipa Técnico Educativa (12; 12,4%) Delegação de responsabilidades pelos educadores (11; 11,3%) Capacidade dos educadores de controlar os educandos (10; 10,3%) Idade/mentalidade dos educadores (7; 7,2%) Relação entre educadores (5; 5,2%) Distanciamento dos Superiores (5; 5,2%) Consistência dos educadores (5; 5,2%)	

Área de Necessidade	Macro - Categoria	Categoria
Relações Sociais e Familiares (216; 25,9%)	Educadores (104; 48,2%)	Relação com educadores (22; 21,2%) Apoio/Ajuda dos educadores (17; 16,3%) Empatia entre educadores e jovens (13; 12,5%) Confiança nos educadores (11; 10,6%) Afecto pelos educadores (10; 9,6%) Respeito entre educadores e jovens (7; 6,7%) Abertura/Comunicação dos educadores (7; 6,7%) Equilíbrio entre reforços positivos e negativos dos educadores (6; 5,8%) Exigência dos educadores (6; 5,8%) Conflito com os educadores (5; 4,8%)
	Pares dentro e fora da RA (81; 37,5%)	Confiança entre pares (25; 31%) Apoio/Ajuda entre pares (24; 29,6%) Relação com o grupo de pares (15; 18,5%) Amizade com o grupo de pares (10; 12,3%) Conflito entre pares (7; 8,6%)
	Técnicos (18; 8,3%)	Relação e apoio (10; 55,6%) Confiança/proximidade dos técnicos (8; 44,4%)
	Família (13; 6%)	

Área de Necessidade	Macro - Categoria	Categoria
Educação (88; 10,6%)	Adaptação/ Dificuldades na escola (50; 56,8%)	Conflitos na Escola (24; 48%) Integração Social na Escola (16; 32%) Problemas Disciplinares na Escola (5; 10%) Insucesso/Absentismo escolares (5; 10%)
	Mudança de Escola (19; 21,6%)	
	Aprendizagem Escolar (19; 21,6%)	Satisfação com a escola ou curso (10; 52,6%) Auto-determinação para a aprendizagem escolar (9; 47,4%)

Área de Necessidade	Macro - Categoria	Categoria	Subcategoria
Competências e Comportamentos (58; 6,9%)	Autonomia (49; 84,5%)	Aprendizagem de Competências de Auto-suficiência (37; 75,5%)	Lida Doméstica (16; 43,2%)
			Gestão/Aspectos financeiros (7; 19%)
			Deslocações no exterior (6; 16,2%)
			Tratar de documentos (5; 13,5%)
			Integração e gestão do tempo (3; 8,1%)
		Aquisição de responsabilidade (7; 14,3%)	
	Processo gradual de desenvolvimento (5; 10,2%)		
	Problemas de Comportamento (5; 8,6%)		
	Procura/aceitação de suporte (4; 6,9%)		

Área de Necessidade	Macro - Categoria	Categoria
Factores para a Saúde Psicológica (28; 3,4%)	Factores da instituição (15; 53,6%)	Satisfação com acolhimento (9; 60%) Educadores (6; 40%)
	Factores do jovem (13; 46,4%)	Estratégias de adaptação psicológica (7; 53,8%) História Pessoal e Escolar (3; 23,1%) Acompanhamento e Bem-estar Físico e Psicológico (3; 23,1%)

Área de Necessidade	Macro - Categoria
Emprego (22; 2,6%)	Desenvolvimento Pessoal no trabalho (11; 50%) Trabalho como Experiência Positiva (5; 22,8%) Dificuldades no trabalho (3; 13,6%) Aspectos funcionais do trabalho (3; 13,6%)

Área de Necessidade	Macro - Categoria
Factores para a Saúde Física (17; 2%)	Práticas Saudáveis (12; 70,6%) Serviços de saúde (5; 29,4%)



Questionário de Avaliação de Necessidades de Jovens em Acolhimento Residencial (QANJAR)

Instruções:

O presente questionário refere-se à avaliação da situação actual do jovem e da sua família, devendo ser preenchido pela equipa técnico-educativa das Unidades Residenciais.

Este instrumento é composto por duas secções: Referência e Dados Pessoais e Avaliação de Necessidades. A secção referente à avaliação de necessidades é composta por Factores de Risco e Protecção distribuídos por cinco áreas gerais da vida do jovem e da sua família – Situação Habitacional, Relações Sociais e Familiares, Competências e Comportamento Social e Anti-social, Saúde Física e Psicológica, e Educação e Emprego.

Foi ainda integrada uma terceira secção ao instrumento, referente ao acordo da equipa durante o preenchimento do mesmo, e aos serviços/intervenções prestados ao jovem e à sua família.

Note, por favor, que alguns itens têm esclarecimentos em rodapé, cuja leitura é indispensável para que possam ser correctamente compreendidos.

É importante que responda a todos os itens, para que a informação acerca do jovem fique o mais completa possível.

Os itens que estão marcados com um cardinal (#) podem ter respostas múltiplas (ex. "Quem fez a sinalização"= vizinho; polícia).

Tente responder "Não Aplicável" (N/A) apenas nos casos onde o item é estritamente não aplicável, e use "Sem Informação" (S/Info.) apenas onde não existe mesmo informação, ou onde o "Não" seria enganador.

Os dados recolhidos através deste instrumento devem ser confidenciais e anónimos, pelo que não deve identificar o nome dos elementos da equipa técnica que responderam ao instrumento, nem o nome do jovem em avaliação.

Agradecemos a sua colaboração!

Nº Caso _____ (a preencher pela equipa de investigação)

SECÇÃO 1: REFERÊNCIA E DADOS PESSOAIS

DADOS PESSOAIS				
1. Data de nascimento (DD/MM/AA)		3. Data de Preenchimento (DD/MM/AA)		
2. Data de Admissão (DD/MM/AA)		4. Idade Actual (em anos)		
Admissão				
5. Quem fez a sinalização #				
Jovem	<input type="checkbox"/>	Serviços sociais (locais)	<input type="checkbox"/>	
Pai/mãe	<input type="checkbox"/>	Serviços sociais (centrais ou outros)	<input type="checkbox"/>	
Familiar, excluindo pai/mãe	<input type="checkbox"/>	Tribunal	<input type="checkbox"/>	
Vizinho/residente	<input type="checkbox"/>	CPCJ	<input type="checkbox"/>	
Educação	<input type="checkbox"/>	Serviços de protecção à criança e família (IAC, APAV, etc.)	<input type="checkbox"/>	
Saúde	<input type="checkbox"/>	Sistema de Emergência	<input type="checkbox"/>	
Polícia	<input type="checkbox"/>	Outra Instituição de Acolhimento Institucional	<input type="checkbox"/>	
Organização de voluntariado	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	
6. Motivo da admissão				
7. Sexo				
	Masculino <input type="checkbox"/>	Feminino <input type="checkbox"/>		
8. Etnia #				
Descendência Portuguesa	<input type="checkbox"/>	Descendência Cigana	<input type="checkbox"/>	
	<input type="checkbox"/>	Descendência Romena	<input type="checkbox"/>	
Descendência Angolana	<input type="checkbox"/>	Descendência Ucrariana	<input type="checkbox"/>	
Descendência Cabo-Verdiana	<input type="checkbox"/>	Descendência Brasileira	<input type="checkbox"/>	
Descendência Moçambicana	<input type="checkbox"/>	Outra. Qual? _____	<input type="checkbox"/>	
Descendência Guineense	<input type="checkbox"/>			
9. Estatuto legal na altura da referência #				
Ao cuidado do Estado, não com familiares/ Criança em residência de acolhimento	<input type="checkbox"/>	Sinalizado em Processo de Protecção de Menores (Serviços do Ministério Público)	<input type="checkbox"/>	
Ao cuidado do Estado, com familiares	<input type="checkbox"/>	Apoiado por serviços para menores, em contexto familiar	<input type="checkbox"/>	
Ao cuidado do Estado, em família de acolhimento	<input type="checkbox"/>	Acolhido voluntariamente em contexto de substituição	<input type="checkbox"/>	
Referenciado à CPCJ, em contexto familiar	<input type="checkbox"/>	Adoptado/a	<input type="checkbox"/>	
10. Actualmente, a família do jovem procura asilo ou não está legal			Não	Sim
			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Primeira língua da família é Português			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Intérprete necessário			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

SECÇÃO 2: FACTORES DE RISCO E DE PROTECÇÃO PARA AVALIAÇÃO DAS NECESSIDADES

A. SITUAÇÃO HABITACIONAL										
		Residência de acolhimento independente inserida em espaço do Estabelecimento <u>com</u> outras Respostas Sociais	Residência de acolhimento independente inserida em espaço do Estabelecimento <u>sem</u> outras Respostas Sociais	Residência de acolhimento inserida num espaço exterior ao Estabelecimento de Origem						
1. Residência de acolhimento tipo		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>						
2. Outros familiares na Residência de Acolhimento (RA) #		Não <input type="checkbox"/>					Sim, outros <input type="checkbox"/>			
		Sim, irmãos e/ou irmãs <input type="checkbox"/>					S/Info. <input type="checkbox"/>			
		Sim, primos e/ou tios <input type="checkbox"/>					N/A <input type="checkbox"/>			
3. Nº total de irmãos e irmãs (sem incluir o jovem)			4. Nº de pessoas com quem o jovem partilha o quarto							
				Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/>	S/Info. <input type="checkbox"/>	N/A <input type="checkbox"/>			
5. Todos os irmãos menores vivem com o jovem				<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>				
6. Jovem já esteve anteriormente em acolhimento				<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>				
Factores de Risco da Família	7. Habitação da família ²¹ sobrelotada ²²	F1	F2	F1	F2	F1	F2	F1	F2	
	8. Habitação da família precisa de melhoramentos em termos das estruturas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	9. Habitação da família precisa de melhoramentos em termos dos equipamentos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	10. Mudança frequente da família de bairro/habitação ²³	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	11. Família nova na área ²⁴	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	12. Habitação temporária da família (abrigo, pensão, etc)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	13. Família sem-abrigo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	14. Família isolada socialmente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	15. Família com problemas económicos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	16. Família experiencia e/ou tem medo de crime	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	17. Bairro da família inadequado para educar crianças/jovens	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	18. Família vive em ambiente perigoso	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
19. Família com carência de bens percebidos como básicos			Não <input type="checkbox"/>	Parcialmente (se existe rendimento próprio) <input type="checkbox"/>		Totalmente (se não existe rendimento próprio) <input type="checkbox"/>		S/Info. <input type="checkbox"/>		
		F1	F2	F1	F2	F1	F2	F1	F2	
20. Família dependente de benefícios sociais		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
Factores de Risco do Jovem	21. Residência de acolhimento sobrelotada ²⁵	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	22. Residência de acolhimento precisa de melhoramentos em termos de estruturas e/ou de equipamentos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	23. Mudança frequente de bairro/residência de acolhimento ²⁶	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	24. Localização da residência de acolhimento inadequada para educar crianças/jovens	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	25. Jovem vive em ambiente perigoso ²⁷	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	26. Residência de acolhimento com carência de bens percebidos como básicos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	27. Existe um clima de insegurança/desconfiança entre os educandos da residência de acolhimento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	28. Os horários da residência de acolhimento são muito rígidos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	29. Existem conflitos frequentes entre os educandos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
Factores Protectores do Jovem	30. Ligação mantida a lugar onde jovem viveu	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	31. Funcionamento da residência de acolhimento aproxima-se dum ambiente familiar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	32. Jovem tem um espaço pessoal que é respeitado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	33. O jovem geralmente compreende as regras que lhe são impostas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	34. O jovem geralmente aceita as regras que lhe são impostas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	35. Bom apoio social no bairro actual do jovem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	36. Existem recursos disponíveis na comunidade da RA (centro de saúde, pavilhão desportivo, biblioteca..)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	37. Jovem usufrui dos recursos disponíveis na comunidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	38. Em termos gerais, a instituição responde satisfatoriamente às necessidades habitacionais do jovem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	

²¹ Caso o jovem tenha mais de uma família de referência, responda na coluna F1 o que se refere à família de referência 1 e na F2 o que se refere à família de referência 2. Indique, qual considera a Família de Referência 1 (F1) _____; e a Família de Referência 2 (F2) _____.

²² Considerar habitação sobrelotada caso Número de pessoas / número de assoalhadas (excluindo cozinha e casa de banho) = 1.5 ou mais.

²³ Considerar mudança frequente caso tenha ocorrido mais de uma mudança nos últimos 12 meses.

²⁴ Considerar família nova na área caso tenha passado a ser residente na mesma nos últimos 6 meses ou menos.

²⁵ Considerar residência de acolhimento sobrelotada caso Número de pessoas / número de assoalhadas (excluindo cozinha e casa de banho) = 1.5 ou mais.

²⁶ Considerar mudança frequente caso tenha ocorrido mais de uma mudança nos últimos 12 meses.

²⁷ Engloba ambiente interno e/ou externo à instituição.

B. RELAÇÕES FAMILIARES E SOCIAIS								
	Boa	Média ou regular	Fraca ou má	Ausência de contacto	Falecida	S/Info.	N/A	
1. Relação do jovem com a mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
2. Relação do jovem com o pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
3. Relação do jovem com irmãos/irmãs	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
4. Relação do jovem com outros familiares	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
5. Relação do jovem com outros não familiares (vizinhos, amas, educadores, professores, colegas de internato)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
6. O jovem procura apoio principalmente nos ... #		Educadores <input type="checkbox"/>	Técnicos <input type="checkbox"/>	Amigos <input type="checkbox"/>	Família <input type="checkbox"/>	Outros <input type="checkbox"/>	S/Info. <input type="checkbox"/>	N/A <input type="checkbox"/>
7. Jovem foi alvo de maus-tratos				Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/>	S/Info. <input type="checkbox"/>	N/A <input type="checkbox"/>	
8. Maus-tratos ao jovem por familiares. Quem? _____				<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
9. Maus-tratos ao jovem por não familiares. Quem? _____				<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
Natureza dos Maus-tratos	10. Abuso Sexual ²⁸			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	11. Mau Trato Psicológico ²⁹			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	12. Mau Trato Físico ³⁰			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	13. Negligência Física ³¹			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
Factores de Risco	14. Negligência Psicológica ³²			Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/>	S/Info. <input type="checkbox"/>	N/A <input type="checkbox"/>	
	15. Discórdia familiar			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	16. Família sobrecarregada por cuidados ao jovem e/ou a outros			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	17. Ruptura familiar/divórcio			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	18. Violência doméstica			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	19. As regras na residência de acolhimento do jovem são seguidas de forma inconsistente			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
Factores Protectores	20. Existe um ou mais membros da equipa técnico educativa cujo cansaço/falta de motivação se possa reflectir na sua relação com o jovem			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	21. Existe rotatividade das equipas técnico-educativas que são responsáveis pelo jovem			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	22. Alguém da família gosta/cuida do jovem			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
Factores Protectores	23. Adulto significativo para além da família que gosta/cuida do jovem			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	24. Elementos da família têm competências para lidar com os problemas do jovem			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	25. Jovem compreende os problemas familiares			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	26. Jovem lida adequadamente com os problemas familiares			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	27. O jovem tem uma relação de proximidade com pelo menos um dos educadores			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	28. O jovem confia nos técnicos e educadores			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	29. São dados reforços positivos e negativos ao jovem de forma equilibrada			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	30. Existe um equilíbrio entre a autonomia que é dada ao jovem e a sua responsabilidade			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	31. O jovem demonstra sentir-se compreendido/apoiado pelos seus educadores			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	32. Em termos gerais, a instituição promove relações positivas do jovem com os seus pares e cuidadores			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	33. Em termos gerais, a instituição promove relações positivas do jovem com a sua família			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	

²⁸ Contacto/relação sexual em que o outro tenha uma posição de poder sobre o jovem.

²⁹ Hostilidade verbal crónica em forma de insulto, desprezo, crítica ou ameaça de abandono e constante bloqueio às iniciativas de interacção dos jovens.

³⁰ Acção não accidental por parte de outros que provoque dano físico ou doença ou que coloque em grave risco de os contrair.

³¹ Necessidades físicas básicas (alimentação, vestuário, higiene, protecção e vigilância e educação e/ou cuidados médicos) não são atendidas pontualmente ou permanentemente.

³² Falta persistente de resposta a sinais, a expressões emocionais e a comportamentos de procura de proximidade e interacção, e falta de iniciativa para a interacção e contacto

C. COMPETÊNCIAS E COMPORTAMENTO SOCIAL E ANTI-SOCIAL

		Boa	Média ou regular	Fraca ou má	S/Info.	N/A	
1. Relações do jovem com Pares na RA		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
2. Relações do jovem com Profissionais na RA		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
3. A sua higiene pessoal é		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
4. A arrumação/limpeza do seu quarto é		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
5. A gestão do dinheiro de que dispõe é		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
Factores de Risco do Jovem	6. Comportamento agressivo ³³ na residência de acolhimento			Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/>	S/Info. <input type="checkbox"/>	N/A <input type="checkbox"/>
	7. Comportamento agressivo na escola			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	8. Comportamento agressivo na comunidade			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	9. Problemas de comportamento na residência de acolhimento			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	10. Problemas de comportamento na escola			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	11. Problemas de comportamento na comunidade			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	12. Indícios de Comportamento Anti-Social (CAS)			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	13. Condenado/repreendido por crime			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	14. Indícios de CAS em anos anteriores			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	15. Fugiu do lar			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	16. Comportamento sexual impróprio			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	17. Rede social fraca ou má			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	18. Falta ao respeito aos funcionários ou a outros, dentro e fora da residência de acolhimento			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Apodera-se de bens de outros			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
20. Resiste e desobedece às ordens do pessoal da residência de acolhimento			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
Factores de Risco da Família	21. Comportamento agressivo em casa			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	22. Comportamento agressivo na comunidade			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	23. Comportamento sexual impróprio			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	24. Problemas com a polícia			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	25. Condenado por crime			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Factores Protectores do Jovem	26. É agradável passar tempo com o jovem			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	27. Professores/Técnicos descrevem o jovem como afável			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	28. Quer melhorar o seu comportamento			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	29. Tem confiança na resolução de problemas			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	30. Tem competências sociais fora do contexto da residência de acolhimento			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	31. Tem alguém fora da família em quem confia			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	32. Tem alguém fora da residência de acolhimento em quem confia			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	33. Sente que os educadores confiam nele			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	34. Participa na elaboração e nas tomadas de decisão relativamente ao seu projecto pessoal			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	35. Efectua pedidos, queixas e/ou reclamações			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	36. Respeita o conceito de propriedade			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	37. Consegue estabelecer objectivos			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	38. Consegue realizar tarefas domésticas			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	39. Consegue gerir/planear a sua vida enquanto cidadão integrado na sociedade ³⁴			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	40. Acredita que a instituição pode melhorar			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	41. Tem expectativas positivas em relação ao seu futuro			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	42. Expressa a sua opinião e/ou sentimentos			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	43. É capaz de tomar as suas decisões			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	44. O jovem é ouvido/participa nas tomadas de decisão da instituição que se irão reflectir no seu quotidiano			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	45. Participa na divisão/atribuição de tarefas da residência de acolhimento			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	46. Comparece, cumpre os horários, das actividades previstas no seu projecto pessoal			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	47. Aceita o valor da sua mesada			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	48. Tem uma conta poupança			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	49. Dispõe de dinheiro além da mesada			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	50. A residência promove actividades de lazer diversificadas			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	51. Em termos gerais, a instituição favorece o desenvolvimento de comportamentos sociais adequados			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

³³ Inclui acções desafiantes, violentas, ou que provocam discussões, resultando ou não em ferimentos físicos.

³⁴ Inclui a capacidade para procurar emprego, tratar de documentos, obter assistência legal, procurar habitação e abrir conta no banco.

D. SAÚDE FÍSICA E PSICOLÓGICA

		Não	Sim	S/Info.	N/A
Factores de Risco do Jovem	1. Doença mental crónica	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	2. Doença mental aguda, temporária	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	3. Doença física crónica	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	4. Doença física aguda, temporária	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	5. Dificuldades de aprendizagem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	6. Deficiência física	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	7. História de auto-mutilação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	8. Ideação suicida	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	9. Consumo inadequado de álcool	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	10. Consumo de drogas ³⁵	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	11. Gravidez	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	12. Stress/incapacidade de ajustamento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	13. Infeliz	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	14. Enurese/encoprese	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	15. Perturbações alimentares (ex. obesidade e anorexia)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	16. Atraso de desenvolvimento físico	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	17. Atraso de desenvolvimento psicológico	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	18. Perturbação específica emocional ou de comportamento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	19. Tem um padrão de sono irregular	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	20. Tem complexos em relação à sua aparência	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	21. Sente-se incapaz de controlar o que o rodeia	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	22. Sente que exigem demasiado de si	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	23. Sente alguma vergonha por ser educando da instituição	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Factores de Risco da Família	24. Doença mental crónica ³⁶	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	25. Doença mental aguda, temporária	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	26. Doença física crónica	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	27. Doença física aguda, temporária	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	28. Dificuldades de aprendizagem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	29. Deficiência física	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	30. História de auto-mutilação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	31. Ideação suicida	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	32. Uso inadequado de álcool	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	33. Uso inadequado de drogas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	34. Stress/incapacidade de ajustamento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	35. Infeliz	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	36. Isolado/a	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	37. Depressão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Factores Protectores do Jovem	38. Diagnóstico preciso do problema mental do jovem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	39. O jovem tem facilidade em aceder a bens essenciais à saúde (ex. óculos)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	40. Adultos sabem como lidar com os problemas físicos e mentais do jovem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	41. Jovem sabe como lidar com os problemas físicos e mentais da família	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	42. Consegue gerir as suas emoções	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	43. Demonstra ser responsável pela sua saúde	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	44. Tem conhecimento adequado sobre sexo e contraceção	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	45. É auto-confiante	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	46. Consegue exprimir sinais claros do seu mal-estar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	47. Sente que a instituição se preocupa com o seu bem-estar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	48. Procura adaptar-se ou está adaptado à sua situação de acolhimento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	49. Em termos gerais, a instituição responde satisfatoriamente às necessidades de saúde física e psicológica do jovem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

³⁵ Não inclui experiência isolada.

³⁶ Basta que um membro da família nuclear ou alargada do jovem apresente algum destes aspectos para considerar sim.

E. EDUCAÇÃO E EMPREGO						
Situação do Jovem	1. Educação a tempo inteiro ³⁷ (especial)		Não	Sim	S/Info.	N/A
	2. Educação a tempo inteiro (regular)		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	3. Educação a tempo parcial (especial)		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	4. Educação a tempo parcial (regular)		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	5. Acima da idade escolar, emprego a tempo inteiro		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	6. Acima da idade escolar, emprego a tempo parcial		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	7. Acima da idade escolar, desempregado/a		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	8. Participa em actividades extracurriculares		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	9. Em escola exterior à instituição		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Situação da Família		Ambas as figuras parentais/cuidadores	Uma das figuras parentais/cuidadores	Nenhuma das figuras parentais/cuidadores	S/Info.	N/A
	10. Emprego / pago a tempo inteiro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	11. Emprego / pago a tempo parcial	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	12. Desemprego ³⁸	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	13. Sem actividade laboral ³⁹	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	14. Reformado/pensão por invalidez	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	15. Educação/formação a tempo inteiro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Educação/formação a tempo parcial	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
Factores de Risco do Jovem	17. Necessidades educacionais especiais–graves		Não	Sim	S/Info.	N/A
	18. Necessidades educacionais especiais–não graves		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	19. Permanentemente excluído/a da escola		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	20. Temporariamente excluído/a da escola		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	21. Excluído/a da escola anteriormente		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	22. Mudanças de escola frequentes		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	23. Falta à escola com regularidade		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	24. Professor/a afirma que o jovem não atingiu o seu potencial		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	25. Má relação com professor/empregador		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	26. Isolado/a na escola ou trabalho		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	27. Vítima de agressões/intimidação na escola		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	28. Experiência de racismo/discriminação		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	29. Agride/intimida outras crianças/jovens na escola		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30. Expectativas irrealistas dos técnicos		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
Factores Protectores do Jovem	31. Inteligência acima da média		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	32. Descrito/a como trabalhador/a		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	33. Apreciado/a por outros alunos/colegas		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	34. Apreciado/a por professor/empregador		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	35. Família envolvida na educação do jovem		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	36. Descrito/a como talentoso/a numa área		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	37. Gosta da escola		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	38. Tem hobbies e interesses		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	39. Em termos gerais, a instituição responde satisfatoriamente às necessidades de educação e emprego do jovem		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Limiars de Risco ⁴⁰			Não	Sim	S/Info.	N/A
1. O problema é, ou é provável que se torne significativo, se a situação persistir?			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

³⁷ Considerar que o jovem está a estudar a tempo inteiro se estiver a frequentar todas as unidades curriculares.

³⁸ Considerar desemprego quando a figura parental/cuidador não está a exercer nenhuma actividade profissional remunerada, mesmo que receba um subsídio temporário.

³⁹ Considerar sem actividade laboral quando a figura parental/cuidador não está a exercer nem nunca exerceu qualquer actividade profissional

⁴⁰ Os Limiars de Risco indicam a gravidade/seriedade da situação do jovem, na medida em que avaliam até que ponto a sua situação actual afecta ou poderá afectar o seu desenvolvimento em diversos domínios.

Secção 3: Acordo e Serviços/Intervenções⁴¹

Que serviços estiveram envolvidos no caso, durante o período de acolhimento na Instituição?				
	Não	Sim	S/Info.	N/A
1. Saúde mental	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Outra especialidade médica. Qual? _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Educação (ensino especial)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Serviços do I.R.S.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Serviços Policiais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Terapias (fala, psicomotricidade e/ou ocupacional)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Unidade terapêutica e de socialização	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

O que foi realizado com o Jovem, durante o período de acolhimento na Instituição?				
8. Aconselhamento/accompanhamento psicológico ao jovem	Serviço já a ser utilizado na altura da referência inicial			<input type="checkbox"/>
	Serviço não oferecido	<input type="checkbox"/>	Serviço já a ser utilizado, mas a sua natureza ou intensidade foi alterada	<input type="checkbox"/>
	Serviço oferecido e rejeitado	<input type="checkbox"/>		N/A <input type="checkbox"/>
	Serviço oferecido e aceite	<input type="checkbox"/>		S/Info. <input type="checkbox"/>
9. Apoio educacional extra	Serviço já a ser utilizado na altura da referência inicial			<input type="checkbox"/>
	Serviço não oferecido	<input type="checkbox"/>	Serviço já a ser utilizado, mas a sua natureza ou intensidade foi alterada	<input type="checkbox"/>
	Serviço oferecido e rejeitado	<input type="checkbox"/>		N/A <input type="checkbox"/>
	Serviço oferecido e aceite	<input type="checkbox"/>		S/Info. <input type="checkbox"/>
10. Apoio de educação especial	Serviço já a ser utilizado na altura da referência inicial			<input type="checkbox"/>
	Serviço não oferecido	<input type="checkbox"/>	Serviço já a ser utilizado, mas a sua natureza ou intensidade foi alterada	<input type="checkbox"/>
	Serviço oferecido e rejeitado	<input type="checkbox"/>		N/A <input type="checkbox"/>
	Serviço oferecido e aceite	<input type="checkbox"/>		S/Info. <input type="checkbox"/>
11. Aconselhamento legal especializado	Serviço já a ser utilizado na altura da referência inicial			<input type="checkbox"/>
	Serviço não oferecido	<input type="checkbox"/>	Serviço já a ser utilizado, mas a sua natureza ou intensidade foi alterada	<input type="checkbox"/>
	Serviço oferecido e rejeitado	<input type="checkbox"/>		N/A <input type="checkbox"/>
	Serviço oferecido e aceite	<input type="checkbox"/>		S/Info. <input type="checkbox"/>
12. Modificação comportamental	Serviço já a ser utilizado na altura da referência inicial			<input type="checkbox"/>
	Serviço não oferecido	<input type="checkbox"/>	Serviço já a ser utilizado, mas a sua natureza ou intensidade foi alterada	<input type="checkbox"/>
	Serviço oferecido e rejeitado	<input type="checkbox"/>		N/A <input type="checkbox"/>
	Serviço oferecido e aceite	<input type="checkbox"/>		S/Info. <input type="checkbox"/>

O que foi realizado com a família do jovem, durante o período de acolhimento na Instituição? ⁴²				
1. Adulto temporariamente fora do seu espaço habitacional	Serviço já a ser utilizado na altura da referência inicial			<input type="checkbox"/>
	Serviço não oferecido	<input type="checkbox"/>	Serviço já a ser utilizado, mas a sua natureza ou intensidade foi alterada	<input type="checkbox"/>
	Serviço oferecido e rejeitado	<input type="checkbox"/>		N/A <input type="checkbox"/>
	Serviço oferecido e aceite	<input type="checkbox"/>		S/Info. <input type="checkbox"/>
2. Trabalho directo com a família. Qual? _____	Serviço já a ser utilizado na altura da referência inicial			<input type="checkbox"/>
	Serviço não oferecido	<input type="checkbox"/>	Serviço já a ser utilizado, mas a sua natureza ou intensidade foi alterada	<input type="checkbox"/>
	Serviço oferecido e rejeitado	<input type="checkbox"/>		N/A <input type="checkbox"/>
	Serviço oferecido e aceite	<input type="checkbox"/>		S/Info. <input type="checkbox"/>
3. Medicação para adultos	Serviço já a ser utilizado na altura da referência inicial			<input type="checkbox"/>
	Serviço não oferecido	<input type="checkbox"/>	Serviço já a ser utilizado, mas a sua natureza ou intensidade foi alterada	<input type="checkbox"/>
	Serviço oferecido e rejeitado	<input type="checkbox"/>		N/A <input type="checkbox"/>
	Serviço oferecido e aceite	<input type="checkbox"/>		S/Info. <input type="checkbox"/>
4. Formação profissional/Educação	Serviço já a ser utilizado na altura da referência inicial			<input type="checkbox"/>
	Serviço não oferecido	<input type="checkbox"/>	Serviço já a ser utilizado, mas a sua natureza ou intensidade foi alterada	<input type="checkbox"/>
	Serviço oferecido e rejeitado	<input type="checkbox"/>		N/A <input type="checkbox"/>
	Serviço oferecido e aceite	<input type="checkbox"/>		S/Info. <input type="checkbox"/>
5. Intervenção pontual ou sistemática no seu espaço habitacional	Serviço já a ser utilizado na altura da referência inicial			<input type="checkbox"/>
	Serviço não oferecido	<input type="checkbox"/>	Serviço já a ser utilizado, mas a sua natureza ou intensidade foi alterada	<input type="checkbox"/>
	Serviço oferecido e rejeitado	<input type="checkbox"/>		N/A <input type="checkbox"/>
	Serviço oferecido e aceite	<input type="checkbox"/>		S/Info. <input type="checkbox"/>

⁴¹ Esta secção inclui todos os serviços prestados dentro e fora da instituição.

⁴² Esta secção inclui todos os serviços que foram oferecidos pela Instituição e por outras entidades ao jovem ou à sua família.

6. Intervenção pontual ou sistemática nas relações familiares		Serviço já a ser utilizado na altura da referência inicial	<input type="checkbox"/>
Serviço não oferecido	<input type="checkbox"/>	Serviço já a ser utilizado, mas a sua natureza ou intensidade foi alterada	<input type="checkbox"/>
Serviço oferecido e rejeitado	<input type="checkbox"/>	N/A	<input type="checkbox"/>
Serviço oferecido e aceite	<input type="checkbox"/>	S/Info.	<input type="checkbox"/>
7. Intervenção pontual ou sistemática na área da saúde física		Serviço já a ser utilizado na altura da referência inicial	<input type="checkbox"/>
Serviço não oferecido	<input type="checkbox"/>	Serviço já a ser utilizado, mas a sua natureza ou intensidade foi alterada	<input type="checkbox"/>
Serviço oferecido e rejeitado	<input type="checkbox"/>	N/A	<input type="checkbox"/>
Serviço oferecido e aceite	<input type="checkbox"/>	S/Info.	<input type="checkbox"/>
8. Intervenção pontual ou sistemática na área da saúde psicológica		Serviço já a ser utilizado na altura da referência inicial	<input type="checkbox"/>
Serviço não oferecido	<input type="checkbox"/>	Serviço já a ser utilizado, mas a sua natureza ou intensidade foi alterada	<input type="checkbox"/>
Serviço oferecido e rejeitado	<input type="checkbox"/>	N/A	<input type="checkbox"/>
Serviço oferecido e aceite	<input type="checkbox"/>	S/Info.	<input type="checkbox"/>
9. Intervenção pontual ou sistemática na área do emprego/socioeconómica		Serviço já a ser utilizado na altura da referência inicial	<input type="checkbox"/>
Serviço não oferecido	<input type="checkbox"/>	Serviço já a ser utilizado, mas a sua natureza ou intensidade foi alterada	<input type="checkbox"/>
Serviço oferecido e rejeitado	<input type="checkbox"/>	N/A	<input type="checkbox"/>
Serviço oferecido e aceite	<input type="checkbox"/>	S/Info.	<input type="checkbox"/>
10. Organização/orientação nas rotinas do quotidiano		Serviço já a ser utilizado na altura da referência inicial	<input type="checkbox"/>
Serviço não oferecido	<input type="checkbox"/>	Serviço já a ser utilizado, mas a sua natureza ou intensidade foi alterada	<input type="checkbox"/>
Serviço oferecido e rejeitado	<input type="checkbox"/>	N/A	<input type="checkbox"/>
Serviço oferecido e aceite	<input type="checkbox"/>	S/Info.	<input type="checkbox"/>
11. Aconselhamento de benefícios sociais		Serviço já a ser utilizado na altura da referência inicial	<input type="checkbox"/>
Serviço não oferecido	<input type="checkbox"/>	Serviço já a ser utilizado, mas a sua natureza ou intensidade foi alterada	<input type="checkbox"/>
Serviço oferecido e rejeitado	<input type="checkbox"/>	N/A	<input type="checkbox"/>
Serviço oferecido e aceite	<input type="checkbox"/>	S/Info.	<input type="checkbox"/>
12. Aconselhamento legal especializado		Serviço já a ser utilizado na altura da referência inicial	<input type="checkbox"/>
Serviço não oferecido	<input type="checkbox"/>	Serviço já a ser utilizado, mas a sua natureza ou intensidade foi alterada	<input type="checkbox"/>
Serviço oferecido e rejeitado	<input type="checkbox"/>	N/A	<input type="checkbox"/>
Serviço oferecido e aceite	<input type="checkbox"/>	S/Info.	<input type="checkbox"/>
13. Outro aconselhamento. Qual? _____		Serviço já a ser utilizado na altura da referência inicial	<input type="checkbox"/>
Serviço não oferecido	<input type="checkbox"/>	Serviço já a ser utilizado, mas a sua natureza ou intensidade foi alterada	<input type="checkbox"/>
Serviço oferecido e rejeitado	<input type="checkbox"/>	N/A	<input type="checkbox"/>
Serviço oferecido e aceite	<input type="checkbox"/>	S/Info.	<input type="checkbox"/>
14. Advocacia		Serviço já a ser utilizado na altura da referência inicial	<input type="checkbox"/>
Serviço não oferecido	<input type="checkbox"/>	Serviço já a ser utilizado, mas a sua natureza ou intensidade foi alterada	<input type="checkbox"/>
Serviço oferecido e rejeitado	<input type="checkbox"/>	N/A	<input type="checkbox"/>
Serviço oferecido e aceite	<input type="checkbox"/>	S/Info.	<input type="checkbox"/>
15. Mediação		Serviço já a ser utilizado na altura da referência inicial	<input type="checkbox"/>
Serviço não oferecido	<input type="checkbox"/>	Serviço já a ser utilizado, mas a sua natureza ou intensidade foi alterada	<input type="checkbox"/>
Serviço oferecido e rejeitado	<input type="checkbox"/>	N/A	<input type="checkbox"/>
Serviço oferecido e aceite	<input type="checkbox"/>	S/Info.	<input type="checkbox"/>
16. Apoio financeiro		Serviço já a ser utilizado na altura da referência inicial	<input type="checkbox"/>
Serviço não oferecido	<input type="checkbox"/>	Serviço já a ser utilizado, mas a sua natureza ou intensidade foi alterada	<input type="checkbox"/>
Serviço oferecido e rejeitado	<input type="checkbox"/>	N/A	<input type="checkbox"/>
Serviço oferecido e aceite	<input type="checkbox"/>	S/Info.	<input type="checkbox"/>
17. Modificação comportamental		Serviço já a ser utilizado na altura da referência inicial	<input type="checkbox"/>
Serviço não oferecido	<input type="checkbox"/>	Serviço já a ser utilizado, mas a sua natureza ou intensidade foi alterada	<input type="checkbox"/>
Serviço oferecido e rejeitado	<input type="checkbox"/>	N/A	<input type="checkbox"/>
Serviço oferecido e aceite	<input type="checkbox"/>	S/Info.	<input type="checkbox"/>
18. Trabalho em grupo		Serviço já a ser utilizado na altura da referência inicial	<input type="checkbox"/>
Serviço não oferecido	<input type="checkbox"/>	Serviço já a ser utilizado, mas a sua natureza ou intensidade foi alterada	<input type="checkbox"/>
Serviço oferecido e rejeitado	<input type="checkbox"/>	N/A	<input type="checkbox"/>
Serviço oferecido e aceite	<input type="checkbox"/>	S/Info.	<input type="checkbox"/>
19. Aproximação do jovem à família		Serviço já a ser utilizado na altura da referência inicial	<input type="checkbox"/>
Serviço não oferecido	<input type="checkbox"/>	Serviço já a ser utilizado, mas a sua natureza ou intensidade foi alterada	<input type="checkbox"/>
Serviço oferecido e rejeitado	<input type="checkbox"/>	N/A	<input type="checkbox"/>
Serviço oferecido e aceite	<input type="checkbox"/>	S/Info.	<input type="checkbox"/>
20. Outro. Qual? _____		Serviço já a ser utilizado na altura da referência inicial	<input type="checkbox"/>
Serviço não oferecido	<input type="checkbox"/>	Serviço já a ser utilizado, mas a sua natureza ou intensidade foi alterada	<input type="checkbox"/>
Serviço oferecido e rejeitado	<input type="checkbox"/>	N/A	<input type="checkbox"/>
Serviço oferecido e aceite	<input type="checkbox"/>	S/Info.	<input type="checkbox"/>

Com que frequência a equipa que preencheu o formulário esteve em desacordo em relação às respostas?

Nunca (0) Raramente (1 a 5) Ocasionalmente (6 a 10) Esporadicamente (11 a 15) Regularmente (16 a 20) Frequentemente (+ de 20)

Caracterização da Equipa que preencheu o QANJAR

Nº de pessoas que respondeu ao Formulário							
	Idade	Sexo	Área de Formação	Cargo/ Função	Escolaridade	Tempo de trabalho com o jovem em avaliação	Tempo de trabalho na instituição
Elemento 1							
Elemento 2							
Elemento 3							
Elemento 4							
Elemento 5							

Anexo 4

Origem e Fontes de Operacionalização dos Itens do QANJAR

Área	Item	Origem/Fonte de operacionalização				
		Focus	FDA	CAR	Outros instrumentos e literatura ⁴³	Lei tutelar educativa e técnicos ⁴⁴
Situação Habitacional	1. Residência de acolhimento tipo		X			
	2. Outros familiares na Residência de Acolhimento (RA)		X			
	3. Nº total de irmãos e irmãs (sem incluir o jovem)		X			
	4. Nº de pessoas com quem o jovem partilha o quarto	X				
	5. Todos os irmãos menores vivem com o jovem		X			
	6. Jovem já esteve anteriormente em acolhimento		X			
	7. Habitação da família sobrelotada		X			
	8. Habitação da família precisa de melhoramentos em termos das estruturas		X			
	9. Habitação da família precisa de melhoramentos em termos dos equipamentos		X			
	10. Mudança frequente da família de bairro/habitação		X			
	11. Família nova na área		X			
	12. Habitação temporária da família (abrigo, pensão, etc.)		X			
	13. Família sem-abrigo		X			
	14. Família isolada socialmente		X			
	15. Família com problemas económicos		X			
	16. Família experiencia e/ou tem medo de crime		X			
	17. Bairro da família inadequado para educar crianças/jovens		X			
	18. Família vive em ambiente perigoso		X			
	19. Família com carência de bens percebidos como básicos		X			
	20. Família dependente de benefícios sociais		X			
	21. Residência de acolhimento sobrelotada	X				
	22. Residência de acolhimento precisa de melhoramentos em termos de estruturas e/ou de equipamentos	X				
	23. Mudança frequente de bairro/residência de acolhimento	X				
	24. Localização da residência de acolhimento inadequada para educar crianças/jovens	X				
	25. Jovem vive em ambiente perigoso	X				
	26. Residência de acolhimento com carência de bens percebidos como básicos	X				
	27. Existe um clima de insegurança/desconfiança entre os educandos da residência de acolhimento	X				
	28. Os horários da residência de acolhimento são muito rígidos	X				
	29. Existem conflitos frequentes entre os educandos	X				
	30. Ligação mantida a lugar onde jovem viveu		X			
	31. Funcionamento da residência de acolhimento aproxima-se dum ambiente familiar				X ²	
	32. Jovem tem um espaço pessoal que é respeitado	X				
	33. O jovem geralmente compreende as regras que lhe são impostas	X				
	34. O jovem geralmente aceita as regras que lhe são impostas	X				
	35. Bom apoio social no bairro actual do jovem		X			
	36. Existem recursos disponíveis na comunidade da RA (centro de saúde, pavilhão desportivo, biblioteca...)	X		X		
	37. Jovem usufrui dos recursos disponíveis na comunidade	X		X		
	38. Em termos gerais, a instituição responde satisfatoriamente às necessidades habitacionais do jovem				X ¹	

⁴³ Note-se que os números na tabela se referem a: 1 - Sistema de Avaliação de Necessidades (Department of Health, 2000^a); 2- Bullock, Little, e Milham (1993), Casas (1993), Valle (1998), citados por Calheiros et al. (2005); 3 - Lemon et al. (2005) e Green e Ellis (2007).

⁴⁴ Na tabela, o “T” refere-se aos itens sugeridos por técnicos.

Relações Sociais e Familiares	1. Relação do jovem com a mãe	X	X		
	2. Relação do jovem com o pai	X	X		
	3. Relação do jovem com irmãos/irmãs	X	X		
	4. Relação do jovem com outros familiares	X	X		
	5. Relação do jovem com outros não familiares (vizinhos, amas, educadores, professores, colegas de internato)	X	X		
	6. O jovem procura apoio principalmente nos ...	X			
	7. Jovem foi alvo de maus-tratos		X		
	8. Maus-tratos ao jovem por familiares. Quem?		X		
	9. Maus-tratos ao jovem por não familiares. Quem?		X		
	10. Abuso Sexual		X		
	11. Mau Trato Psicológico		X		
	12. Mau Trato Físico		X		
	13. Negligência Física		X		
	14. Negligência Psicológica		X		
	15. Discórdia familiar		X		
	16. Família sobrecarregada por cuidados ao jovem e/ou a outros		X		
	17. Ruptura familiar/divórcio		X		
	18. Violência doméstica		X		
	19. As regras na residência de acolhimento do jovem são seguidas de forma consistente	X			
	20. Existe um ou mais membros da equipa técnico educativa cujo cansaço/falta de motivação se possa reflectir na sua relação com o jovem	X			
	21. Existe rotatividade das equipas técnico-educativas que são responsáveis pelo jovem	X			
	22. Alguém da família gosta/cuida do jovem	X	X		
	23. Adulto significativo para além da família que gosta/cuida do jovem	X	X		
	24. Elementos da família têm competências para lidar com os problemas do jovem		X		
	25. Jovem compreende os problemas familiares		X		
	26. Jovem lida adequadamente com os problemas familiares		X		
	27. O jovem tem uma relação de proximidade com pelo menos um dos educadores	X			
	28. O jovem confia nos técnicos e educadores	X			
	29. São dados reforços positivos e negativos ao jovem de forma equilibrada	X			
	30. Existe um equilíbrio entre a autonomia que é dada ao jovem e a sua responsabilidade	X			
	31. O jovem demonstra sentir-se compreendido/apoiado pelos seus educadores	X			
	32. Em termos gerais, a instituição promove relações positivas do jovem com os seus pares e cuidadores				X ¹
	33. Em termos gerais, a instituição promove relações positivas do jovem com a sua família				X ¹
Competências e Comportamentos Sociais e Anti-sociais	1. Relações do jovem com Pares na RA	X	X		
	2. Relações do jovem com Profissionais na RA	X	X		
	3. A sua higiene pessoal é	X		X	
	4. A arrumação/limpeza do seu quarto é	X		X	
	5. A gestão do dinheiro de que dispõe é	X		X	
	6. Comportamento agressivo na residência de acolhimento	X	X		
	7. Comportamento agressivo na escola	X	X		
	8. Comportamento agressivo na comunidade	X	X		
	9. Problemas de comportamento na residência de acolhimento	X	X		
	10. Problemas de comportamento na escola	X	X		
	11. Problemas de comportamento na comunidade	X	X		
	12. Indícios de Comportamento Anti-Social (CAS)	X	X		
	13. Condenado/repreendido por crime	X	X		
	14. Indícios de CAS em anos anteriores	X	X		
	15. Fugiu do lar	X	X		
	16. Comportamento sexual impróprio	X	X		

	17. Rede social fraca ou má	X	X				
	18. Falta ao respeito aos funcionários ou a outros, dentro e fora da residência de acolhimento	X					X
	19. Apodera-se de bens de outros	X					X
	20. Resiste e desobedece às ordens do pessoal da residência de acolhimento	X					X
	21. Comportamento agressivo em casa		X				
	22. Comportamento agressivo na comunidade		X				
	23. Comportamento sexual impróprio		X				
	24. Problemas com a policia		X				
	25. Condenado por crime		X				
	26. É agradável passar tempo com o jovem	X	X				
	27. Professores/Técnicos descrevem o jovem como afável		X				
	28. Quer melhorar o seu comportamento		X				
	29. Tem confiança na resolução de problemas		X				
	30. Tem competências sociais fora do contexto da residência de acolhimento	X	X				
	31. Tem alguém fora da família em quem confia	X	X				
	32. Tem alguém fora da residência de acolhimento em quem confia	X	X				
	33. Sente que os educadores confiam nele	X					
	34. Participa na elaboração e nas tomadas de decisão relativamente ao seu projecto pessoal	X					X
	35. Efectua pedidos, queixas e/ou reclamações						X
	36. Respeita o conceito de propriedade	X	X				
	37. Consegue estabelecer objectivos				X ³		
	38. Consegue realizar tarefas domésticas	X			X ³		
	39. Consegue gerir/planear a sua vida enquanto cidadão integrado na sociedade	X			X ³		
	40. Acredita que a Instituição pode melhorar	X					
	41. Tem expectativas positivas em relação ao seu futuro				X ³		
	42. Expressa a sua opinião e/ou sentimentos				X ³		
	43. É capaz de tomar as suas decisões				X ³		
	44. O jovem é ouvido/participa nas tomadas de decisão da Instituição que se irão reflectir no seu quotidiano	X					
	45. Participa na divisão/atribuição de tarefas da residência de acolhimento	X					
	46. Comparece, cumpre os horários, das actividades previstas no seu projecto pessoal						X
	47. Aceita o valor da sua mesada	X					
	48. Tem uma conta poupança	X					
	49. Dispõe de dinheiro além da mesada						T
	50. A residência promove actividades de lazer diversificadas						T
	51. Em termos gerais, a instituição favorece o desenvolvimento de comportamentos sociais adequados				X ¹		
Saúde Física e Psicológica	1. Doença mental crónica	X	X				
	2. Doença mental aguda, temporária	X	X				
	3. Doença física crónica	X	X				
	4. Doença física aguda, temporária	X	X				
	5. Dificuldades de aprendizagem	X	X				
	6. Deficiência física	X	X				
	7. História de auto-mutilação	X	X				
	8. Ideação suicida	X	X				
	9. Consumo inadequado de álcool	X	X				
	10. Consumo de drogas	X	X				
	11. Gravidez		X				
	12. Stress/incapacidade de ajustamento	X	X				
	13. Infeliz	X	X				
	14. Enurese/encoprese	X	X				
	15. Perturbações alimentares (ex. obesidade e anorexia)	X	X				

	16. Atraso de desenvolvimento físico	X	X			
	17. Atraso de desenvolvimento psicológico	X	X			
	18. Perturbação específica emocional ou de comportamento	X	X			
	19. Não tem um padrão de sono regular	X		X		
	20. Tem complexos em relação à sua aparência	X		X		
	21. Sente-se incapaz de controlar o que o rodeia	X		X		
	22. Sente que exigem demasiado de si	X				
	23. Sente alguma vergonha por ser educando da Instituição	X				
	24. Doença mental crónica		X			
	25. Doença mental aguda, temporária		X			
	26. Doença física crónica		X			
	27. Doença física aguda, temporária		X			
	28. Dificuldades de aprendizagem		X			
	29. Deficiência física		X			
	30. História de auto-mutilação		X			
	31. Ideação suicida		X			
	32. Uso inadequado de álcool		X			
	33. Uso inadequado de drogas		X			
	34. Stress/incapacidade de ajustamento		X			
	35. Infeliz		X			
	36. Isolado/a		X			
	37. Depressão		X			
	38. Diagnóstico preciso do problema mental do jovem	X	X			
	39. O jovem tem facilidade em aceder a bens essenciais à saúde (ex. óculos)	X				
	40. Adultos sabem como lidar com os problemas físicos e mentais do jovem	X	X			
	41. Jovem sabe como lidar com os problemas físicos e mentais da família	X	X			
	42. Consegue gerir as suas emoções			X		
	43. Demonstra ser responsável pela sua saúde	X		X		
	44. Tem conhecimento adequado sobre sexo e contraceção			X		
	45. É auto-confiante	X		X		
	46. Consegue exprimir sinais claros do seu mal-estar	X				
	47. Sente que a instituição se preocupa com o seu bem-estar	X				
	48. Procura adaptar-se ou está adaptado à sua situação de acolhimento	X				
	49. Em termos gerais, a instituição responde satisfatoriamente às necessidades de saúde física e psicológica do jovem				X ¹	
Educação e Emprego	1. Educação a tempo inteiro (especial)		X			
	2. Educação a tempo inteiro (regular)		X			
	3. Educação a tempo parcial (especial)		X			
	4. Educação a tempo parcial (regular)		X			
	5. Acima da idade escolar, emprego a tempo inteiro		X			
	6. Acima da idade escolar, emprego a tempo parcial		X			
	7. Acima da idade escolar, desempregado/a		X			
	8. Participa em actividades extracurriculares					T
	9. Em escola exterior à instituição		X			
	10. Emprego / pago a tempo inteiro		X			
	11. Emprego / pago a tempo parcial		X			
	12. Desemprego		X			
	13. Sem actividade laboral		X			
	14. Reformado/pensão por invalidez		X			
	15. Educação/formação a tempo inteiro		X			
	16. Educação/formação a tempo parcial		X			
	17. Necessidades educacionais especiais-graves		X			
	18. Necessidades educacionais especiais-não graves		X			
	19. Permanentemente excluído/a da escola	X	X			

	20. Temporariamente excluído/a da escola	X	X		
	21. Excluído/a da escola anteriormente	X	X		
	22. Mudanças de escola frequentes	X	X		
	23. Falta à escola com regularidade	X	X		
	24. Professor/a afirma que o jovem não atingiu o seu potencial		X		
	25. Má relação com professor/empregador	X	X		
	26. Isolado/a na escola ou trabalho	X	X		
	27. Vítima de agressões/intimidação na escola	X	X		
	28. Experiência de racismo/discriminação	X	X		
	29. Agride/intimida outras crianças/jovens na escola	X	X		
	30. Expectativas irrealistas dos técnicos		X		
	31. Inteligência acima da média		X		
	32. Descrito/a como trabalhador/a	X	X		
	33. Apreciado/a por outros alunos/colegas	X	X		
	34. Apreciado/a por professor/empregador	X	X		
	35. Família envolvida na educação do jovem		X		
	36. Descrito/a como talentoso/a numa área		X		
	37. Gosta da escola	X	X		
	38. Tem hobbies e interesses		X		
	39. Em termos gerais, a instituição responde satisfatoriamente às necessidades de educação e emprego do jovem			X ¹	
Limitares de Risco	O problema é, ou é provável que se torne significativo, se a situação persistir?		X		

Anexo 5

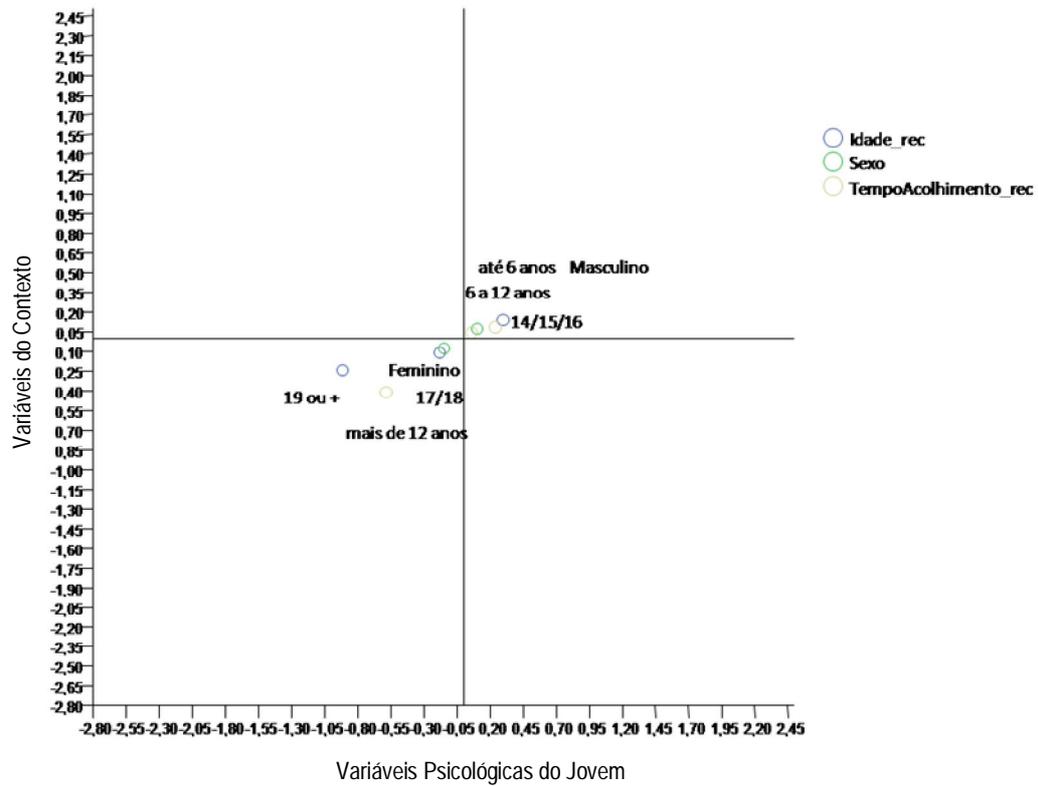
Coordenadas das Categorias

Variável/Item	Categoria	Frequência	Coordenadas por Dimensão	
			1	2
Mudança frequente de bairro/residência de acolhimento	Não	83	-0,064	0,262
	Sim	9	0,544	-2,357
Jovem vive em ambiente perigoso	Não	88	-0,02	0,13
	Sim	4	0,348	-2,708
Residência de acolhimento com carência de bens percebidos como básicos	Não	84	-0,026	0,225
	Sim	8	0,227	-2,294
Problemas de comportamento e/ou comportamento agressivo na residência de acolhimento	Não	58	-0,568	0,007
	Sim	34	0,959	0,005
Problemas de comportamento e/ou comportamento agressivo na escola	Não	54	-0,524	0,122
	Sim	30	0,888	-0,216
Rede social fraca ou má	Não	48	-0,608	-0,067
	Sim	41	0,623	0,036
Falta ao respeito e/ou resiste e desobedece aos funcionários ou a outros	Não	48	-0,648	-0,069
	Sim	44	0,698	0,088
Professores/Técnicos descrevem o jovem como afável	Não	24	1,115	-0,117
	Sim	68	-0,399	0,05
Tem confiança na resolução de problemas	Não	24	0,982	0,005
	Sim	64	-0,384	-0,058
Sente que os educadores confiam nele	Não	34	0,901	0,003
	Sim	57	-0,534	0,005
Consegue estabelecer objectivos	Não	27	1,055	-0,085
	Sim	65	-0,444	0,044
Acredita que a Instituição pode melhorar	Não	30	0,881	0,232
	Sim	50	-0,565	-0,245
Stress/incapacidade de ajustamento ou Infeliz	Não	47	-0,672	-0,135
	Sim	45	0,693	0,154
Perturbação específica emocional ou de comportamento	Não	59	-0,549	0,049
	Sim	33	0,97	-0,071
Sente-se incapaz de controlar o que o rodeia	Não	63	-0,442	-0,038
	Sim	27	1,002	0,051
Adultos sabem como lidar com os problemas físicos e mentais do jovem	Não	7	1,515	-1,678
	Sim	50	0,236	0,322
Consegue gerir as suas emoções	Não	41	0,759	0,212
	Sim	51	-0,618	-0,159
Demonstra ser responsável pela sua saúde	Não	33	0,789	0,236
	Sim	59	-0,448	-0,123
Falta à escola com regularidade	Não	59	-0,388	0,136
	Sim	20	1,102	-0,465
Descrito/a como trabalhador/a	Não	52	0,569	0
	Sim	39	-0,756	0,025
Apreciado/a por outros alunos/colegas	Não	29	0,985	0,168
	Sim	61	-0,488	-0,082
Jovem é apreciado por professor/empregador e/ou tem uma boa relação com o professor	Não	18	1,154	-0,317
	Sim	68	-0,410	0,039
Violência doméstica ou Discórdia familiar	Não	18	-0,243	-0,934
	Sim	71	0,082	0,242
Jovem lida adequadamente com os problemas familiares	Não	45	0,599	0,207
	Sim	47	-0,581	-0,186
O jovem demonstra sentir-se compreendido/apoiado pelos seus educadores	Não	34	0,755	0,212
	Sim	57	-0,448	-0,109
Habitação Sobrelotada ou Precisa Melhoramentos	Não	32	-0,192	-0,628
	Sim	51	0,118	0,391
Relação Pais	Fraca	38	0,103	-0,473
	Boa	54	-0,08	0,343

Relação do jovem com outros não familiares (vizinhos, amas, educadores, professores, colegas de internato)	Boa	41	-0,733	-0,309
	Média	44	0,355	0,596
	Fraca	7	2,008	-1,857
Relações do jovem com Pares na RA	Boa	41	-0,674	-0,26
	Média	40	0,261	0,553
	Fraca	11	1,528	-0,991
Relações do jovem com Profissionais na RA	Boa	42	-0,828	-0,271
	Média	40	0,413	0,55
	Fraca	10	1,786	-1,004

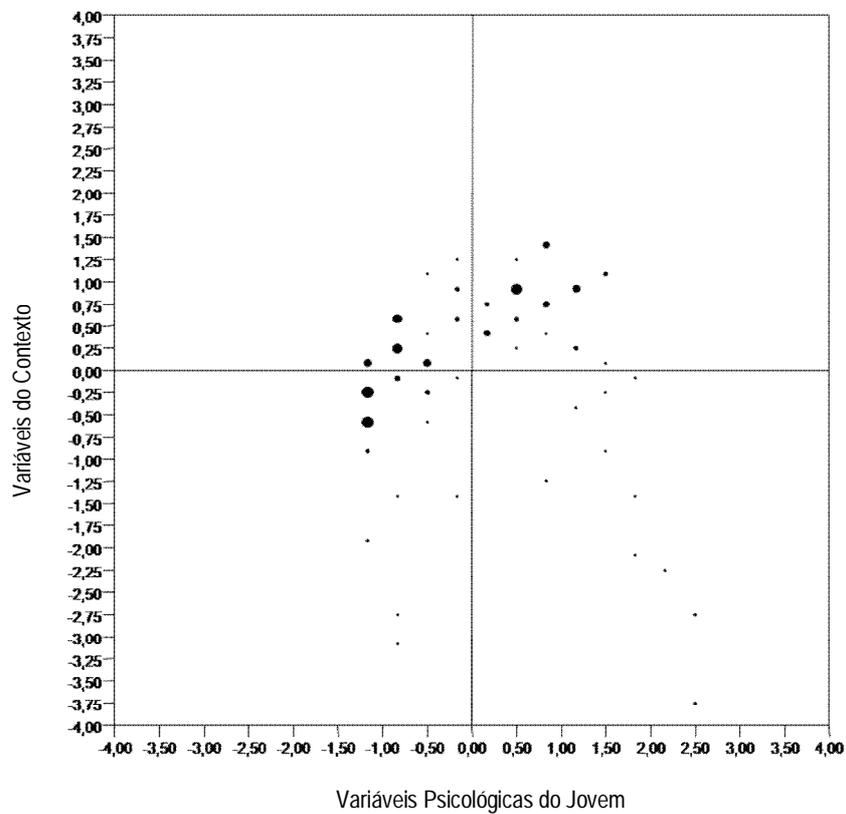
Anexo 6

Configuração das Variáveis Suplementares no Plano Bidimensional



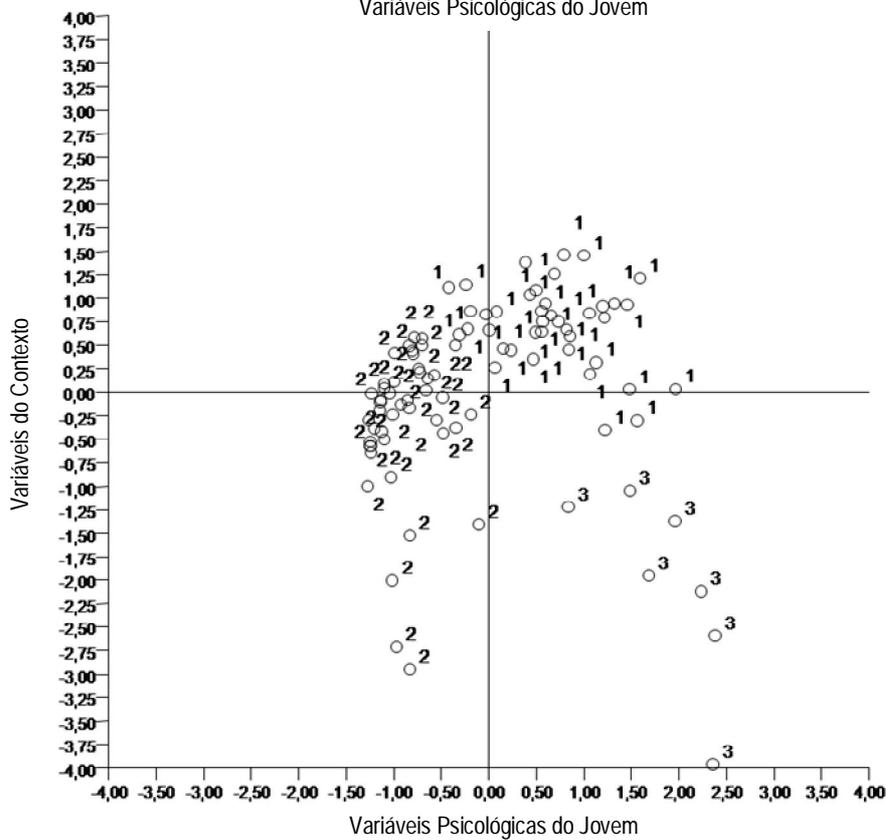
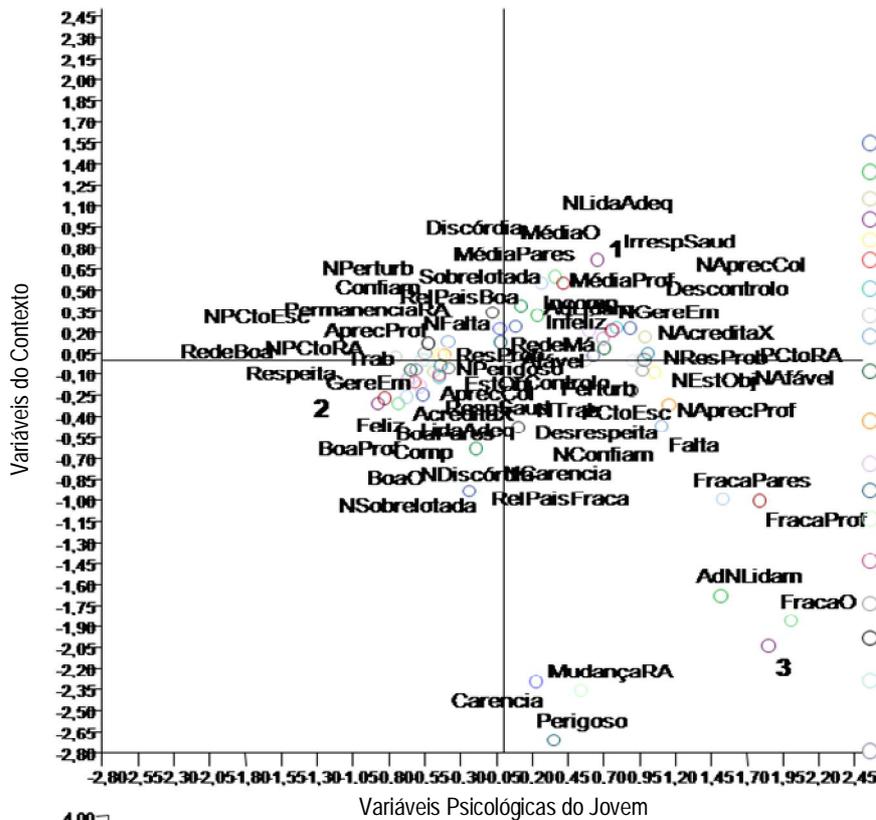
Anexo 7

Distribuição dos Sujeitos no Plano Bidimensional



Anexo 8

Distribuição dos Clusters juntamente com a Configuração das Categorias e dos Sujeitos no Plano Bidimensional



Anexo 9

Custom Tables referentes ao Cruzamento das Variáveis Activas da ACM com os Clusters

Variável/Item	Categoria	Cluster					
		1		2		3	
		n	% Válida	n	% Válida	n	% Válida
Mudança frequente de bairro/residência de acolhimento	Não	40	100,0	40	88,9	3	42,9
	Sim	0	,0	5	11,1	4	57,1
Jovem vive em ambiente perigoso	Não	40	100,0	43	95,6	5	71,4
	Sim	0	,0	2	4,4	2	28,6
Residência de acolhimento com carência de bens percebidos como básicos	Não	40	100,0	40	88,9	4	57,1
	Sim	0	,0	5	11,1	3	42,9
Problemas de comportamento e/ou comportamento agressivo na residência de acolhimento	Não	17	42,5	41	91,1	0	,0
	Sim	23	57,5	4	8,9	7	100,0
Problemas de comportamento e/ou comportamento agressivo na escola	Não	18	50,0	36	87,8	0	,0
	Sim	18	50,0	5	12,2	7	100,0
Rede social fraca ou má	Não	11	29,7	37	82,2	0	,0
	Sim	26	70,3	8	17,8	7	100,0
Falta ao respeito e/ou resiste e desobedece aos funcionários ou a outros	Não	13	32,5	35	77,8	0	,0
	Sim	27	67,5	10	22,2	7	100,0
Professores/Técnicos descrevem o jovem como afável	Não	15	37,5	3	6,7	6	85,7
	Sim	25	62,5	42	93,3	1	14,3
Tem confiança na resolução de problemas	Não	18	48,6	2	4,5	4	57,1
	Sim	19	51,4	42	95,5	3	42,9
Sente que os educadores confiam nele	Não	23	57,5	4	9,1	7	100,0
	Sim	17	42,5	40	90,9	0	,0
Consegue estabelecer objectivos	Não	18	45,0	2	4,4	7	100,0
	Sim	22	55,0	43	95,6	0	,0
Acredita que a Instituição pode melhorar	Não	24	72,7	2	5,0	4	57,1
	Sim	9	27,3	38	95,0	3	42,9
Stress/incapacidade de ajustamento ou Infeliz	Não	9	22,5	38	84,4	0	,0
	Sim	31	77,5	7	15,6	7	100,0
Perturbação específica emocional ou de comportamento	Não	16	40,0	42	93,3	1	14,3
	Sim	24	60,0	3	6,7	6	85,7
Sente-se incapaz de controlar o que o rodeia	Não	17	44,7	45	100,0	1	14,3
	Sim	21	55,3	0	,0	6	85,7
Adultos sabem como lidar com os problemas físicos e mentais do jovem	Não	1	2,8	1	6,3	5	100,0
	Sim	35	97,2	15	93,8	0	,0
Consegue gerir as suas emoções	Não	29	72,5	6	13,3	6	85,7
	Sim	11	27,5	39	86,7	1	14,3
Demonstra ser responsável pela sua saúde	Não	24	60,0	4	8,9	5	71,4
	Sim	16	40,0	41	91,1	2	28,6
Falta à escola com regularidade	Não	21	63,6	37	94,9	1	14,3
	Sim	12	36,4	2	5,1	6	85,7
Descrito/a como trabalhador/a	Não	32	80,0	13	29,5	7	100,0
	Sim	8	20,0	31	70,5	0	,0
Apreciado/a por outros alunos/colegas	Não	23	60,5	0	,0	6	85,7
	Sim	15	39,5	45	100,0	1	14,3
Jovem é apreciado por professor/empregador e/ou tem uma boa relação com o professor	Não	11	32,4	2	4,4	5	71,4
	Sim	23	67,6	43	95,6	2	28,6
Violência doméstica ou Discórdia familiar	Não	4	10,3	12	27,9	2	28,6
	Sim	35	89,7	31	72,1	5	71,4
Jovem lida adequadamente com os problemas familiares	Não	29	72,5	10	22,2	6	85,7
	Sim	11	27,5	35	77,8	1	14,3
O jovem demonstra sentir-se compreendido/apoiado pelos seus educadores	Não	24	60,0	5	11,4	5	71,4
	Sim	16	40,0	39	88,6	2	28,6
Habitação Sobrelotada ou Precisa Melhoramentos	Não	6	16,7	22	53,7	4	66,7
	Sim	30	83,3	19	46,3	2	33,3

Relação Pais	Fraca	12	30,0	20	44,4	6	85,7
	Boa	28	70,0	25	55,6	1	14,3
Relação do jovem com outros não familiares (vizinhos, amas, educadores, professores, colegas de internato)	Boa	6	15,0	35	77,8	0	,0
	Média	33	82,5	10	22,2	1	14,3
	Fraca	1	2,5	0	,0	6	85,7
Relações do jovem com Pares na RA	Boa	8	20,0	32	71,1	1	14,3
	Média	26	65,0	13	28,9	1	14,3
	Fraca	6	15,0	0	,0	5	71,4
Relações do jovem com Profissionais na RA	Boa	4	10,0	38	84,4	0	,0
	Média	31	77,5	7	15,6	2	28,6
	Fraca	5	12,5	0	,0	5	71,4

Europass-Curriculum Vitae

Informação Pessoal

Apelido / Nome próprio **Patrício, Joana Nunes**
Morada Rua Quinta da Vinha, nº33, 4ºdto, 2775-623, Carcavelos, Portugal.
Telefone(s) 214564756 Telemóvel: 964366063
Correio electrónico joana.nunespatricio@gmail.com
Nacionalidade Portuguesa
Data de nascimento 13/09/1986
Sexo Feminino

Educação e Formação

Datas Desde Setembro de 2007 (ainda a frequentar)
Designação da qualificação atribuída Mestrado em Psicologia Social e das Organizações
Nome e tipo da organização de ensino ou formação Instituto Superior de Ciências do Trabalho e das Empresas – Instituto Universitário de Lisboa
Nível segundo a classificação nacional ou internacional Por concluir.

Datas De Setembro de 2004 a Junho de 2007
Designação da qualificação atribuída Licenciatura em Psicologia
Nome e tipo da organização de ensino ou formação Instituto Superior de Ciências do Trabalho e das Empresas – Instituto Universitário de Lisboa
Nível segundo a classificação nacional ou internacional Classificação Final de 15 Valores

Experiência Profissional

Datas De Outubro de 2008 a Setembro de 2009
Função ou cargo ocupado Estágio como Elemento de Apoio à Investigação
Principais actividades e responsabilidades Participação em Projectos de Investigação e Intervenção Social, no âmbito do Acolhimento Residencial. Nestes, além das actividades primárias da investigação (ex. pesquisa, recolha e tratamento de dados), colaborei em actividades como:
- Diagnóstico de necessidades
- Análise de dados para avaliação intermédia de programas
- Elaboração de projectos
- Elaboração de relatórios
Nível segundo a classificação nacional ou internacional Estágio concluído com nota final de 18 valores
Nome e morada do empregador Centro de Investigação e Intervenção Social (CIS)
Avª das Forças Armadas, 1649-026, Lisboa.
Tipo de empresa ou sector Centro de Investigação

**Aptidões e Competências
Pessoais**

Língua(s) materna(s) **Português**

Outra(s) língua(s) **Inglês**

Auto-avaliação
Nível europeu (*)

Compreensão				Conversaão				Escrita	
Compreensão oral		Leitura		Interacção oral		Produção oral			
C1	Utilizador Experiente	C2	Utilizador Experiente	B2	Utilizador Independente	B1	Utilizador Independente	B2	Utilizador Independente

(*) *Nível do Quadro Europeu Comum de Referência (CECR)*

**Aptidões e Competências
Informáticas**

Bons conhecimentos de informática: Microsoft Word, Excel, Publisher, PowerPoint e Internet.
Conhecimento de softwares de análise de dados quantitativos (SPSS) e qualitativos (Atlas ti).